

Entre a TERRA e o MAR

Percurso e Experiência

PISCINAS FLUVIAIS DE LISBOA

JOANA AMARAL CRAVEIRO

INÊS LOBO
PEDRO CAMPOS COSTA

FEVEREIRO 2012
MESTRADO INTEGRADO EM ARQUITECTURA
DEPARTAMENTO DE ARQUITECTURA

UNIVERSIDADE AUTÓNOMA DE LISBOA



Dissertação segundo o acordo ortográfico de 1990

agradecimentos.

Em primeiro lugar aos meus professores ,Inês Lobo e Pedro Campos Costa pela enorme paciência e ajuda que revelaram desde o primeiro momento.

"sometimes we just have to look in a different manner in order to see the things more clearly"pg5 COSTA,Pedro Campos;LOURO,Nuno, Duas Linhas,norprint,Porto 2009

Aos meus Pais ,Irmãos ,Nina e Família porque sem eles nada seria possível.
Ao Frederico, pela enorme compreensão , estabilidade e por ter sempre acreditado.
Aos meus amigos, em especial ao João por não poder estar ao meu lado a apresentar a tese .

Vasco Pata

Susana Dimas

Filipa Rebelo de Andrade

Joana Alvarez

Maria Macedo

Madalena Pereira

Madalena Seabra

Teresa Saldanha

Frederico Ravara Marques

Stefano Santamatto

Mafalda Gallo

Inês Sanz Pinto

Às minhas amigas ,pelo que são.

Maria Muñoz

Maria Penha Garcia

Joana Pena

Aos tios , por me terem proporcionado recarregar baterias.

A todos os meus amigos que acomanharam este processo e não escrevi aqui, pelo enorme espírito de grupo e de entre-ajuda.

abstract.

Com a presente dissertação de mestrado, pretende-se atribuir importância ao acto de andar, enquanto “prática estética” (000). Esta análise é feita através de uma compilação bibliográfica, que não pretende sobrepor a verdadeira, mas apenas enquanto processo de consolidação de ideias. Desde o neolítico à contemporaneidade, o acto de andar estabelece uma relação sensorial e física que induz a apreensão corpórea homem vs espaço. A experiência, atribuída ao universo sensorial, e o percurso, enquanto marca física e artifício da paisagem .a pegada.

(000) *Careri, Walkscapes 2002*

Palavras Chave: Acto de andar, Corporeidade, Experiência, Percurso

With the present dissertation, it's intended to show the relevance of the walking action as aesthetic practice(000). This analysis is based on a bibliographical compilation that has not intention of overlapping the real one, but as only purpose to provide some base ideas and concepts . Since Neolithic Age until today the walking act establish a sensorial and physical relation which inducted the corporal perception between men and space.

The experience, attributed to the sensorial universe and the pathway while physical evidence and artifact of the landscape .a footprint ,a timestamp.

Keywords: Walking, Bodily, Experience, Path way

Entre a TERRA e o MAR

Percurso e Experiência

Índice geral

Índice Parte Teórica	
Introdução	pg.010
O acto de andar -percurso	pg.010
Andar como prática estética	pg.011
Abel e Caín- Do homem nómada ao homem sedentário	pg.011
Do espaço de andar à fundação do Lugar	pg.012
	pg.013
Da Cidade banal à Cidade Inconsciente	pg.014
Da internacional letrista à Internacional situacionista ,1960	pg.015
A sociedade do espectáculo. A critica de G.Debbord	pg.016
Da deriva à land walk	pg.017
land.walk- land art	pg.018
Transurbância	pg.019
A corporeidade como veículo á experiência	pg.020
Conclusão	pg.021
Bibiografia	pg.021
Índice Parte Prática	
Lisboa.Cidade	pg.025
Lisboa.Margem.	pg.035
Aterro da Boavista	pg.041
Entre a Terra e o Mar .Percurso e experiência	pg.052
Memória Descritiva	pg.054
Piscinas Fluviais de Lisboa	pg.056

Índice parte prática 01

Lisboa.Cidade	pg.025
ortofotomapa	pg.026
fotografia aérea	pg.027
sinopse	pg.027
análise da evolução da linha de Costa de Lisboa	
aterro como forma de ampliaçãode margem esc.1.30000	pg.028
sinopse	pg.031
planta de sistemas de mobilidade de lisboa esc.1.30000	pg.032
Lisboa.Margem	pg.035
sinopse	pg.037
planta de análise deLimites.	pg.038
Barreiras físicas entre a cidade e o rio esc.1.30000	
aterro da boavista	pg.041
ortofotomapa aterro	pg.043
aterro da boavista.sinopse	pg.045
análise diacrónica eixos viários	pg.046
análise diacrónica espaços verdes	pg.047
análise diacrónica edificado	pg.048
análise actual do aterro da boavista	pg.049
fotografias do lugar	pg.050
Entre a Terra e o Mar .	pg.052
Percurso e experiência	
Conceito	pg.053
Memória Descritiva	pg.054
Piscinas Fluviais de Lisboa	pg.056
Planta de Implantação esc.1.30000	pg.058
Diagramas da Proposta	pg.060
Planta de Implantação esc.1.3000	pg.061
Cortes Gerais de implantação esc.1.1000	pg.062
banhos. cidade	pg.064
Plantas laje1,2,3,4 esc.1.300	pg.065 à 068
planta	
axonometria	
esquema de núcleos estruturais	
esquema de áreas	
planta de circulações	
programa	
Plantas banhos.cidade esc.1.1000	pg.069
axonometria de lajes	
planta de lajes	
esquema de área total de edificação	
Percurso entre a terra e o mar . o mergulho	pg.070
Planta percurso esc.gráfica	pg.071
planta	
axonometria	
programa	
cortes esquemáticos	
planta esquemática de módulo	
planta de circulações	
alçados esquemáticos	
sinopse	

índice parte prática 02

piscinas fluviais. rio	pg.072
Planta Laje 1 esc.gráfica	pg.072
planta	
axonometria	
esquema de núcleos estruturais	
esquema de áreas	
planta de circulações	
programa	
Planta laje 2 esc.gráfica	pg.073
planta	
axonometria	
esquema de núcleos estruturais	
esquema de áreas	
planta de circulações	
programa	
Esquema de profundidade esc.gráfica	pg.074
planta (cotas de profundidade)	
axonometria	
esquema de profundidades	
programa	
Cortes longitudinais esc.gráfica	pg.076
viga a.percurso Privado	
corte longitudinal a'a	
corte longitudinal b'b	
Cortes longitudinais esc.gráfica	pg.078
viga b.percurso Público	
corte longitudinal c'c	
corte longitudinal d'd	
Cortes transversais esc.1.300	pg.080
cidade	
corte alçado transversal 1'1	pg.080
corte transversal 2'2	pg.080
corte transversal 3'3	pg.080
corte transversal 4'4	pg.080
corte transversal 5'5	pg.081
corte transversal 6'6	pg.081
corte transversal 7'7	pg.081
corte transversal 8'8	pg.081
atravessamento	
corte transversal 9'9	pg.082
corte transversal 10'10	pg.082
atravessamento.margem	
corte transversal 11'11	pg.082
corte transversal 12'12	pg.082
margem	
corte transversal 13'13	pg.082
corte transversal 14'14	pg.083
corte transversal 15'15	pg.083
rio	
corte transversal 16'16	pg.083
corte transversal 17'17	pg.083
Axonometria geral (sem escala)	pg.084
Corte construtivo esc.1.50	pg.087
Fotomontagens	pg.088
esquema visual de atravessamento cidade rio	
fotomontagem piscinas fluviais	
Cubos experimentais .entre a terra e o mar	pg.090

Índice de imagens 01

Índice Parte Teórica			
imagem000		autor desconhecido	pg.009
imagem001		Helena Almeida da série (Inhabited Drawings) <i>Sem Título</i> 1999 fotografia	pg.010
imagem002		caravana nómada fotografia el blog de José Fariña Tojo http://elblogdefarina.blogspot.com/2008/05/francesco-careri-walkscapes-el-andar.html	pg.010
imagem003		menhir of Dol,at Champ Dolent pg.53 Careri 2002	pg.012
imagem004		Helena Almeida, Estudo para dois espaços 1977,fotografia	pg.012
imagem005		Cartaz de abertura da época DADA. el blog de José Fariña Tojo	pg.012
imagem006		Marina Abramovick , Relation with space 1976, performance	pg.012
imagem00		Brus Günter Aktion Selbstbemalung ,theme Boby, 1964-conceptual art	pg.014
imagem008		Programa do movimento da internacional situacionista , fonte desconhecida	pg.014
imagem 009		Guy Debbord,Guide psychogeographique de Paris 1957	pg.014
imagem 010		Gilbert Garcin , Un pas de troupe fotografia http://www.gilbert-garcin.com/chrono/photos/photo_1993_1.php	pg.014
imagem 011		Constant, New Babylon el blog de José Fariña Tojo	pg.016
imagem012		Richard Long , Line made by walking 1967.land art	pg.016
imagem 013		Hamish Fulton, An object cannot with an experience capa de edição	pg.016
imgem014		Hamish Fulton,Mountain skyline (from Fourteen Works) 1982 - 1989	pg.018
imagem015		Helena Almeida ,Seduzir, 2001 fotografia	pg.018
imagem016		Bill Viola, Five angels for the millenium ,2001 fotografia	pg.018
imagem017		Bill Viola, através de um monitor ,2001 fotografia http://www.flickriver.com/photos/barkaway/popular-interesting/	pg.018
imagem018		Walter de Maria, Line In Tula Desert, 1969.	pg.020

Índice de imagens 02

Índice Parte Prática

imagem019		ortofotomapa de Lisboa	pg.026
imagem020		fotografia aérea de Lisboa fonte desconhecida	pg.027
imagem021		Lisboa.Marvila Joana Amaral Craveiro	pg.034
imagem022		ortofotomapa Aterro da Boavista	pg.043
imagem023		entre a terra e o mar aterro da Boavista Joana Amaral Craveiro	pg045
imagem024		a andar da cidade ao aterro Joana Amaral Craveiro	pg 050
imagem025		a andar da cidade ao aterro Joana Amaral Craveiro	pg.050 053
imagem026		a andar da cidade ao aterro Joana Amaral Craveiro	pg.050
imagem027		a andar da cidade ao aterro Joana Amaral Craveiro	pg.050
imagem 028		a andar da cidade ao aterro Joana Amaral Craveiro	pg.051
imagem 029		a andar da cidade ao aterro Joana Amaral Craveiro	pg.051
imagem 030		a andar da cidade ao aterro Joana Amaral Craveiro	pg.051
imagem031		a andar da cidade ao aterro Joana Amaral Craveiro	pg.051
imagem034		Helena Almeida estudos para dois espaços , 1997fotografia	pg.054
imagem035		Helena Almeida a experiência do lugar1 2001 fotografia	pg.054
imagem036		Landscape, studio in the woods isle of wight studio weave 2001 www.europaconcorsi.com	pg.054
imagem037		Anthony Gormley, Crosby beach autor desconhecido	pg.054
imagem 038		Bill Viola, The fall into paradise	pg.054
imagem 039		entre a terra e o mar Joana Amaral Craveiro (montagem) fotografias de autor desconhecido 1.autor desconhecido 2. autor desconhecido 3. autor desconhecido 4. mergulho,autor desconhecido	pg.052
imagem 040		Bill Viola, Ascention	pg.053
imagem 041		Antony Gormley, Crosby beach fotografia autor desconhecido	pg.075
imagem 042		Antony Gormley, Crosby beach fotografia autor desconhecido	pg.075
imagem 043		Instalação artista plástico Bob Wilson fonte desconhecida	pg.072
imagem 044		Imagem de água fonte desconhecida	pg.086
imagem045		Imagem de Betão(http://www.cgtextures.com/)	pg.086
imagem 046		Imagem Bétula(http://www.cifap.utad.pt/LPF_amostras_mad.htm)	pg.086

My artform is the short journey made by walking, in the landscape.(...)The only thing we should take of landscape are photographs.The only thing we should leave are footprints.

Hamish Fulton in *pg 145 Careri,2002*

imagem 000

Helena,Almeida da série [Inhabited Drawings]

«Sem Título» 1999 fotografia



imagem 001

{001} <http://www.infopedia.pt/lingua-portuguesa/percurso>

{002} <http://www.infopedia.pt/pesquisa-global/andar>

{003} <http://origemdapalavra.com.br/palavras/andar/>
<http://etimologias.dechile.net/?andar>

{004} Nóbrega, 2008

{005} Nóbrega, 2008

{006} Careri, 2002

caravana nómada,fotografia



imagem 002

{007} Careri, 2002

{008} Nóbrega, 2008

{009} pág 20 Careri ,2002

{010} pág 20 Careri ,2002

{011} pág 29Careri ,2002

{012} pág 29Careri ,2002 .

{013} pág 29Careri ,2002 .

{014} pág 28Careri ,2002 .

{015} pág 84Careri ,2002 .

Introdução

A componente teórica do trabalho, assume-se enquanto elemento de investigação e suporte à consolidação da estratégia do exercício prático.

A necessária coordenação entre a arquitectura e o lugar, obriga a uma reflexão sobre o tema da cidade. O entendimento do que é a metrópole, as dinâmicas de crescimento e matrizes de ocupação .

Esta reflexão procura , aquilo que é o toque da cidade no rio -a margem, e a experiência que pode resultar da relação entre dois sistemas. Uma zona de ecótono de apropriação , resultado da procura na cidade, de um percurso entre a terra e a água.

A procura deste limite entre os dois sistemas gera a estratégia de acção no contexto urbano, sendo esta compilação bibliográfica o resultado deste processo.

A necessidade de sustentação de uma ideia ou intuição para o projecto, que se revê na premissa da experiência de andar enquanto *prática estética*, e na corporeidade enquanto veículo à experiência na sua relação de marca “hipotética” do homem na paisagem.

How many roads must a men walk down, before you call him men

“Bob Dylan, lyric ,Blowing in the wind”

O acto de andar .Percurso

imagem 001

Percurso (s.m.) *1.acto ou efeito de percorrer ;2.espaço percorrido; 3.trajecto,roteiro,caminho* {001}

A etimologia da palavra percurso, do latim tardio *percursu*, é indissociável da ideia de um corpo em movimento sobre um espaço. O acto de percorrer ou a marca consequente do acto no universo espacial.

Dada a universalidade do termo, a palavra percurso surge neste contexto associada ao acto de andar, um homem em movimento, que evolutivamente vai traçando as directrizes em função das necessidades.

O percurso resultado da necessidade vai traçando, marcas,“artificializando”a paisagem .Marcas essas, “pegadas” que determinam a forma como se relaciona com o mundo.

Do neolítico à contemporaneidade, o acto de andar, produz efeitos na forma como o homem se relaciona em si próprio, com os outros e com o espaço (universo). O percurso é enunciado por esta relação.

Andar(v.i.). *1.Darpassos,caminhar.;2.Mover-se* {002}

A etimologia do termo andar -do latim ,infinitivo *ambulāre*, amlare, ambire. Do verbo ambire, que significa (dar voltas a) distinguem-se duas raízes ire-; (ir), e am-; (em torno de, arredor) e do qual provêm ambiente (o que rodeia),ambição (dar voltas a alguma coisa até conseguir) e âmbito, (no seu termo original, significa espaço que rodeia algo){003}

A palavra tem origem, no acto de usar as pernas como fim de produzir movimento | deslocamento e obviamente implicado com o termo *percurso*.

A capacidade de locomoção, prática natural e quase imediata, manifesta-se aproximadamente com um ano e meio de vida, acto consciente ou não, permite ao homem movimentar-se num espaço, caminhar sobre ele, e está absolutamente compreendida numa atitude corpórea de movimento face a um estímulo.

Em 1954 Maurice Merleau Ponty filósofo francês, lança ,“A fenomenologia da percepção”, obra em que introduz uma nova variável na “equação” do acto perceptivo - a corporeidade.

Para M.Ponty a percepção -é o acto consciente de apreensão do objecto, que parte do impulso sensorial como premissa do conhecimento. Este facto tende para a relação do corpo, em movimento, face a uma sensação.

Sobre este pressuposto, a noção de percepção advém do conceito de sensação, e está absolutamente compreendida na atitude corpórea -na experiência. *das coisas ao pensamento das coisas, reduz-se a experiência*^[004]

“A fenomenologia da percepção” re-introduz novos desígnios na teoria da percepção. M.Ponty redefine o conceito de sensação, consequentemente a noção de percepção, em que a apreensão dos sentidos é feita pelo corpo, e pela experiência do individuo, sobre determinado estímulo sensorial. *a cor, antes de ser vista, anuncia-se então pela experiencia de certa atitude do corpo que só convém a ela e com determinada precisão (Merleau Ponty)* ^[005]

O movimento, surge como condição á percepção, é através do corpo, que o homem conhece.

A experiência advém desta aptidão de movimento, cada objecto impulsiona um determinado tipo de acção - reacção, possibilitando interpretações, variáveis consoante a identidade do sujeito (circunstância).

Ora, tudo se resume ao corpo humano, ao entendimento físico e psíquico das suas relações, á proporcionalidade das suas necessidades, sendo que a arquitectura, não é mais, do que a interpretação desta condição sistematizada na criação de espaço.

A percepção do espaço advém da experimentação, da relação do corpo face á distância ,á proporção, á escala, á dimensão, e ao esforço .Manifesta-se assim que a presença do corpo é fundamental para a percepção espacial.

andar como prática estética^[6]

imagem 002

Francesco Careri, em walkscapes, afirma o acto de caminhar enquanto “prática estética”^[007] , como método de conhecer e transformar fisicamente o espaço ,o território, a paisagem.

É fundamental perceber que esta pesquisa ,de Careri , reflecte a análise sobre uma linha temporal, a evolução do homem e da espécie, e o necessário re-ajuste num processo de sucessivas etapas, reflexo das necessidades.

O acto de percorrer o espaço nasce da necessidade natural do homem, de se movimentar, ora já M.Ponty afirmava que a percepção é expressão de um corpo em movimento e era difusa, num contexto de estaticidade.

Antes da ciência do corpo - que implica a relação com outrem -, a experiência de minha carne como ganga de minha percepção ensinou-me que a percepção não nasce em qualquer outro lugar, mas emerge no recesso de um corpo.(Merleau Ponty) ^[008]

A prática de caminhar é consequente com a necessidade de conhecer, implicada num instinto de sobrevivência. O homem recolector, que procura na natureza os alimentos indispensáveis á condição de vida.

Instauradas as condições base de sobrevivência “o acto de caminhar converte-se num acto simbólico, que permite ao homem habitar o mundo.”*errare humanum est...*”^[009]

Através do andar o homem constrói a paisagem, o percurso converte-se na primeira acção estética ^[010]

O acto de caminhar procura uma nova ordem, com o propósito de estabilizar o caos do território. Este momento de transição, em que se assume o acto de andar não apenas como acto primário de transformação física do território, mas como prática estética de transformação simbólica da paisagem.

Abel e Caïn ... Do homem nómada ao homem sedentário

Errare humanum est...^[011]

Los hijos de Adán y Eva encarnan las dos almas en que fue dividida ,desde sus inicios ,la estire humana: Caín es la alma sedentária , Abel es el alma nómada ^[012]

A subdivisão da espécie em duas categorias, nómadas e sedentários, perspectiva duas maneiras de ocupar o mundo e conceber o espaço.

Os nómadas, experimentadores e aventureiros, habitavam espaços vazios abertos indefinidos ,caminhavam ,transformando a paisagem com o objectivo de construir um universo simbólico em torno de si mesmos. Os sedentários por oposição, fundam o lugar .

Habitavam o abrigo e eram os habitantes da cidade, os “arquitectos” do Mundo; dedicavam-se á agricultura, e criaram uma hierarquia de relações em si próprios e com a natureza.

Desta categorização da espécie perspectivam-se duas maneiras de habitar,^[013] e dois modos distintos de conceber espaço:

1) a arquitectura sub-entendida, na construção simbólica do espaço (experiência);

2)a arquitectura que funda o lugar ,que o constrói e reconhece, (a construção física e material do espaço).

O nomadismo assume no percurso o lugar simbólico da vida . Na imensidão do espaço, a pegada é a marca deixada pelo corpo na paisagem, e reflecte o caminhar como o único sinal reconhecível no território.

O acto de caminhar marca a ausência da acção do homem sobre o território definindo um espaço, ainda que “imaterial”.

Por más que el trayecto nómada siga pistas o caminos habituales, su función no es la del camino sedentário, que consiste en distribuir a los hombres en un espacio cerrado asignando a cada uno su parte y regulando la comunicación entre las partes . El trayecto hace lo contrario, distribuye los hombres (o los animales) en un espacio abierto, indefinido, no comunicante ^[014]

A ausência de pontos de referência estáveis na paisagem, incita á construção de um mapa mental, uma associação de ausências e de vazios que se conectam entre si, enfatizando assim as propriedades naturais de cada fragmento. Um mapa que se assemelha a um espaço líquido, *liquido amniótico* ^[015], em que os fragmentos do espaço de estar (sedentário)- matéria, são as ausências no andar(nómada)-as marcas.

[016] pág 51Careri ,2002

o menir



imagem 003

[017]

pág 52 Careri ,2002

[018]

pág 51 Careri ,2002

[019]

Shulz, 1998

[020]

pág 28 Careri ,2002

[021]

Shulz, 1998

[022]

Shulz, 1998

[023]

Nóbrega, 2008

[024]

Shuback, 1954

[025]

Shuback, 1954

Helena Almeida,Estudo para dois espaços

1977,fotografia



imagem 004

[026]

pág 20 Careri ,2002

[027]

Careri, 2002

[028]

Careri, 2002

[029]

pág 88 Careri ,2002



imagem 005

[030]

pág 21 Careri ,2002

[031]

pág 79Careri ,2002

[032]

in arte capital ,Mário Alves

[033]

pág 76Careri ,2002

[034]

pág 70Careri ,2002

[035]

pág 73Careri ,2002

[036]

in arte capital ,Mário Alves

[037]

pág 121 Schenekenburger,1999

[038]

pág 127 Schenekenburger,1999

[039]

trabalho performativo Marina Abramovick

Marina Abramovick,Relation with space, 1976 performance

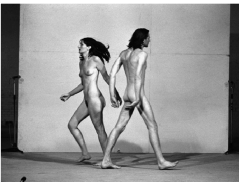


imagem 006

[040]

Careri, 2002

[041]

pág 84Careri ,2002

[042]

pág 88Careri ,2002

[043]

pág 86Careri ,2002

[044]

Careri, 2002

[045]

pág 85Careri ,2002

[046]

pág 86 Careri ,2002

[047]

<http://www.mendeley.com/research/spatial-practices-walking-city/>

[048]

pág 90 Careri ,2002

[049]

pág 90 Careri ,2002

Do espaço de andar à fundação do lugar.

O período Neolítico, é conotado pela transição do homem nómada a sedentário. F.Careri define o menir como o primeiro elemento transformador da paisagem, e de transição do estado natural ao artificial. [016]

O menir assume-se como a primeira acção física do homem no território, um ponto de marcação na paisagem e possivelmente de orientação. imagem 003

Ora, até ao menir, o acto de andar seria o único acto perceptivo e criativo capaz de modificar a paisagem, não através da construção física, mas como acto simbólico da transformação do lugar.

O erigir do Menir revela-se o ponto de charneira no processo histórico, a passagem do natural para o artificial, revela a acção física do homem sobre o território, a transformação da paisagem e a fundação do lugar. O acto de rodar a pedra horizontal 90 graus, e defini-la como um elemento vertical, não só lhe imputa vários significados enquanto elemento individual, como lhe acrescenta uma significação de relação com o território, enquanto elemento da paisagem; uma nova presença *que detiene el tiempo y el espacio.* [017]

A fundação do Lugar tem origem no menir, *objeto situado*[018] ,a necessidade do homem se relacionar com o espaço transformando-o e enaltecendo os seus significados.

O propósito existencial do construir,[arquitectura] é fazer um sitio tornar-se um lugar, isto é revelar os significados presentes de modo latente no ambiente dado. [019]

Esta transição ideológica de ver o espaço ,consequentemente altera a forma como o homem se relaciona com o território , com o habitat e com o habitar . Assiste-se então á transição do homem nómada, *anarquitectos* [020] , para o homem sedentário, o construtor de lugares , o arquitecto.

O “espírito de lugar *Genius Loci* [021] conceito que data da antiguidade romana, atribuía a cada lugar, um guardião espiritual, uma alma própria. Define-se o inicio de uma nova perspectiva de habitar o mundo; o inicio do espaço arquitéctónico .

O menir, elemento artificial da paisagem, define a passagem de território natural a lugar, conferindo-lhe características enquanto ponto de marcação e referência geográfica, [esquema referencial], na medida em que humaniza [artificializa] o espaço, *reconhece-se porque é construído.*[022]

Em 1979 , Christian Norbert -Shulz com “Genius loci: peasaggio, ambiente, architettura” em que compreender a “vocação do lugar ” se implica na origem do gesto arquitectónico.

O lugar assumido como um fragmento territorial, manifesta características que o contextualizam, bem como referências geográficas e morfológicas que lhe garantem uma identidade enquanto parte.

Contudo, o lugar é enfatizado pela arquitectura [artificial], porque até então, era apenas um fragmento territorial.

Martin Heidgger em *Construir, Habitar, Pensar*,[023] faz referência ao lugar, distinguindo-o de espaço. *A ponte é um lugar* [024] ora, antes de existir a ponte, ou o menir, o espaço é justificado por si mesmo.

É a artificialização do território que faz um sitio tornar-se lugar, é a acção do homem sobre o território, *a ponte não liga apenas as margens previamente existentes. É somente na travessia da ponte que as margens surgem como margens.* [025]

imagem 004

O acto de andar é sistematização do movimento no corpo humano através da coordenação das partes. O homem caminha e o percurso é consequência da “ intenção”. Do homem primitivo recolector até á fundação do menir, o acto de andar revela-se numa prática instintiva de sobrevivência. Contudo, com a civilização egípcia, os significados latentes nos atravessamentos nómadas foram traduzidos em práticas religiosas (*el ka*) *símbolo do eterno errar*^[026] , percursos ligados ao culto do sagrado.

Só no século XX com a desvinculação da religião e da literatura, implícitas *en el recorrido* ^[027], o acto de caminhar adquire a intenção de prática estética, considerando importante clarificar os três momentos, em que a experiência “de caminhar” se revela como prática metodológica da arte.1.a transição do Dadaísmo ao Surrealismo (1921.1924), 2. Da internacional letrista á internacional situacionista (1956-1957) ;3. Do minimalismo á Land Art (1966.1967).^[028]

Da Cidade banal à Cidade Inconsciente

^[029]

anti.walk uma prática estética na cidade

imagem 005

Do Dadaísmo ao surrealismo-1921.1924

O acto de andar foi experimentado nas 1^{as} décadas do século XX como forma de anti-arte, a cidade percorrida remonta desde as 1^{as} formas dadaístas até ás experiencias dos anos 70.

O acto de caminhar converte-se assim numa forma de arte autónoma, numa prática estética. ^[030]

Em 1921, Paris é cenário de uma primeira incursão urbana, a um lugar comum, “banal” *no tendría realmente ninguna razón de existir* ^[031]este momento marca uma série de caminhadas que dão início a um processo consciencialização mental, habitar a cidade mais do que representá-la.Uma operação simbólica que valoriza um espaço, em favor dum objecto.

Este processo consciente, tanto do dadaísmo, como mais tarde do surrealismo, assume uma nova afirmação estética na arte, em que o acto de caminhar ;a **experiência**, substitui a representação; a **imagem**. Estas experiências de deambular na cidade tem como contributo habitar a cidade em si mesma, descobrir o espaço não recorrendo a nenhuma acção material-física.

No início do século XX, o movimento e a velocidade, são tema das investigações vanguardistas, e serviram de mote a inúmeras representações “*La representación del movimiento*”, Etienne-Jules Marey,^[032]

Contudo, é com a experiência dada, que se define o 1º ready-made urbano *Saint-Julien-Le-Pauvre* uma representação prática que atribui um valor estético ao espaço^[033] . A cidade dadaísta afasta-se, da futurista ,o movimento, o processo tecnológico é entendido de outra maneira *del movimiento á su práctica en el espacio real* ^[034]-o acto de deambular como método de dessacralizar a arte, e de atingir *a união da arte com a vida,o sublime e o quotidiano* ^[035]

(...)Ao reduzirmos as deslocações sobre o território a um fenómeno meramente utilitário de ligação entre actividades, estamos a perder algo subtil (...) ^[036]

O movimento dada surge tendencialmente como critica e reacção, á 1ª guerra mundial. Da palavra dada , sem significado aparente, o dadalísmo) postula-se como uma corrente artística que reivindica a liberdade total do indivíduo, negando o culturalismo *no processo de destruição das formas e estilos tradicionais, o dada obteve novos materiais para a arte* ^[037]

A critica da arte moderna, é um resultado natural da liberdade concedida ao artista de este apresentar a sua visão individual. Considero que o barómetro da oposição é um indicador saudável da profundidade da expressão individual. Quanto mais hostil for a critica, mais encorajadora é para o artista” (Marcel Duchamp) ^[038]

O dada , permite ao artista intervir na cidade usando o próprio corpo como veículo

performance, happening, body art ,action art), a performance, ou arte performativa, a primeira acção artística de anti-arte em que o corpo protagonista ^[039] é objecto em si mesmo. imagem006

Em maio de 1924 André Breton, organiza aquela que será considerada a última incursão dadaísta, justificando-se á partida diferente das primeiras incursões dada´s . Desta vez não a um espaço dentro da cidade , mas fora do limite do núcleo urbano , um campo aberto (paisagem natural), este momento assume-se como a transição do movimento Dada para o Surrealismo.

No mesmo ano, Tristan Tzara, propõe uma outra *deambulation*^[040] pelo centro de França numa paisagem, partindo à descoberta dos seus limites, caminhando durante vários dias.

O acto de deambular, significa caminhar mediante um estado hipnótico, onírico e desorientado atingindo um estado inconsciente de relação entre o corpo e a paisagem. ^[041]

O deambular dada, lança as premissas , na procura do inconsciente surrealista, em 1924 André Breton publica o 1º manifesto surrealista *(poisson soluble)*.

Os surrealistas, libertam-se do nihilismo do Dada da “cidade banal” , introduzem pressupostos com fundamento na psicanálise(Freud), referindo a existência de territórios do inconsciente. Revelando que a cidade pode ser “atravessada” como a mente, pode anunciar-se no invisível. ^[042]

O surrealismo usa o acto mais natural e imediato da condição humana , a corporeidade -o acto de andar, como veículo á prática artística, o corpo andante , que exprimenta e detém a obra em si mesmo.

As deambulaciones surrealistas, encontram na cidade territórios de *experiencias en el qual es posible encontrar sorpresas y revelaciones extraordinarias,* ^[043] lugares que se transformam espontâneamente longe dos olhares do modernismo e da tendencial metropolis -a cidade do inconsciente , *dos interminables paseos ,los ecuentros,las trovailles* ^[044] a cidade como *liquido amniótico*.

La tierra bajo mis pies,no es más que un inmenso periódico desplegado(...)(André Breton) ^[045]

Os errabundeos surrealistas, depressa deram origem ,a uma necessária formalização tanto literária como cartográfica *los mapas influenciales,*^[046] que suportam as longas caminhadas a espaços reais, da cidade liquida. As representações, tornar-se-iam consequência da experiência dos caminhantes, as sensações associadas ao acto de percorrer ,as pulsões, os desejos e o inconsciente.

Through walking, the walker makes the spaces exist as well as emerge (...) Unfortunately, this act cannot be recorded on a map as existing, as the map undermines the point of place: the experience. ^[047]

Os surrealistas, acabaram por protagonizar o Dada, levando-o até ás ultimas consequências, uma posição “*fuera de arte*”, *el arte sin obras ni artistas,*^[048] . A dificuldade de traduzir a experiência através dum suporte- obra, é a maior condicionante, do processo artístico que atirava a arte para o *anónimo, colectivo y revolucionario*. ^[049]

Brus, Günter Aktion Selbstbemalung ,theme Bobby, 1964

conceptual art



imagem 007

{050}

pág 828,Arnason 1999

{051}

pág 90Careri ,2002

a Internacional Situacionista



imagem 008

{052}

pág 27 Antologia Internacional Situacionista, 1997

{053}

pág 90 Antologia Internacional Situacionista, 1997

{054}

pág 12Libero, 1996

{055}

<http://www.youtube.com/watch?v=qt8c-Wy46S4>

{056}

<http://www.youtube.com/watch?v=qt8c-Wy46S4>

{057}

pág 13 Antologia Internacional Situacionista, 1997

{058}

pág 13Antologia Internacional Situacionista, 1997

{059}

<http://www.youtube.com/watch?v=qt8c-Wy46S4>

{060}

<http://www.youtube.com/watch?v=qt8c-Wy46S4>

{061}

pág 92Careri ,2002

{062}

pág 94Careri ,2002

{063}

pág 95Careri ,2002

{064}

pág 98Careri ,2002

{065}

pág 98Careri ,2002

{066}

pág 27Antologia Internacional Situacionista, 1997

{067}

pág 102Careri ,2002

{068}

pág 107Careri ,2002

Guy Debbord

Guide psychogeographique de Paris



imagem009

{069}pág 104Careri ,2002.

Gilbert Garcin , Um pas de troupe



imagem010.

Numa analogia ,à contemporaneidade o surrealismo introduz o processo. Não o processo atribuído ao intuito de atingir um objectivo, mas na valorização do processo em si mesmo, em que cada etapa ,se manifesta mais importante que o próprio resultado.

O início desta abordagem incita, aos princípios da arte conceptual, a valorização do processo face materialização,do resultado.

imagem007

the idea or concept is the most important aspect of the work....all planning and decisions are made beforehand and the execution is a perfunctory affair. The idea becomes the machine that makes the artf.../Le Witt 1967.conceptual art/{050} .Em conclusão, o dada assume a cidade como um espaço estético alvo de intervenções simbólicas; e o surrealismo procura no acto de deambular, a cidade inconsciente .

A internacional situacionista movimento artístico internacional da década de 60, reúne a “incursão”Dada, e o “deambular” surrealista, introduzindo um novo conceito - a deriva; o acto andar ao acaso como *possibilidade expressiva concreta de anti-arte* {051}

Da Internacional letrista à Internacional Situacionista .1960

imagem008

No início dos anos 50, o seguimento das *deambulaciones* á cidade inconsciente surrealista, é protagonizada pela Internacional Letrista (i.l)que se propagou num género literário de guias de viagem, manuais e itinerários ao utilizador da cidade, percursos destinados a serem percorridos a pé .

Em 1959 a I.L. converte-se na Internacional Situacionista.

Situacionista: aquilo que se relaciona com a teoria ou com a actividade prática de uma construção das situações.O individuo que constroi situações. Membro da internaional Situacionista {052}

A internacional Situacionista surge em conformidade com as premissas anteriormente lançadas pelo o movimento dada e pelo surrealismo, procurando no acto de andar a expressão de anti.arte.

Um movimento com grande repercursão na europa, cujas reflexões sobre arte e cidade se manifestaram como ferramenta *estético-política para subverter o sistema capitalista do pós guerra.* {053}

Perhaps,the better way to think of this “verbal labyrinth” is a sort of anti-image, the sign of the victory of lived time over space,of action over representation,and of life over art that were always at the hearth of the movement.{054}

A sociedade do espectáculo.

A critica de Guy Debbord

Toda a vida, das sociedades nas quais reinam as condições modernas de produção , se anuncia como uma imensa acumulação de espectáculos, tudo o que era directamente vivido se afastou por uma representação.

{055} A maior crítica da I.S. vem de encontro a uma sociedade “formatada”, que Guy Debbord apelidou de “sociedade do espectáculo”.Uma sociedade subordinada à imagem, que resume o homem a puro espectador da vida, um sujeito passivo, não interventivo e mecanizado.

O espectáculo não é um conjunto de imagens ,mas uma relação social entre pessoas, mediatizada por imagens. {056}

Contextualizada pelo pós-guerra a sociedade dos anos 50 e 60, assume-se concretizada num sistema capitalista *assente numa aceleração hipertécnica da produtividade* [057], que alienava o homem atirando-o para um mecanicismo orientado (instrumento de unificação).

Debbord incide a sua critica, numa sociedade orientada, pela unificação do consumismo absoluto na mercadorização do próprio homem, apoiado num capitalismo *já apontado para o simulacro e as “realidades virtuais”* [058]

Ora a condição, do homem enquanto espectador da vida, põe em causa o bem estar social. O papel do automóvel e a sua preponderância na cidade moderna e na vida, condicionante de uma cidade urbanizada e planeada funcionalmente(funcionalismo),que privilegia o automóvel em favor do peão. Uma sociedade passiva face á participativa, uma sociedade que vive em função do espectáculo em vez de si própria. *A especialização das imagens do mundo, encontra se realizada num mundo da imagem automatizada, onde o mentiroso mentiu a si mesmo.* [059]

Os situacionistas negam a passividade do homem face á vida, acreditam numa sociedade participativa, que através de mecanismos constrói as suas próprias situações, posicionando o homem, não apenas como espectador mas sim como interveniente.

O mundo sensível é substituído por um conjunto de imagens que existem acima dele [060]

O homem como espectador, é contraposto por um homem activo que constrói as suas próprias situações (urbanismo unitário).Recorrendo à deriva ,à Psicogeografia, e às “unitary ambiances”,(unidades de ambiente), ferramentas introduzidas pelo a I.S.,que refutam um homem-máquina que responde exclusivamente a funções e vive subordinado ao espectáculo , a favor de um homem-vivo que emite sensações e experiência .

A deriva ,conceito introduzido por Guy Debbord em “théorie de la dérive”, está absolutamente implícito no acto de caminhar ao acaso.

Apoiando-se no conceito da psicogeografia- efeitos psíquicos produzidos pelo contexto urbano no homem.

La dérive es una construccion y una exprementacion de nuevos comportamientos en la vida real, la materializacion de un modo alternativo de habitar la ciudad (...) [061]

Existe por parte dos situacionistas uma necessidade de superar os constrangimentos implicados nas deambulações surrealistas, recorrendo á potencialização do acto/efeito de deambular.

Os situacionistas reconhecem que o efeito de caminhar em gupo levado a cabo pelos surrealistas podia anular o efeito da própria obra.

Ainda assim a Internacional Situacionista, implica na deriva, uma nova forma de habitar , um conceito que se distancía das regras da sociedade burguesa. Assumindo uma posição crítica face aos surrealistas pela excessiva importância atribuída ao inconsciente e aos sonhos, justificando esta como principal causa da incapacidade de materializar um novo estilo de vida. *era necesario actuar en vez de soñar* [062]

Através da construção de situações e da deriva, restringiam-se um conjunto de acções e comportamentos, que podiam ser exprimentados. Uma acção imediata consequência do momento presente, desvalorizando a necessidade da representação, uma actividade estética que se enquadra com *la logica dadaísta de anti-arte* [063]

É em 1953, *formullario para un nuevo urbanismo de Gilles Ivain*, [064] ,que aparece pela primeira vez descrito o termo deriva .

una prolongación racional del psicoanálisis en beneficio de la arquitectura está siendo cada dia más urgente. [Gilles Ivain] [065]

A deriva, prende-se na capacidade de movimento do homem implicada na locomoção consequentemente no acto de andar, é uma concretização de movimento sobre espaço implicando relações psíquicas entre o sujeito e o lugar, e aceitando o acaso.

É a concretização de toda a coorporeidade face a uma situação, produzindo um determinado tipo de comportamento, de modo a atingir conclusões objectivas.(comportamento lúdico-construtivo)

O conceito de deriva, baseia-se na *psicogeografia: estudo dos efeitos exactos do meio* geográfico ,conscientemente ordenado ou não, que age directamente sobre o comportamento afectivo dos individuos [066]

O comportamento afectivo, factor decisivo no acto de andar á deriva, é atribuído à relação que o espaço emite no indivíduo, e consequentemente decisivo na opção do percurso escolhido. O percurso ou a deriva é concordante com a produção afectiva e emotiva que o espaço exerce no corpo(psicogeografia).

A experiência dos lugares, mediante as sensações de um homem que responde a um estímulo, a cidade.

A experiência do espaço, a relação entre o corpo e a matéria,é consequência dum corpo não estático dum corpo em movimento.

A deriva, enquanto experiência de relação entre o corpo e o espaço, propunha-se a encontrar uma *cartografia influencial*[067], antecipada nos escritos de André Breton.

A referenciação da cidade como um arquipélago, fragmentos ,ou lugares, numa associação coordenada pelo acto de andar á deriva, o eterno errar nómada, associado num esquema de acções sociais ou individuais, com vista a perder-se na cidade.

O primeiro guia psicogeográfico de Paris, por Guy Debbord, era um sistema representativo de fragmentos “á deriva” num espaço vazio, um mapa desfragmentado que impulsionava, o turista a percorrer, com o sentido de se perder, o percurso é a função ,do esquema psiquico emitido pelo o espaço, no homem. *guide psychogographique de paris Guy Debbord* [068]

imagem009

Guy Debbord, cria um imaginário á volta do turismo , o grand tour, o viajante, numa tentativa, de coordenar, o corpo andante (turista) ,com a cidade fragmentada da deriva.

Através da análise do espaço, por um homem “deslocado”, do contexto urbano específico de acção, proporciona a eficácia da deriva. O acto de caminhar, como a experiência de descobrir a cidade, perder-se, e caminhar, orientando o percurso em função das sensações que cada lugar emite, relacionando [...]unidades de ambiente homogéneas[...] [069]com a afectividade e o entusiasmo, produzido pelo o espaço num corpo que caminha e percepçiona. imagem010

Constant,New Babylon

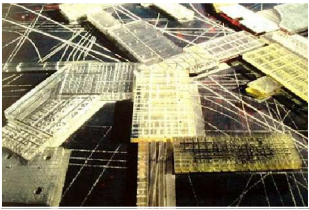


imagem 011

[070] Careri ,2002

[071] pág 49Antologia Internacional Situacionista,1997

[072] pág 107Careri ,2002

[073] pág 106 Careri ,2002

[074] pág 49Antologia Internacional Situacionista,1997

[075] pág 12 Debbord,1995

Richard Long,Line made by walking, 1967



imagem 012

[076] Antologia Internacional Situacionista,1997

[077] pág 52 Antologia Internacional Situacionista,1997

[078] <http://cyberartsweb.org/cpace/politics/wodtke/DeCerteau.htm>

[079] pág 114Careri ,2002

[080] pág 112Careri ,2002

[081] Corbusier,2006

[082] pág 117Careri ,2002

[083] pág 121Careri ,2002

Hamish Fulton, An object cannot compete with an experience

| capa da edição|

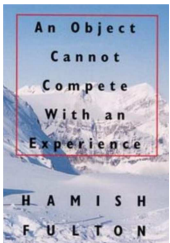


imagem 013

[084] pág 150 Careri ,2002

[085] <http://www.mendeley.com/research/spatial-practices-walking-city/>

Do líquido amniótico à cidade da deriva [070]

Os situacionistas, sistematizam e consolidam o pensamento do Dada e do surrealismo,a deriva,é consequência do pensamento produzido desde Tristan Tzara,a André Breton.

A internacional situacionista, introduz conceitos que firmam, e suportam o acto de andar como ferramenta de anti-arte e acima disso como crítica ao urbanismo funcionalista, e ao modernismo. *Querer refazer a arquitectura em função da existência actual, maciça e parasitária, dos carros individuais, é deslocar os problemas com um grave irrealismo. É preciso refazer a arquitectura em função de todo o movimento da sociedade, criticando todos os valores passageiros, ligados a formas de relações sociais condenadas (a família, em primeiro lugar).*[071]

A cidade Situacionista *naked city*, de Guy Debbord 1957 [072] remonta à ideia surrealista da cidade como líquido amniótico, os fragmentos num espaço líquido de vazios, um sistema de ilhas, em que partes da cidade são omitidas ou deliberadamente eliminadas, *com el fin de construir en el vacio infinitas ciudades posibles* [073]

A representação , através dos mapas psicogeográficos situacionistas, não restringe a cidade, a modelos formais aplicados pelos modernistas- funcionalismo modernista, pelo contrário incita cada indivíduo a exprimentar a cidade, descobrindo no Eu, o percurso da sua deriva, caminhando num espaço vazio, de *amnesias urbanas*, e descobrindo na infinidade da experiência a relação com a cidade. The *Naked city*, talvez integre , a mais eficaz representação da visão da cidade, da I.S., de Guy Debbord que através dum esquema de relações entre unidades de ambiência e espaços vazios, cuja associação dos fragmentos é coordenada pela psicogeografia. Assim as unidades de ambiência, surgem em função do comportamento do homem face ao espaço, e não da intenção enquanto ponto geográfico de cada fragmento unitário.

O atravessamento é função da deriva revelando uma infinidade de percursos, nada é estabelecido ,nada se impõe.*Temos de passar da circulação como suplemento do trabalho á circulação como prazer* [074]

O meu método será muito simples. Nomearei o que amei; e o resto, a esta luz, há-de suficientemente mostrar-se e fazer-se entender. [075]

Da deriva à land.walk

Constant. New Babylon imagem011

O urbanismo unitário, distingue-se dos problemas do habitat embora esteja destinado a englobá-los,[...].Neste momento encara um terreno de experiência para o espaço social das cidades futuras. Não é uma reacção contra o funcionalimo (urbanístico), é sim a sua superação;trata-se de atingir;para além do utiitário imediato, um meio ambiente funcional apaixonante.[076]

Ora de acordo com a citação, os situacionistas propõe, o urbanismo unitário como fim à sociedade passiva do espectáculo, o urbanismo unitário baseia-se na experiência do homem face ao espaço aplicando a componente temporal .É um sistema que se *opõe á fixação das cidade no tempo* [077],assumindo uma *transformação permanente* da cidade ,dando lugar a fenómenos de ocio e jogo uma cidade passível de ser percorrida, onde cada habitante é um ser em continuo movimento.(cidade nómada) *Walking people who bring the city life.* [078]

A recuperação do universo nómada ,é percursionada pela I.S. , através da deriva, mas é com Constant que o acto da deriva atinge um *fundamento histórico y una tridimensionalidad arquitectónica* (079)

.Com a experiência de New Babylon de Constant, o nomadismo assume-se como fundamento critico á sociedade.

Constant membro da I.S. desenvolve um modelo de cidade atravessável, e em constante transformação, uma cidade nómada que se direcciona como critica á cidade sedentária funcionalista. (080)

Uma resposta, a um homem andante, numa hierarquia de relações espaciais, não normatizada, ou seja um modelo mutável construível e reconstruível, em função de um homem mutante, um labirinto de artificialização da paisagem. Este modelo, atribuído a uma mega infra-estrutura, acima do território, dota o homem, da capacidade activa de alterar o próprio espaço (urbanismo unitário), a recuperação do instinto primordial de construir o abrigo, *o instinto primordial de todo o ser vivo é de assegurar um abrigo.* (081) e da própria vida.

New babylon, surge como um modelo, que ambiciona,responder a um homem-actor, a vontade de juntar o universo das caminhadas nómadas ao non-sense dadaísta, e superá-los, gera uma infinidade de contradições,uma tentativa de superar o conceito de *anti-arte dadaísta*.

Apesar das infinitas contradições enunciadas ou não de facto ,Por primera vez el la historia ,en new babylon, el acto de andar materializa de nuevo una arquitectura concebida como el espacio de andar. (082)

Com o retomar das experiências nómadas e do Dada, e com I.S., em New Babylon ,Constant, abrem-se novos pressupostos na arte e na arquitectura ,admitindo alicerces, para as vanguardas que se seguem.

land.walk- land art

Gilles Tiberghien,Tony Smith,Carl Andre,Richard Long,Hamish Fulton

Com a experiência, de Tony Smith , pela New jersey turnpike ,Gilles Tiberghien, define o início de uma nova expressão artística a “land art”.

Esta experiência sobre uma linha de asfalto artificial, que atravessa a paisagem, re-posiciona o artista, e re-afirma as experiências dos anos 60 ,das incursões dada e do deambular surrealista. *On the road*, abre novos caminhos sobre a experiência da arte, a conversão do acto de andar numa forma de arte autónoma.

Ora esta experiência de Smith que se aproxima ao ready-made dada, emite reacções tanto no minimalismo, como na land art .Depois da experiência de percorrer a autoestrada vazia, assumem-se duas interpretações possíveis; a estrada como objecto em si próprio enquanto artifício da paisagem sobre o qual o homem atravessa, ou o acto de atravessar como experiência ,*a actitud que se convierte en forma* (083)

Carl Andre e Richard Long, seguem ,as premissas de Smith,prolongando o campo experimental das suas convicções no processo artistico individual.

Apesar de tudo, o campo de acção dos dois vai divergir e as suas obras caminham em sentidos opostos.

O campo de acção artistica de Carl André, em muito é comparável à auto-estrada de Smith, a procura de presenças, com uma presença cada vez mais diluída no espaço físico.

Objectos| artifícios transformadores da paisagem sobre os quais é possível percorrer o espaço.

Richard Long, segue uma linha de investigação diferente, o que lhe interessa é perceber o acto de caminhar enquanto processo artístico, enquanto atitude de expressão artistica autónoma, e a experiência que resulta desse processo.

A obra de arte, convertida no acto de caminhar,o corpo como veiculo experimental do processo artistico.

Line made by walking 1967, imagem012 de Richard Long, afirma um processo de pensamento que se inicia no principio dos anos 60, a linha marcada na paisagem, é o reflexo do corpo,a acção reflecte a intencionalidade do artista face ,ao território , a experiência do acto de andar enquanto processo de anti-arte.

A linha marcada no território (arte) , o anti-objecto é uma presença não física não matéria , mas acima de tudo uma presença, consequência da acção do sujeito (artista) no mundo, porém enfrenta a condição do tempo e tende a desaparecer absorvida pelo sistema, é efémera.

A obra de R. Long, enquanto trabalho de investigação artistica é extremamente desafiador, e revolucionário ,atira a arte para fenómenos da compeensão *do objecto a ausencia do objecto*.

Com este periodo, a expressão artistica, assume o universo como campo de investigação da arte. O suporte da arquitectura confunde-se agora no papel da Land art, a transformação do território através da modelação de signos e dos materiais ,pelo corpo.

A escultura reivindica para si, a paisagem como espaço de intervenção ilimitado, deliberadamente assume-se um retorno ao periodo neolítico(universo nómada) em que o acto de andar constituia o primeiro acto de transformação do território. Até então a escultura, estava subordinada á condição da arquitectura, traduzia-se numa imagem condicionada por um espaço .

A land art ,é a expressão que reflecte o acto de andar como processo artístico, a transformação e modelação da paisagem por meio de ferramentas, desprovidas de suporte tecnológico, a acção do artista no território ,o movimento do corpo e as suas limitações como restrições ao próprio processo artistico. O corpo como entidade que percepçiona o mundo através das sensações , o corpo que mede o espaço que o transforma fisicamente-artificializando-o.

O artista posiciona-se como ser do universo ,e o universo como suporte da condição da arte.

Segundo Careri em waksapes (084) , *uno de los principales problemas del arte de andar es la tradución de dicha experiencia de una forma estética*, na obra de Richard Long , o percurso é a tradução da intenção, a marca do corpo no território é consequência da experiência individual do artista sobre a paisagem.

É coincidente, que tanto no movimento Dada como no surrealismo, houve uma relutância ou dificuldade em relatar as “acções”, através de um suporte físico, de uma base cartográfica ou escrita. Na I.S. introduziram-se os mapas psico-geográficos contudo, os percursos e as derivas não foram tema , de representação.

Com R.Long e Hamish Fulton, elegem-se os mapas ,como ferramenta de ilustração da arte contudo, estas representações levam a uma redutibilidade da obra - a redutibilidade da experiência

Through walking, the walker makes the spaces exist as well as emerge [...] Unfortunately, this act cannot be recorded on a map as existing, as the map undermines the point of place: the experience. (085) imagem013

Hamish Fulton,Mountain skyline (from Fourteen Works), 1982 - 1989

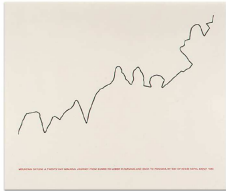


imagem 014

[086] pág 145 Careri ,2002

[087] pág 156 Careri ,2002

[088] pág 180 Careri ,2002

[089] pág 184 Careri ,2002

[090] pág 188 Careri ,2002

[091] <http://www.mendeley.com/research/spatial-practices-walking-city/>

[092] Wingley ,1998

[093] fonte desconhecida

[094] pág 10 Soares, 2006

Helena Almeida, Seduzir, 2001,fotografia



imagem 015

[095] Rodrigues ,2009

[096] Rodrigues ,2009

[097] pág 32 Soares, 2006

Bill Viola,Five angels for the millenium ,2001



imagem 016

[098] pág 11 Pallasma,2005

[099] pág 11 Pallasma,2005

[100] pág 11 Pallasma,2005

Bill Viola, a obra através de um monitor , de uma imagem



imagem 017

[101] pág 11 Pallasma,2005

[102] pág 10 Pallasma,2005

Hamish Fulton, considera o corpo como ferramenta perceptiva, traduz a experiência da caminhada ainda ,que não completa através de escritos e imagens, uma série de frases e signos que pretendem traduzir as sensações emitidas pelos lugares no corpo e a percepção do indivíduo, ao caminhar.

My artform is the short journey made by walking[...] the only thing we should take are photographs the only thing we should leave are footprints Hamish Fulton [086]

Para H.Fulton ,o acto de andar, a coordenação dos membros de modo a produzir movimento, e a corporeidade é assumida apenas como veículo á própria arte , como elemento apreendedor de experiência, um corpo em movimento sobre uma paisagem .Pelo contrário R. Long admite, o corpo como elemento de transformação da paisagem ,o acto de percorrer, enquanto processo de intervenção no lugar -de artificialização do território. A arte pode suportar-se ela mesma em que a própria paisagem representa o suporte ,e o acto de caminhar a marca deixada pelo corpo revela-se na intenção da obra. Assume-se o universo como *en un imenso territorio estético, una enorme tela sobre la qual se dibuja [087]* imagem014

Transurbância

O crescimento espontâneo das periferias urbanas ,consequência do não ordenamento, da especulação ,e das necessidades sociais produzem uma cidade , não subordinada, à tendencial arquitectura modernista, uma cidade que responde às dinâmicas de uma sociedade em sucessivos processos de transformação *cidade difusa [088]*

Este tendencial crescimento produz dentro dos grandes centros urbanos , espaços vazios, numa analogia á “cidade nómada”, que vive dentro da grande cidade de Caim. Uma cidade cujas dinâmicas ainda se assumem difíceis de perceber, mas em que o *recorrido errático [089]* pode superar, e contribuir para reconhecer as geografias internas, destes núcleos.

Compreendeu-se que no interior destes centros urbanos , existiam tanto espaços “banais” referidos pelo Dada ,aos quais se podia atribuir um valor estético através do ready-mades urbanos, como lugares do inconsciente surrealista , espaços reprimidos na cidade, que poderiam *volverse a llenar de valores [090]* .Espaços e lugares que se assumem como fragmentos, num mapa desenhado como *el mar del archipelago.*

as these places are merely constellations used to navigate the sea of urbaninterlocutors[091]

Perante este *caos urbano a* psico-geografia aliada à deriva assumia-se, como o único método de atravessamento destas realidades, desconexas e desfragmentadas, que se assemelham aos percursos labirínticos da New Babylon de Constant. *[092]* A cidade produzida por estas dinâmicas informais das periferias, gera um sistema de espaços cheios e vazios, um tecido orgânico, em que se encontra um equilíbrio entre a “ cidade” nómada e a cidade sedentária, um espaço de estar, constantemente intersectado pelo o espaço de andar.

Da arquitectura do vazio, assistimos à arquitectura do cheio, em que o acto de andar, emite uma preocupação no homem seja através da construção do lugar (menir) ou através da construção simbólica do espaço meramente interpretada pelo percurso.

Desde o paleolítico, ao homem neolítico, do menir á artificilização do território,que o movimento do corpo materializado no acto de andar ,se manifesta numa prática de reconhecimento do universo. Da deambulação dadaista, passando pela deriva situacionista ou à performance da land arte, existe essa manifestação que estranhamente funda o lugar. Aparentes vanguardas alienadas, que passam temporalmente a verdadeiras descritoras e impulsionadoras da cidade do século XX .

A corporeidade como veículo à experiência

O corpo humano , organismo enquanto todo, através do qual o homem experimenta e percebe o mundo - o conhecimento parte dos estímulos, da corporeidade (093)

A contribuição de Merlau Ponty, em “fenomenologia da percepção” de algum modo poderá cooperar, no universo da concepção espacial e da experiência focada na arquitectura.

Ao *introduzir uma nova equação do acto perceptivo* a corporeidade [Frase citada no capítulo o acto de andar;percurso], Ponty considera o papel do corpo, na condição perceptiva. Consequentemente a forma como o homem percebe o mundo e se relaciona com ele. A experiência, advém das sensações emitidas e processadas pelo corpo, face a um estímulo. A presença do homem no mundo, é atribuída á existência de um corpo, um corpo que interage e se relaciona com o exterior ,percebe e experimenta. Um corpo condicionado pelo movimento, seja, na condição mais imediata de coordenação dos membros; ex: acto de andar; ou pela congregação de todos os movimentos produzidos internamente pelos órgãos. A corporeidade, é indissociável do acto perceptivo, é o veículo que permite conhecer o mundo e experimentá-lo.

Somos corpo e por isso somos seres-de-tempo, visíveis, incarnados, situados no espaço e no tempo, condicionados pelos limites físicos inerentes a todo corpo, e dotados de todas as virtualidades, do que se pode expandir, exprimir, qualificar. (094)

imagem015

O processo histórico reflecte a importância do corpo, na concepção espacial -na arquitectura, a relação entre o homem e espaço surge do *entendimento do corpo como modelo padrão O corpo humano e o corpo da arquitectura,(095)* - ergonomia. Em 1950, Le Corbusier, pública ,o Modulor, um sistema métrico, baseado na proporção áurea , na série de Fibonacci, e na estabilização média da dimensão humana *O corpo humano e o corpo da arquitectura, (096)* . Um sistema que procura a relação entre , corpo - espaço, corpo - objecto, definindo uma série de proporções padrão. A ideia de estabilizar e padronizar a medida humana através do Modulor, reduz o homem á concepção de homem-máquina, um corpo padrão ,que aniquila a presença da corporeidade -a coordenação psíquica e física mediada pelo corpo.

O homem cartesiano é uma “colagem”, entre um espírito que se reduz a pensamento, e um corpo máquina ,reduzível á sua extensão.(...) A metáfora, do corpo máquina que inspirou a concepção moderna do corpo e o relegou para a categoria de um resto inexprimível, silencioso, alheio ao processo de simbolização da presença humana. (097)

A redutibilidade do espaço, a um homem-máquina, mote da arquitectura modernista, põe em causa ,a própria expressão individual de cada corpo, atirando a arquitectura ,para uma formalização padronizada.

A sociedade do espectáculo, tão criticada por Guy Debord, incide exactamente sobre este ponto, um homem- padrão, alienado à vida ,fruto de uma sociedade mediatizada por imagens e funcionalista ,que reduz os corpos a meros espectadores.

É necessário pois, reverter este sintoma de exclusão apática, de um homem que se esquece do seu próprio corpo, como potencial veículo á experimentação da vida.

Posto isto a internacional situacionista define o conceito de deriva, implicado na psicogeografia, a atmosfera sugerida pelo espaço num corpo. Um homem não estático que caminha e tece o seu percurso em função das pulsões preconizadas pelo espaço num corpo. O resultado, desta interacção entre corpo e espaço é a experiência.

imagem016

É redundante falar de experiência, sem a atribuir à corporeidade as sensações, ora o corpo é o veículo à experiência, a pele, os olhos, a boca, as orelhas e o nariz, são as identidades corpóreas que permitem recorrer aos sentidos, como método de assimilar estímulos. *My body is truly the navel of my world (098)*

A necessidade de falar de experiência implicada num corpo, é fundamental no contexto do exercício arquitectónico e da concepção espacial. Contrapor uma arquitectura que privilegia a visão, desfavorecendo os outros sentidos. Uma arquitectura, fundada em imagens processadas pela retina, e bastante apoiadas no conceito da Gestalt.

Instead of creating mere objects of visual seduction, architecture relates, mediates and Project meanings. (099)

A valorização da imagem, assimilada pela visão, reduz os outros sentidos da corporeidade, podendo condicionar a espacialidade, e a arquitectura. Pallasma, em *the eyes of the skin*, assume os sentidos associados a um corpo, estruturantes ,no processo arquitectónico.

Architecture has to address all the senses simultaneous and fuse our image of self with our experience of the world (100) imagem 17

O raciocínio arquitectónico é a sistematização dos sentidos que posicionam o corpo, o eu, com a experiência do mundo. Porém, é essencial, não reduzir a experiência ao puramente visual - á imagem, a experiência é consequente com a corporeidade e essencialmente atribuída a capacidade tátil (Pallasma), *the skin is the oldest and the most sensitive of our organs ,our first meddium of communication(...)the mother of senses (101)* A pele, o “ revesti mento” do corpo, define o contorno entre o dentro e o fora, assumindo-se como o limite, de cada eu. Atribuída a cada corpo , a pele, assume a barreira entre o exterior e o interior, o órgão que experimenta o mundo, e o espaço, *we indeed see by our skin (102)* .Seja através da pele da visão ou dos restantes sentidos, o fundamental é perceber que a experiência é atribuída a uma corporeidade que integra os sentidos e os processa através de um *self*. O corpo como elemento indissociável da experiência.

Ora a Arquitectura, é necessariamente a relação do corpo na sistematização de espaço, que assume nos sentidos e na experiência corpórea - em estruturas físicas e psíquicas, a razão do seu significado e coerência. A arquitectura, está directamente associada à corporeidade, às emoções produzidas pelo corpo no espaço e à aura, atmosfera que o espaço emite no corpo.

Walter de Maria, Line In Tula Desert, 1969.

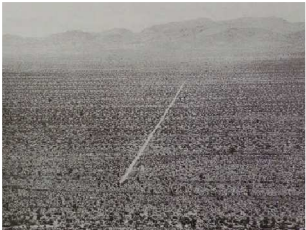


imagem 018

[103] Zumthor,2009

[104] pág 23 Zumthor,2009

[105] pág 11 Zumthor,2009

[106] pág 40 ,Pallasma,2005

[107] pág 40 ,Pallasma,2005

[108] pág 19, Soares ,2006

É uma correlação entre espaço e corpo em função da arquitectura.

Em Peter Zumthor, *atmosferas* [103] , explica-se a importância de criar atmosferas espaços, pelos os quais se sinta tocado! [104]

Espaços, *que têm uma presença tão bela e natural que me toca sempre de novo* [105]

A necessidade de Zumthor, de gerar atmosferas aplica-se, na necessidade de criar espaços que impulsionem sensações em função de um homem que experiênciá. Uma arquitectura que para além de visual é táctil, que carrega em si , a condição sensorial.

O homem ou o corpo assume assim um papel preponderante no raciocínio arquitectónico. O corpo como centro do universo (antropometria), e como consequente razão da arquitectura .O corpo que experimenta a cidade, que mede em função de si mesmo. *I experience myself in the city, and city exists through my embodied experience* [106]

O corpo em movimento está em constante interacção com o ambiente e com o mundo, o mundo e o corpo definem-se e complementam-se. *Our body is in the world as the heart in the organism[...](merleau ponty)* [107]

Conclusão

Não se pode tirar uma conclusão, desta compilação bibliográfica, mas apenas extrair uma série de premissas , que são claramente, influência ,motivação e catalisadores da estratégia do projecto.

Merleau Ponty afirma que a experiência, é consequente com a corporeidade um homem em movimento, dotado de sentidos que emite sensações e experiênciá o mundo,.

É provavelmente nesta ideia de um homem não estático que caminha e tece percepções , e nas possibilidades de um corpo como veículo experimental , que é fundada a maior intuição do projecto. A possibilidade de abandonar, o seu lado descritivo e banal, que propositadamente é construído, transformando-o numa experiência, numa alma.

Fundamentada na ideia de que a arquitectura gera o lugar, e atribuindo a esse limite entre a terra e o mar (ecótono) o campo da experiência e das possibilidades de “um corpo”.

Um corpo andante.

O homem no seu ser mais intimo compreende-se efectivamente e apreende-se como ponte, como passagem entre duas ordens de ser e de essência, nas quais está igualmente radicado e aos quais não se pode subtrair nem por um momento sem deixar de ser homem [108]

Bibliografia

-Andreoti,Libero;Costa,Xavier, Situacionists,art,politics,urbanism, MACBA,ingoprint SA ,ACTAR Barcelona 1996

Isbn:

-Arnason,h.h.;Pratner,Marla F.;History of a modern art,fourth edition, Thames and Hudson, London 1998

Isbn:0-500-23757-3

-Antologia, Internacional Situaconista, edições Antígona, Lisboa 1997

Isbn:972-608-088-6

-Careri, Francesco; Walkscapes. El andar como práctica estética. Ed. Gustavo Gili. Barcelona,2002

-Caruso, Adam ;The feeling of things, ed. Poligrafa SA,Spain Barcelona 2008

Isbn:978-84-343-1186-2

-Construir,Habitar,Pensar Martin Heidegger (Bauen,Wohnen,Denken)1951 conferencia pronunciada por ocasião da “Segunda Reunião de Darmastad”,publicada em Vörtge und Aufsätze,G.Neske,Pfullingen,1954.tradução de Marcia Sá CavalcanteSchuback

-Corbusier,Le; Por Uma Arquitectura, tradução :Ubijara Rebouças. São Paulo:Perspectiva ,2006.titulo original:Vers une achitecture .

Isbn:85-273-0142-3

-Debbord, Guy .Panegírico ,ed.Antígona,Lisboa,1995

Isbn:972-608-076-2

-Kuma, Kengo ; Anti-object the dissolution and desintegration of Architecture, aa publications London;2010

Isbn:978-1-902902-52-4

-Pallasmaa,Juhani, The eyes of the skin, architecture and the senses ,john Wiley and sons ltd, England,London 2005

Isbn:13978-0-470-01579-7

-Rodrigues, Sérgio Fazenda ; Casa dos Sentidos, crónicas de arquitectura ARQCOOP - Cooperativa para inserção Profissional em Arquitectura, CRL Outubro 2009

Isbn: 978-989-95478-1-0

-Shulz-Norbert Christian, Paesaggio Ambiente Architecttura, documenti di architettura, Gruppo editorial Electa Millano,1998

-Siza;Álvaro,Castanheira;Carlos As Cidades de Álvaro Siza,Lisboa,Figueirinhas,2001

Isbn:978-972-26-2923-2

Isbn:84-252-1841-1

-Soares,Maria Luísa Couto; Expressões do corpo,fundação engenheiro antónio de almeida,sersilito,Porto; Julho 2006

Isbn: 972-8386-65-6

Isbn:84-89698-19-8

-Zumthor; Peter, Atmosferas, Barcelona, GG ,2009

Isbn:978-84-252-2169-9

Ruhrberg,Schenekenburger,Fricke,Honnef, Arte do século XX,volume 1,Tashen, koln,germany, 1999

Isbn:3_8228-6856-6

Sites:

-Arte Capital. Mário Alves http://artecapital.net/arq_des.php?ref=13 14:30 24.11.2011

-Nóbrega, Terezinha Petrucia da ;Corpo, percepção e conhecimento em Merleau-Ponty; Universidade Federal do Rio Grande do Norte ,Estudos de Psicologia 2008 <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v13n2/06.pdf> 11.00 14.02.2012

-<http://www.mendeley.com/research/spatial-practices-walking-city/> 15:40 22.11.2011

-<http://cyberartsweb.org/cpace/politics/wodtke/DeCerteau.html> 16:17 22.11.2011

-<http://www.mendeley.com/research/spatial-practices-walking-city/> 15:40 22.11.2011

-<http://www.walkboston.org/index.htm> 13:50 21-12-2011

-http://www.arq.ufsc.br/esteticadaarquitectura/debord_sociedade_do_espetaculo.pdf 15:30 22.11.2011

-<http://acores2010.blogspot.com/2008/07/o-corpo-arquitectura-e-o-corpo-da.html> 10.38 14.02.2012

-<http://www.youtube.com/watch?v=qt8c-Wy46S4> sociedade do espectáculo. 28.11.2011 13:52

Guy Debbord 1 de 9

I choose to make art by walking,utilizing lines and circles,or
stones and days

Richard Long in *pg 145 Careri,2002*

imagem 000



***Sentir é pensar sem ideias, e por isso sentir é compreender,
visto que o Universo não tem ideias.***

Mas o que é sentir?

Fernando Pessoa, Sentir é Criar
in 'Sobre «Orpheu», Sensacionismo e Paulismo'

Lisboa.Cidade



Ortofotomapa da cidade de Lisboa

imagem019



Fotografia Aérea da Cidade de Lisboa

imagem020



Análise da evolução da Linha de Costa

Aterro como forma de ampliação da margem

SINOPSE

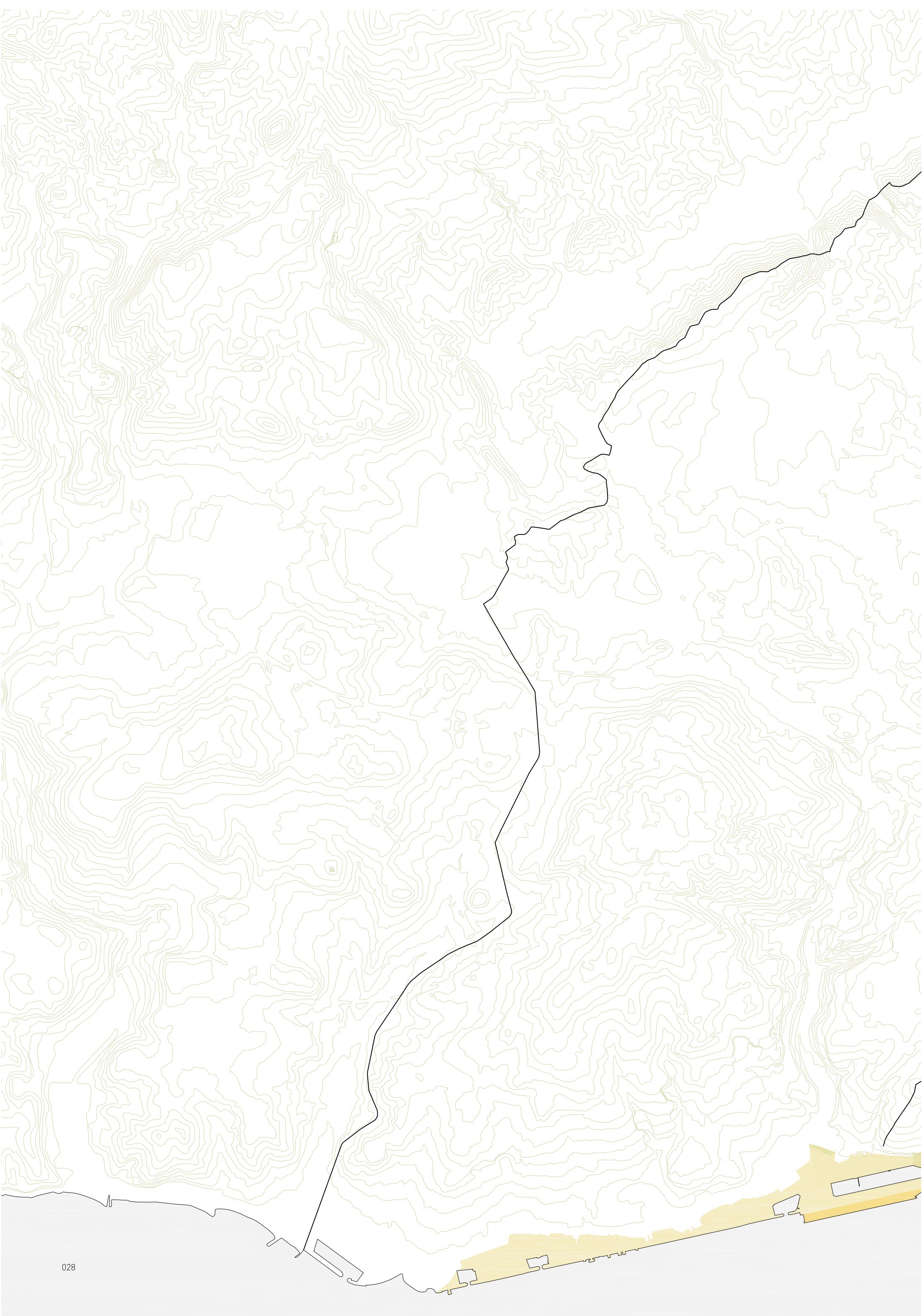
Lisboa a cidade mais ocidental da Europa continental, assume geograficamente uma condição privilegiada na extremidade da península ibérica.

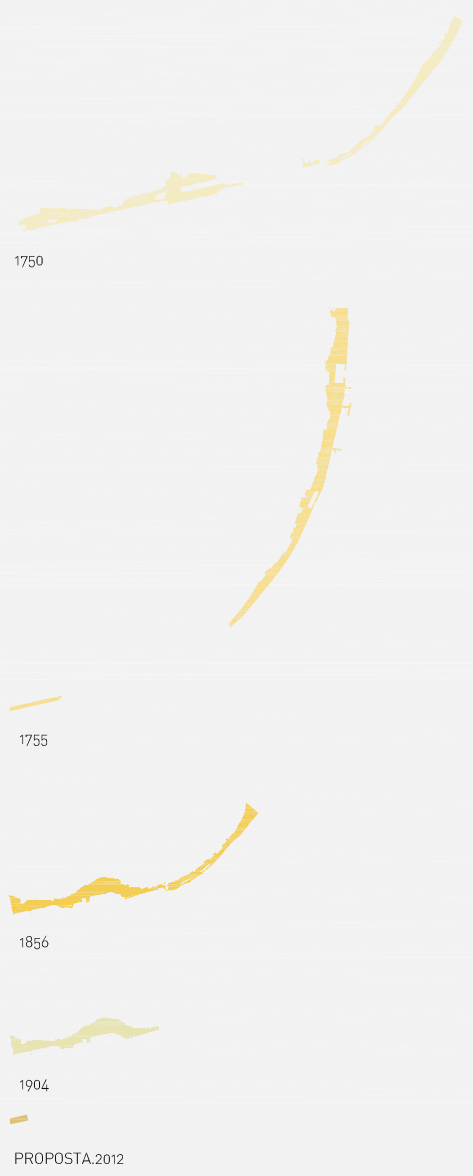
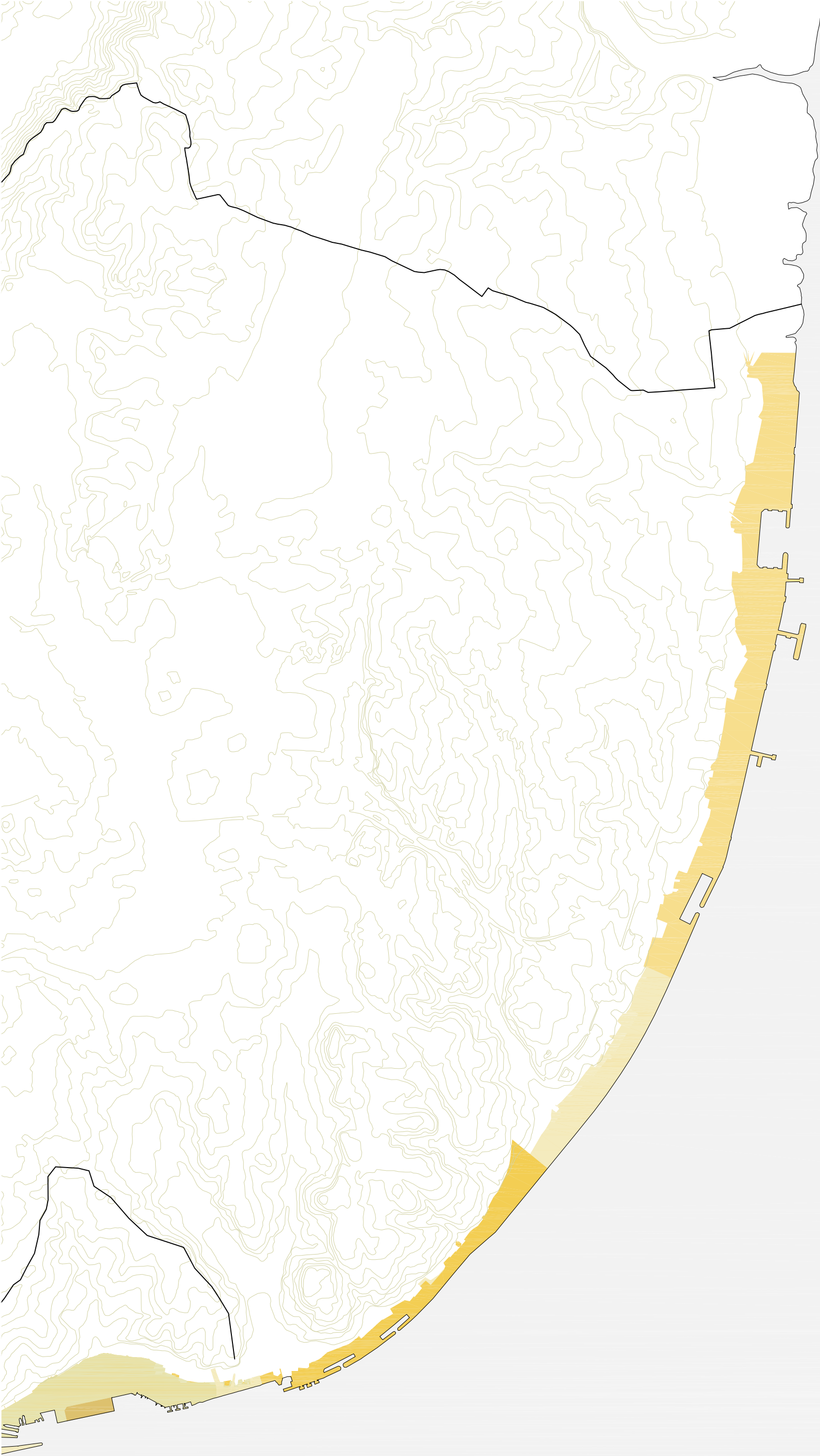
Situada na margem direita da foz do rio Tejo, com um porto natural, dos mais importantes da Europa tanto comercial como no sector do turismo, assume uma identidade única de relação na paisagem.

Lisboa ,estabelece em toda a sua extensão uma relação com o rio ,caracterizada por variações topográficas acentuadas (festos e vales), que variam entre a cota 3 e 226. Esta condição topográfica, é justificativa do tendencial crescimento da cidade em direcção ao rio, através de sucessivas plataformas que se vão sobrepondo temporalmente, artificializações sucessivas do território - os aterros.

A necessidade franca de relação entre a terra e a água, implicada na conquista de território ao rio está assente noutros factores, sejam de salubridade ou aquando do plano de reestruturação da margem com o Porto de Lisboa.







**ANÁLISE DA EVOLUÇÃO DA LINHA
DE COSTA DE LISBOA**
ATERRO COMO FORMA DE AMPLIAÇÃO
DA MARGEM

-  ATERRO DA BOAVISTA
-  LINHA DE MARGEM



Planta de Sistemas de Mobilidade de Lisboa

SINOPSE



O contínuo processo de conquista da cidade ao rio, assumindo que a artificialização do território, é exponencial com a especulação derivada destes enormes espaços.

Ora proporcional também a este processo temporal, são as necessidades do homem, e a realidade que a cidade pretende cumprir enquanto grande espaço de invenção do habitar.

A planta de mobilidade é o resultado de sucessivas respostas , a problemas e necessidades de circulação .

Solucionar problemas de deslocamento, dentro dos actuais limites normativos da cidade bem como na relação da cidade com o espaços que lhe estão contíguos(periferias).

Apesar da relação aparente entre a cidade e o rio , as transformações territoriais, exigidas pelas necessidades, condicionam fisicamente o território, manifestando-se como limites e barreiras de contacto directo entre a margem e a cidade.

Numa sobreposição, directa entre a análise da mobilidade e o que se constitui enquanto barreira física á relação directa entre a cidade e a margem, é possível considerar que aproximadamente 2/4 da margem da cidade, são atravessados pela linha férrea Lisboa,Cascais. Esta infra-estrutura, cujo primeiro troço data de 1889, foi potenciada pelo fenómeno de ocupação sazonal de toda a área emergente á vila Cascais- Costa do sol.

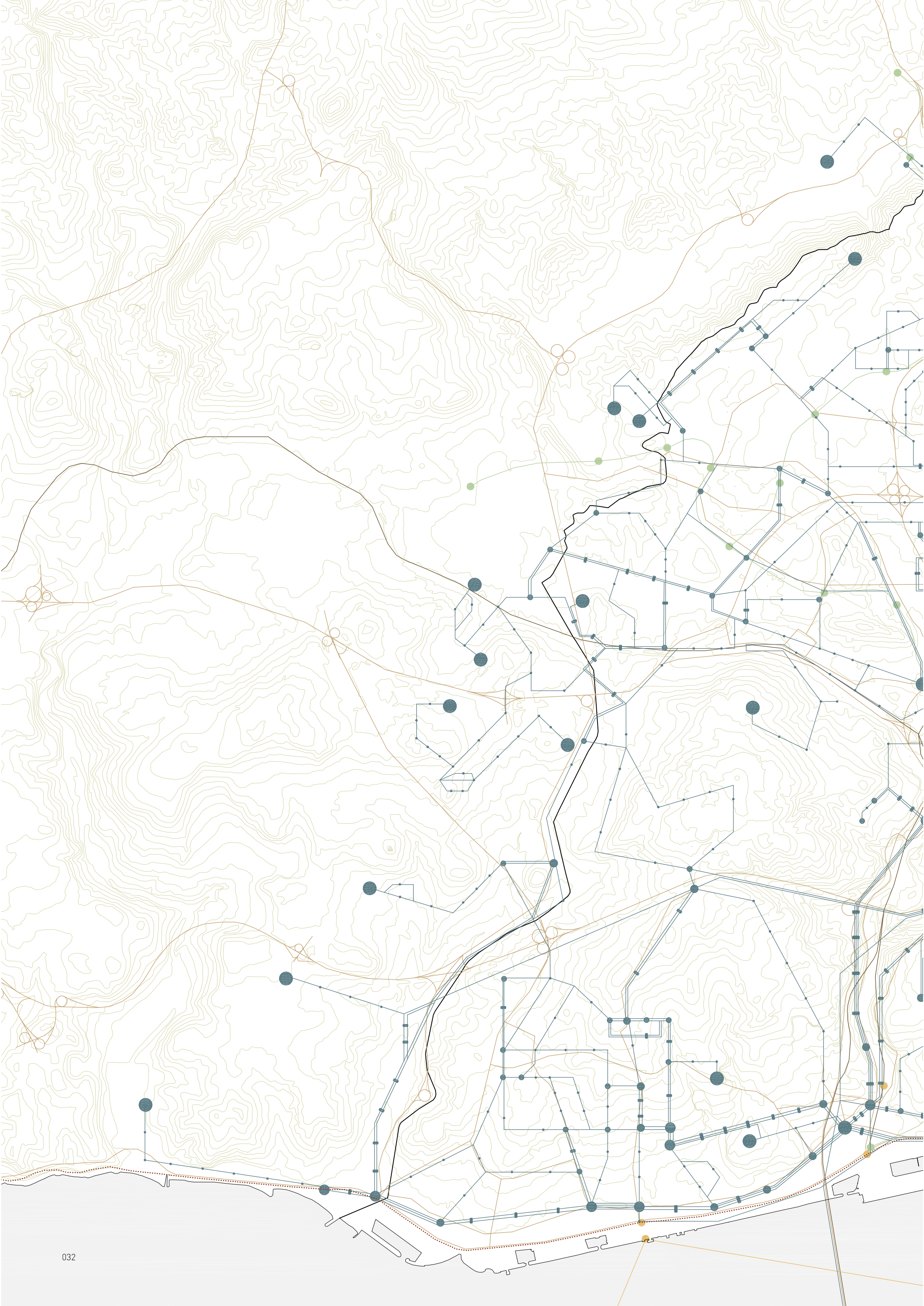
Apenas tendo em conta os limites , normatizados da cidade , a linha férrea de cota á superfície, liga Pedrouços ao Cais do Sodré, assumindo -se como um limite pouco permeável entre a cidade e o Tejo.

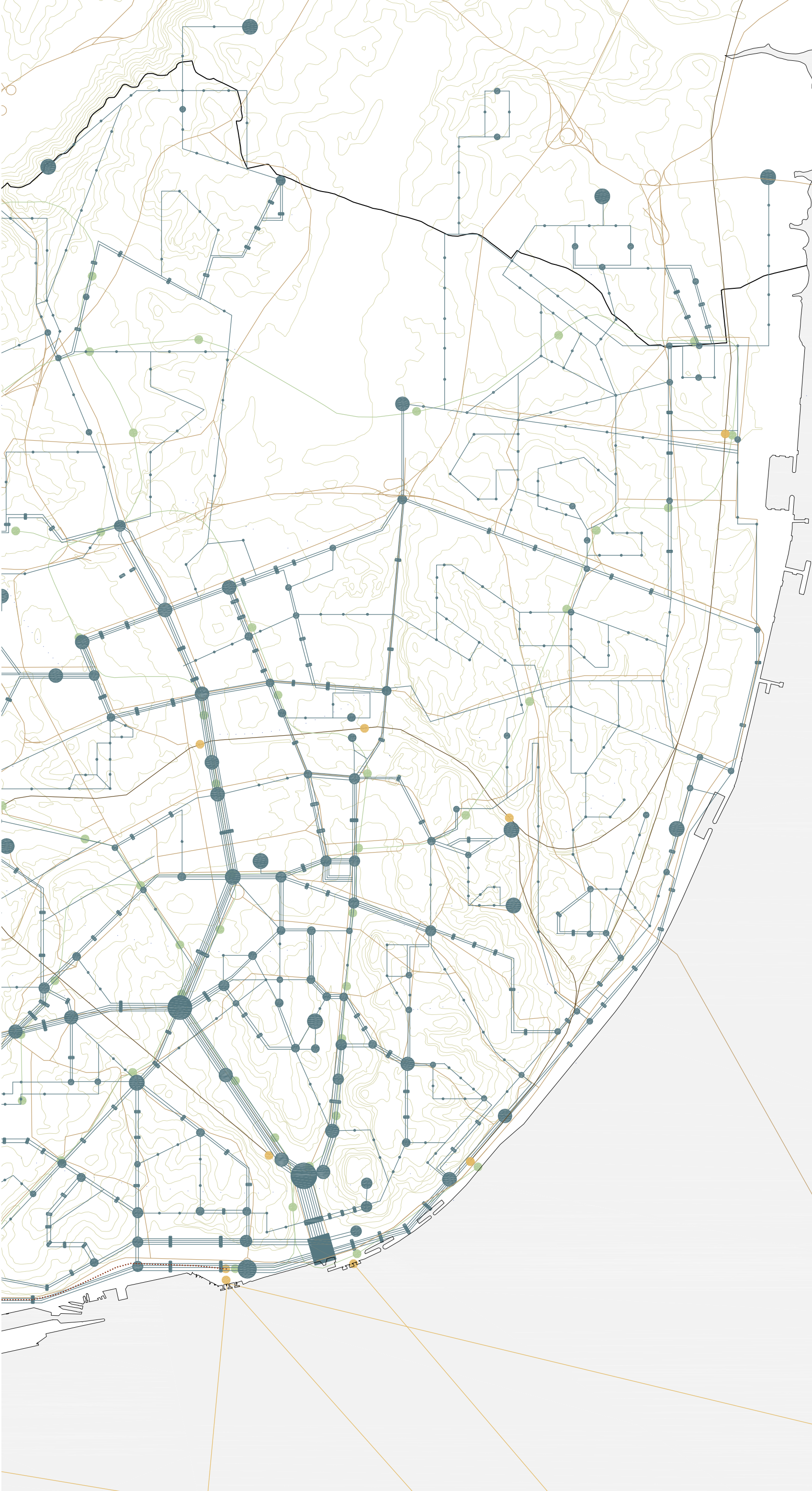
MOBILIDADE:o aterro da Boavista

Localiza-se na área compreendida entre os estaleiros da naval Rocha e o Cais do Sodré, (zona que actualmente se encontra sobre a jurisdição do porto de Lisboa).

A situação geográfica na cidade define-se como estratégica ,no que diz respeito a redes de transporte colectivos:

- Estação Fluvial do Cais do Sodré : ligação com Montijo, Seixal, Cacilhas
- Estação Fluvial da Praça do comércio (2000m) : ligação com Barreiro
- Terminal de Comboios do Cais do Sodré : linha férrea Lisboa .Cascais
- Rede de metro : linha verde
- Rede de transportes de superfície :metro de sup. e autocarro
- Sistema viário :principais artérias da cidade





**PLANTA DE MOBILIDADE
LISBOA.CIDADE**

-  CANAIS DE TRAFEGO AÉREO
-  TRANSPORTE RODoviÁRIO
-  METROPOLITANO
-  TRANSPORTE ViÁRIO
-  TRANSPORTE FERROVIÁRIO
-  TRANSPORTE FLUVIAL
-  LINHA FÉRREA .LISBOA.CASCAIS



*(...)E o Tejo entra no mar em Portugal.
Toda a gente sabe isso.(...)
Pelo Tejo vai-se para o Mundo(...)*

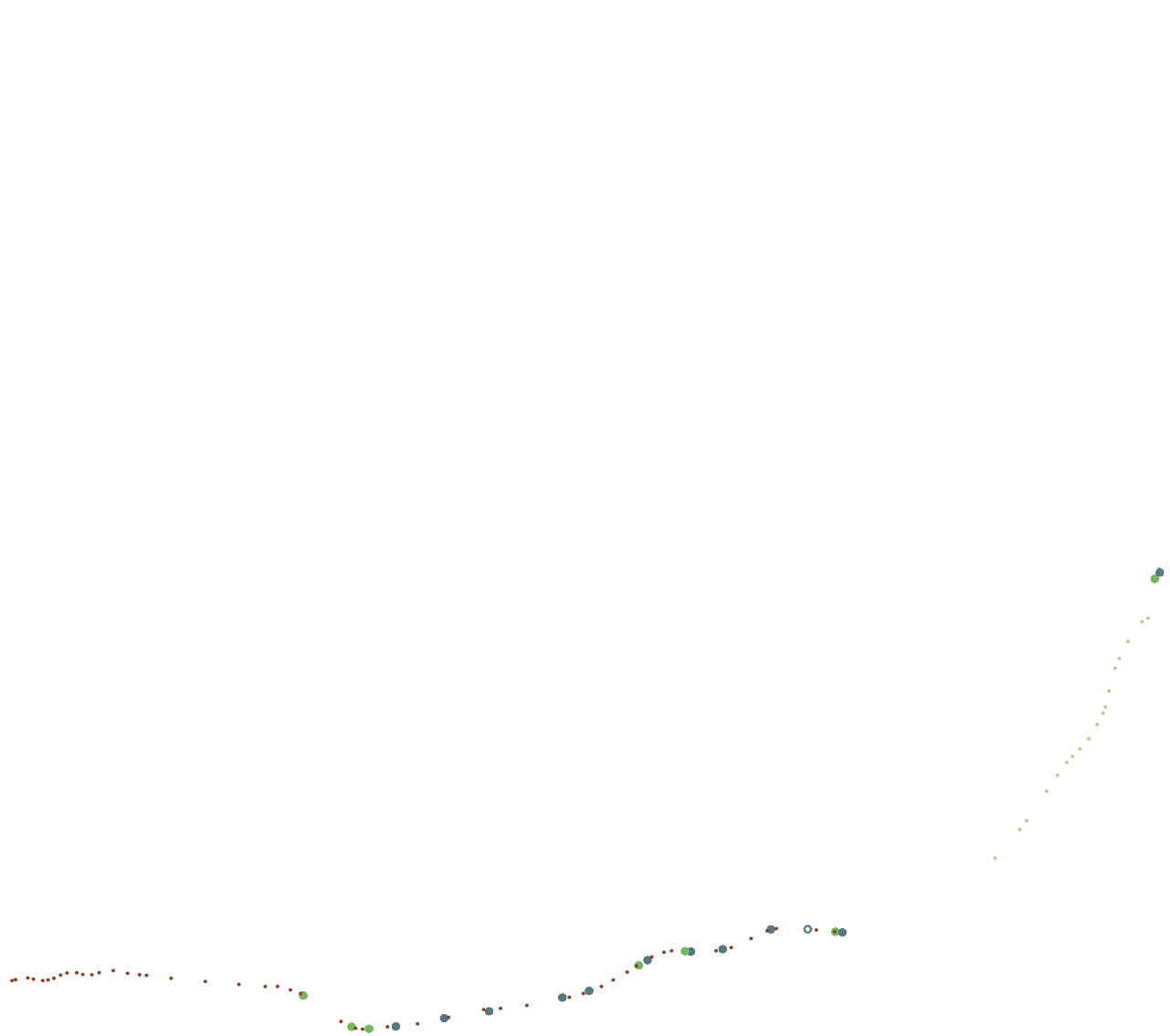
Alberto Caeiro, poema “O Tejo é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia”



imagem 021

Lisboa.Margem





Planta de análise de Limites

Barreiras físicas entre a cidade e o rio



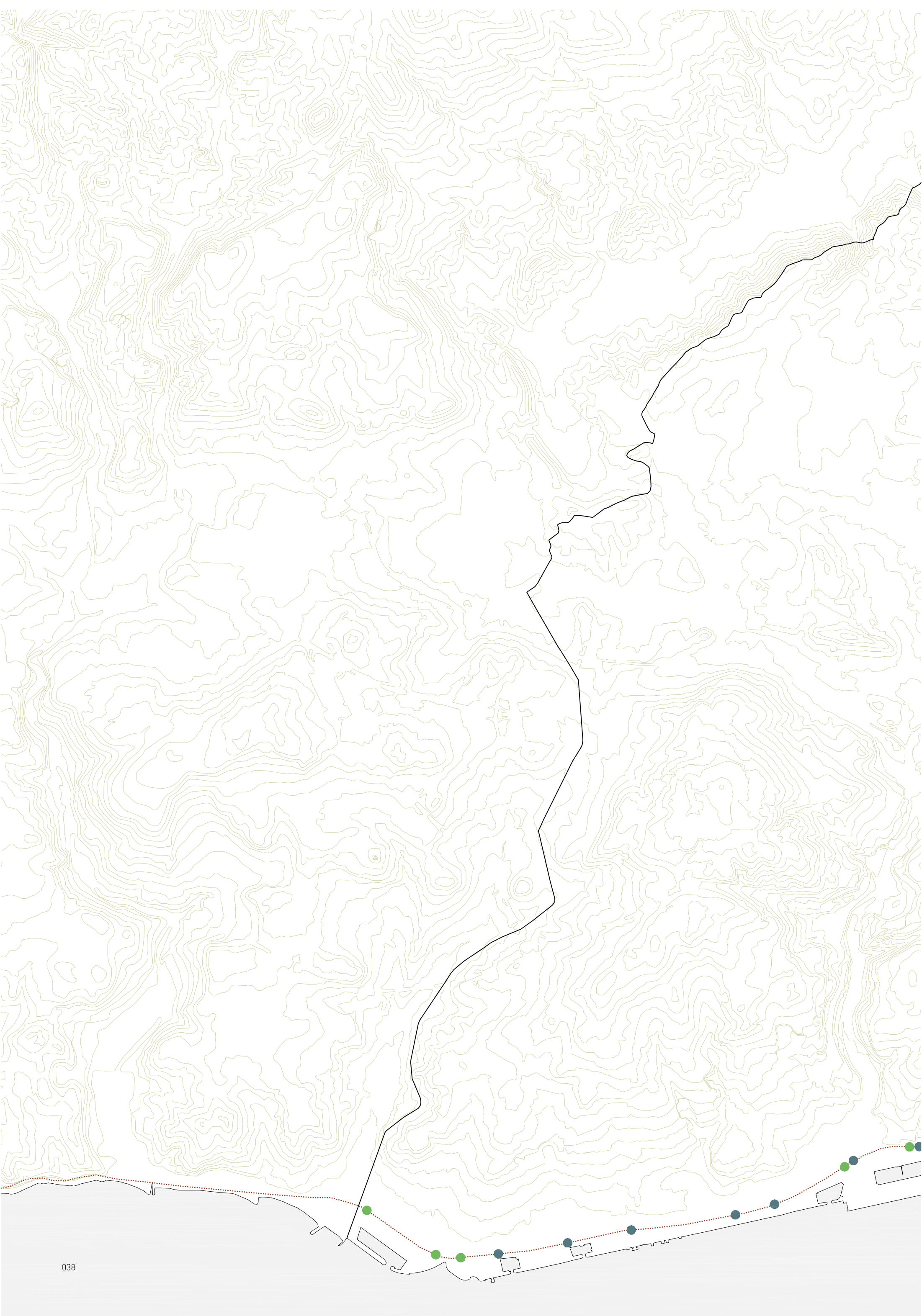
SINOPSE

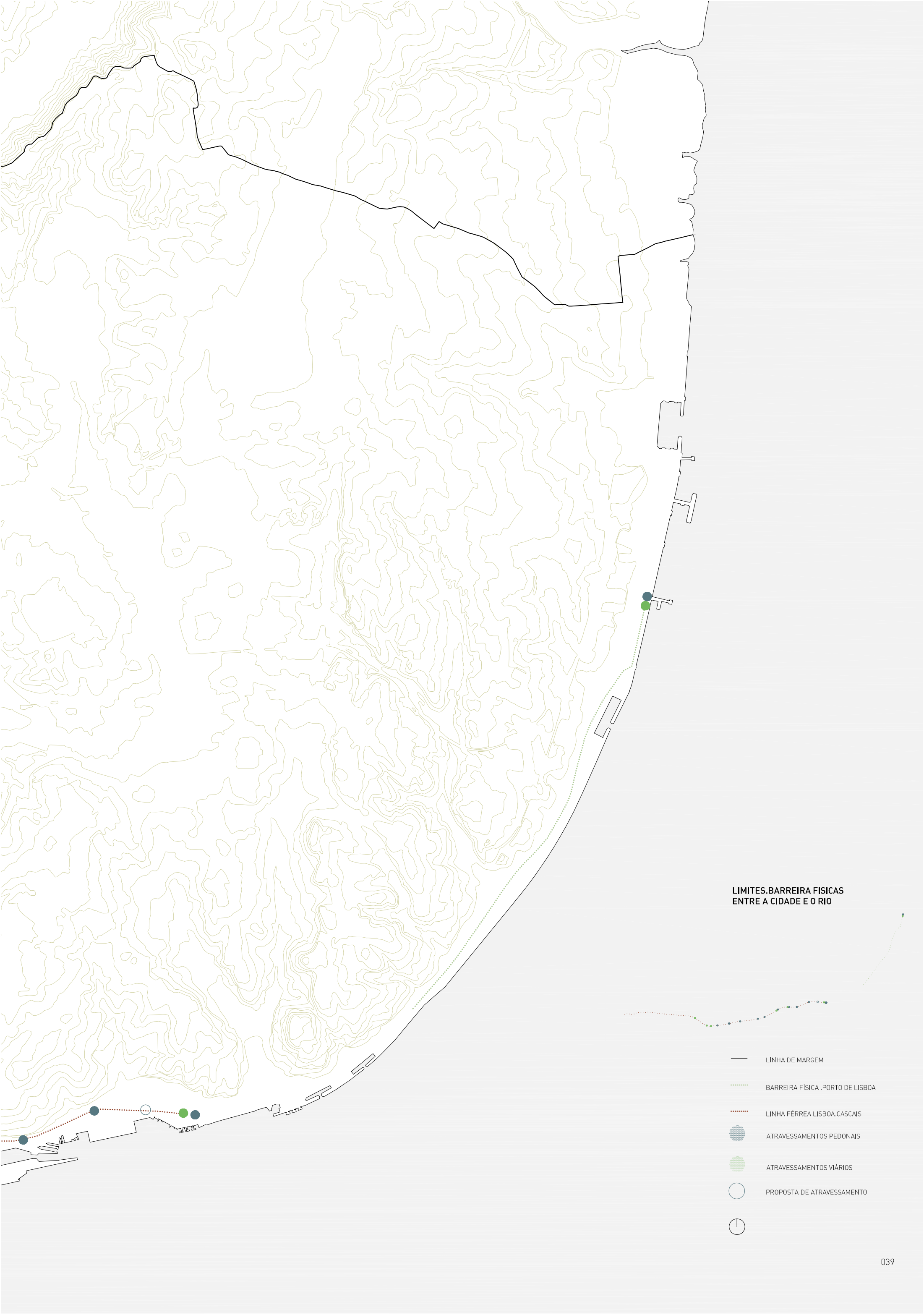
Numa associação entre a planta de mobilidade, e os limites definidos pelos estatutos normativos da zona respeitante ao porto de Lisboa, é feita uma planta de análise dos limites físicos actuais que afastam a cidade da margem. Numa extensão de Pedrouços ao Cais do Sodré esta barreira é justificada pela linha férrea que pontualmente é atravessada transversalmente.

(Atravessamentos pedonais .atravessamentos viários)

De Santa Apolónia ao Parque Expo, o condicionamento justifica-se pelo limite da área administrativa do Porto de Lisboa.

Constata-se através da análise que existe apenas relação directa entre a cidade e o rio no espaço compreendido entre Cais do Sodré e St Apolonia(Sta Engrácia), e de Marvila ao Parque Expo Freguesia de Sta Maria dos Olivais.





LIMITES.BARREIRA FÍSICAS
ENTRE A CIDADE E O RIO

- LINHA DE MARGEM
- BARREIRA FÍSICA .PORTO DE LISBOA
- LINHA FÉRREA LISBOA.CASCAIS
- ATRAVESSAMENTOS PEDONAIS
- ATRAVESSAMENTOS VIÁRIOS
- PROPOSTA DE ATRAVESSAMENTO
- ⌚

(...)Venho do fundo do tempo

não tenho tempo a perder

minha barca aparelhada

solta o pano rumo ao norte

meu desejo é passaporte

para a fronteira fechada

Não há ventos que não prestem

nem marés que não convenham

nem forças que me molestem

correntes que me detenham

Quero eu e a natureza

que a natureza sou eu

e as forças da natureza

nunca ninguém as venceu

Com licença com licença

que a barca se fez ao mar

não há poder que me vença

mesmo morto hei-de passar

com licença com licença

com rumo à estrela polar

António Gedeão, poema "Fala do homem nascido" in teatro do mundo 1958

aterro da boavista





Ortofotomapa do aterro da boavista

imagem022



imagem 023

*Eis aqui, quase cume da cabeça
De Europa toda, o Reino Lusitano,
Onde a terra se acaba e o mar começa,
E onde Febo repousa no Oceano.
[...]*

Luis Vaz de Camões canto III, Descrição da Europa- Portugal

Aterro da Boavista

A plataforma



SINOPSE

Situado na bacia hidrográfica definida pela linha de fecho da avenida infante santo e pela rua do alecrim, está presente uma plataforma conquistada ao rio -o aterro da Boavista.

[análise plantas aterros como formas de ampliação da cidade]pg028

O aterro surge da necessidade da redefinição da linha de margem, inserido no contexto do porto de lisboa, e vem resolver o que é o actual limite da cidade com o rio. A margem.



ANÁLISE DIACRÓNICA DOS EIXOS VIÁRIOS

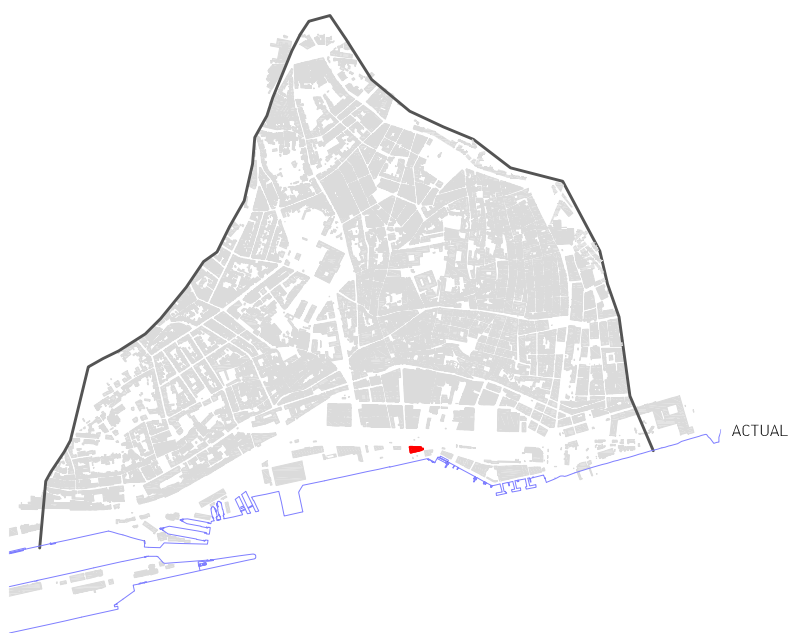
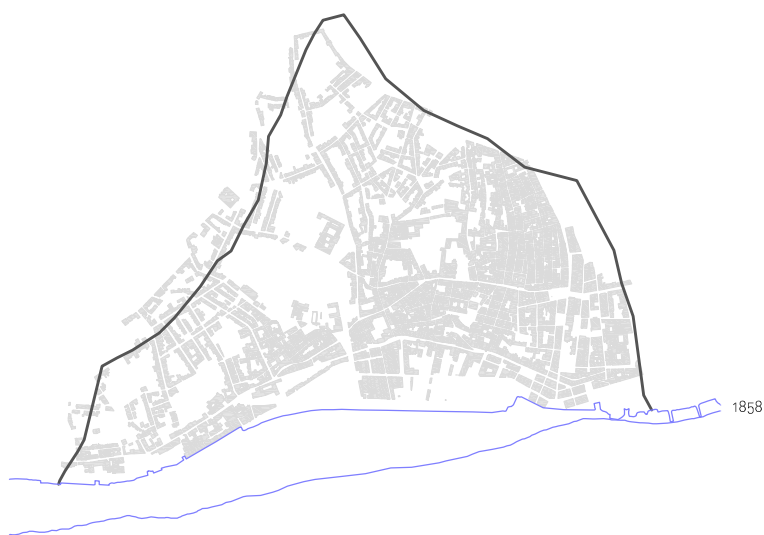
-  ATERRO DA BOAVISTA
-  LINHA DE MARGEM
-  EIXOS VIÁRIOS





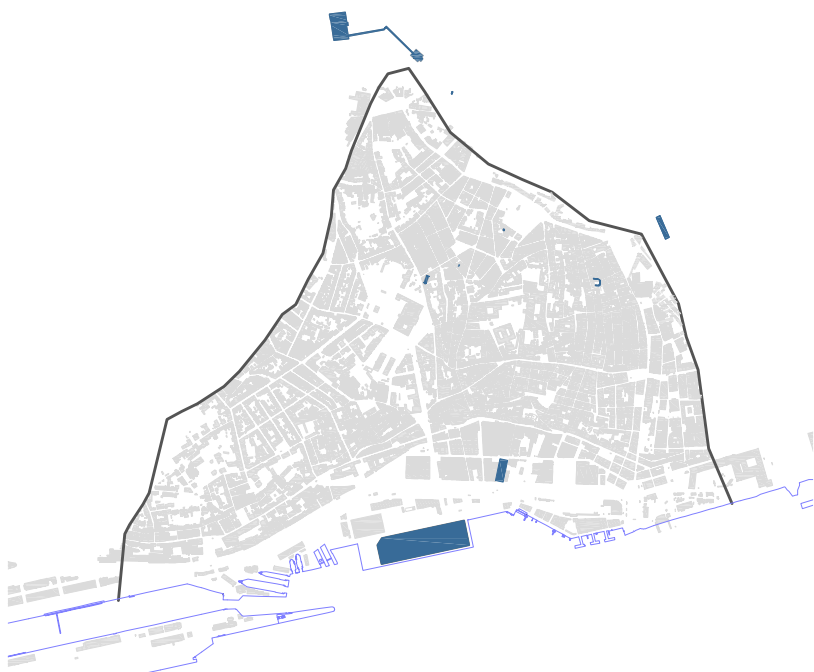
ANÁLISE DIACRÓNICA DE ZONAS VERDES

-  ATERRO DA BOAVISTA
-  LINHA DE MARGEM
-  EIXOS VIÁRIOS
-  ZONAS VERDES
- 



ANÁLISE DIACRÓNICA DO EDIFICADO

-  ATERRO DA BOAVISTA
-  LINHA DE MARGEM
-  DEMOLIÇÕES
-  EDIFICADO EXISTENTE
- 



ANÁLISE ACTUAL DO ATERRO DA BOAVISTA

-  ATERRO DA BOAVISTA
-  LINHA DE MARGEM
-  EIXOS VIÁRIOS
-  ZONAS VERDES
-  EDIFICADO
-  PROPOSTA
-  SISTEMA DE ÁGUA



a andar... da cidade à margem (o sitio)



imagem 024



imagem 025



imagem 026



imagem 027



imagem 028

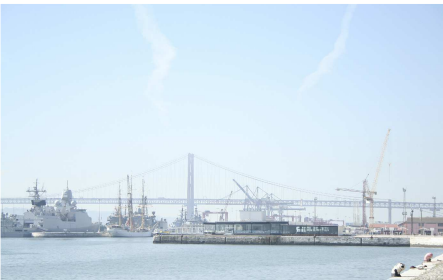


imagem 029



imagem 030



imagem 031

Entre a Terra e o Mar

ECÓTONO(do grego: oikos: casa e tonus: tensão)
nome dado à região de transição ambiental entre
dois sistemas, comunidades.

<http://pt.wikipedia.org/wiki/EC%C3%B3tono>

Entre a Terra e o Mar



1.



2.



3.



4.

imagem 039

- 1. a cidade, o alcatrão... Caminhar calçado
- 2. a transição entre dois sistemas, caminhar descalço, o universo tátil pelos pés
- 3. o contacto com a margem , o estímulo sensorial ,molhar os pés
- 4. por fim...o mergulho a relação directa entre o corpo e a água, a experiência



conceito

A ideia da proposta é criar a relação franca entre a terra e o mar , assumindo as condicionantes e proporcionando, uma experiência corpo vs matéria através do acto de andar e das possibilidades que água produz no ser humano enquanto processo sensorial.

No limite a intervenção intensifica a ideia do mergulho no rio, o percurso é a pegada a marca do corpo o rasto deixado na cidade ,e o mergulho -o corpo "engolido " pela água .



imagem 040

do cheio ao vazio, do construído ao invisível
da matéria à água,
do espaço de andar à fundação do lugar

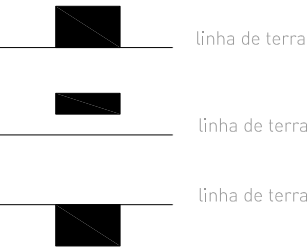


imagem 026

[109] pg040 Pallasmaa,Juhani, *The eyes of the skin, architecture and the senses* .john Wiley and sons ltd, England,London 2005

[110] referência á dissertação teórica

[111]Helena Almeida Estudos para dois espaços,1997fotografia
imagem 032



[112]Helena Almeida A experiência do lugar1 ,2001 fotografia
imagem 033



[113]Landscape,Studio in the Woods, Isle of Wight Studio Weave 2001
imagem 034



[114] Anthony Gormley, Crosby beach
imagem 035



[115]Bill Viola,The fall into paradise



imagem 036

I experience myself in the city, and city exists through my embodied experience ^[109]

Num entendimento da análise, que se apresenta à escala global de cidade e posteriormente num zoom à área do aterro da Boavista , é evidenciada a relação que a cidade tem[ou não] com a margem.

Considerando a realidade do aterro, os condicionamentos gerados pela linha de comboio urbano| sub-urbano lisboa-cascais, e a avenida 24 de Julho, assumidas enquanto barreiras físicas que impedem o atravessamento entre a cidade e o rio, é potenciada a necessidade de actuar sobre o contexto actual.

Justificando como ponto de partida a análise do território, e assumindo o “acidente”, é consequente a necessidade de fortalecer a relação entre a **cidade e o rio**.

A proposta surge num contexto de ligação entre os dois sistemas , um percurso de transição entre a terra e o mar e de devolução da água á cidade.

Existem duas abordagens ao território,^[110]uma primeira á escala de cidade, em que se pretende resolver um quarteirão, definindo uma nova frente de rua , através do preenchimento de um vazio absorvido pela malha e garantindo uma continuidade do sistema edificado.

E uma segunda , a uma escala que se relaciona com actual plataforma(aterro), em franca relação com a margem e com o rio, criando um espaço que redefine a linha de costa e aprisiona um imenso espaço de água - as PISCINAS FLUVIAIS DE LISBOA.

Da necessidade de articular estes dois espaços de água, e da vontade de ligar a cidade ao rio, surge um percurso o fio condutor de toda a estratégia que potencia o atravessamento e que se pretende enquanto experiência entre a Lisboa e a margem.

A espinha dorsal da estratégia, assumida num percurso pedonal, relaciona os dois momentos pontuais da intervenção, atribuindo uma importância, ao acto de caminhar ^[111] , e á experiência potenciada pela relação entre o corpo e o espaço.

O percurso é uma reacção ao entendimento do território, ganha espessura para receber programa, ganha cota para passar a barreira da avenida 24 de Julho e da linha de comboio.

No aterro tende a relacionar-se com o que existe perdendo cota e ganhando a escala dos edifícios existentes. Por fim “desmaterializa-se” em pontão assumindo um novo limite para a linha de costa de Lisboa, “cortando a água” e potenciando um novo carácter do entendimento da margem.

A materialização de umas piscinas públicas exteriores, um espaço de ocupação informal- o megulho no rio

Numa aproximação programática, o percurso gere a apropriação do lugar ^[112]e fundamenta a estratégia. Inicialmente parte de uma ideia de aqueduto que devolve a água á cidade, á posteriori é “apenas” um percurso de relações espaciais a diferentes cotas com a paisagem.

A necessidade do atravessamento é para além de programática , apoiada num suporte de condicionamento actual, existe a preocupação de que o percurso não sirva unicamente quem atravessa descalço (o privado), mas como também pretende assumir uma passagem pública, “la rue del ciel”. A separação do universo público e privado neste sistema concreto , é sub-dividido através da conotação pé.seco , pé .molhado, sendo que na aproximação ao aterro ,e partindo da premissa de não criar barreiras e condicionamentos físicos, a água (com as suas potencialidades) é a separação entre estes dois universos que tendem a confluir.

A intervenção surge como peça potencialmente regeneradora do espaço, não trabalhando o existente, apenas como elemento catalizador de transformações humanas.

O espaço da Cidade, um contentor de água

Na abordagem, ao vazio , existe uma necessidade de criar um espaço de água contido , que tenha um carácter urbano pontual , um espaço restringido pelas dimensões do lote, mas que se pretende como um contentor de banhos. Programaticamente esta distribuído em 5 pisos sendo que dois estão inferiores á cota actual da rua, e três acima. O piso inferior , apenas funciona como espaço técnico de exequibilidade funcional dos tanques. O piso considerado 1m inferior à actual cota da estrada (cota4) ,contem os balneários, três acessos ao piso superior (dois verticais e um rampeado) e um tanque de água para apropriação informal, que é “aberto” nos topos norte.sul com um pé direito de 7metros. Desta forma potencia-se a permeabilidade entre o tanque e a rua(d.luis, e av.24 de Julho) sendo que longitudinalmente tem uma relação pontual.

A permeabilidade deste piso é assumida, existe uma vontade clara que haja um contacto directo entre quem passa e quem está nas piscinas , apesar dessa relação ser condicionada pela diferença de cotas(1m).

De cota 4, e com acesso rampeado de ligação á cota 3 está o núcleo de recepção e um foier ,uma zona que se assume de estar e de pleno contacto visual com as piscinas.

A entrada do núcleo e feita a sul pela av 24 de Julho.

O piso superior corresponde apenas a uma laje (cota 6.5)que cobre os balneários é um piso dedicado ao Spa , pequenas cabines indivuais de chuveiros com zona de despir e vestir e i.s, um espaço de massagens dedicado a tratamentos com água. A entrada deste piso é feita a norte pela rua D. Luis onde existe um pequeno núcleo de recepção , mas com a possibilidade de acesso directo através dos acessos do piso inferior. É desta laje que partem as duas vigas de atravessmento respectivamente pé.molhado e pé seco ,absolutamente integradas no edifício, e por ele contidas .

A entrada a norte para o piso de spa é feita através de uma acesso rampeado que também serve o atravessamento público e vem na continuidade da rua D.Luis.

As vigas entendidas enquanto percursos não funcionam sempre á mesma cota ,esta varia consoante a necessidade, no entanto ambas são condicionadas pelo atravessamento das catenárias da linha de comboio da av. 24 de Julho.

A Laje 3 { cota 10.5 }é servida por um acesso vertical que é comum a todo o edifício e por o acesso rampeado da viga de pé.molhado, neste piso duas unidades de i.s, e espaços contidos pequenos tanques de água com profundidade de 1 metro abertos ao céu, numa reinterpretação do processo do banho , são pequenas cápsulas de betão fechadas . Esta laje é continua com a laje de solário que vai cobrir o espaço da cota 3 justificando o pé direito de 7 metros. A laje de solário é um espaço aberto a céu e perfeitamente transponível visualmente á rua, funciona numa reinterpretação da açoteia , reservado ao programa tem uma série de chuveiros contínuos e está de cota com as pequenas cápsulas de água.

Paralelamente na cota 4 existe um acesso vertical que estruturalmente vai suportar os 75 metros de vão entre os dois pilares dos percursos, para além de cumprir a funcionalidade de se poder aceder á passagem pública da av. 24 de Julho . As vigas treliçadas (1,5m) e revestidas a aquapanel são travadas por vigas de três em três metros e soldadas sendo que as lajes do pavimento e da cobertura são pré esforçadas e betonadas.

O percurso público é parcialmente aberto a nascente,o percurso privado é apenas aberto no espaço correspondente ao edifício da cidade e depois fecha-se assumindo apenas uma relação visual e espacial com o rio. Atendendo , aos 14 metros de pé direito necessários para vencer o vão de 75 m foi fundamental encontrar uma solução que permitisse humanizar a escala deste espaço (113),assim cria-se um tecto falso em que se pretende enfatizar a experiência visual e espacial .

De 14 a 3 metros em distensão e compressão espacial.

No aterro

Depois do vencer o limite da linha de comboio a estrutura dos percursos é apoiada numa segunda caixa de acessos verticais A viga pública atinge a cota 3 e permite a relação imediata e directa com o aterro, o percurso de pé molhado tende a relacionar-se de outra forma com o espaço.

Atinge o aterro 4 metros acima do solo, inflecte libertando- se da viga e sendo precedida por um percurso apenas com uma laje rampeada simplesmente apoiada em pilares estruturais, que contém, depósitos de água que pulverizam.(transição público-privado)atinge o aterro cota3 ao fim de 90 metros rampeados.

As piscinas fluviais.(114)

O Percurso atinge a cota 3 e está de cota com o acesso ás piscinas que são um grande tanque de água de 400 metros por 100m aproximadamente.

As piscinas de utilização sazonal funcionam como uma grande superfície de água que se encaixa na linha de líoz e se agrega ao ao actual recorte da plataforma (planta de implantação esc 1.3000). Programaticamente a ideia parte de criar espaços a diversas profundidades unidos apenas por uma superfície continua de água Um espaço de experiência entre água e o corpo com diferentes tipos de utilização, (esquema de profundidade piscinas fluviais).Este espaço não assume nenhuma barreira física ou visual apenas remete para a ideia de mergulho no rio em que a transição público-privado é única e exclusivamente proporcional á vontade de tirar os sapatos e mergulhar.

Contudo para utilizadores apenas do espaço de piscina pública utiliza-se o muro de contenção que redefine a margem que assume espessura e recebe os balneários a uma cota inferior cota-1 mas cujas entradas de acesso estão acima do nível friático permitido.

Para os balneários publicamente acede-se por uma circunferência marcada no chão do aterro que funciona como acesso rampeado , contida por um espelho de água potenciando a experiência fisica espacial do espaço, como infinito.

O sistema de balneários desenvolve-se por cápsulas de vestiários cacifos e chuveiros abertos ao exterior, ao céu.

A zona de tratamento de água, é acedida pela circulação dos balneários e é constituída por um conjunto de depósitos e tanques que pretendem tratar a água do rio para consumo das piscinas.

Construtivamente as intenções de projecto são claras os núcleos e as lajes em betão armado .Na estrutura do pontão e atendendo á proximidade com água (afecção de cheias) é construído um sistema de dupla laje também em betão que prevê bombas de extracção da água para o rio esta laje apoiada em estacas que vão até ao bedrock.

Da cidade á margem, do calçado ao descalço ,do andar ao mergulho um percurso entre a terra e o mar em que a cooporeidade é o veículo a exprimentação espacial. (115)

Piscinas Fluviais deLisboa

Entre a terra e o mar

O **MERGULHO** no RioTejo



imagem 039







PLANTA DE IMPLANTAÇÃO
ESC.1.30000

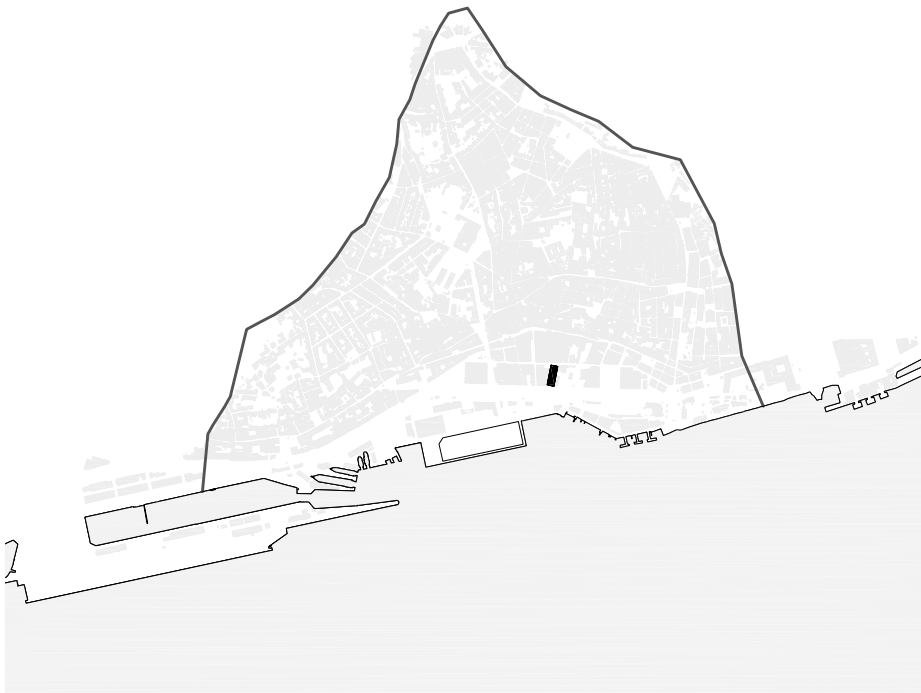
ÁREA URBANA DE LISBOA
LIMITE

ATERRO DA BOAVISTA

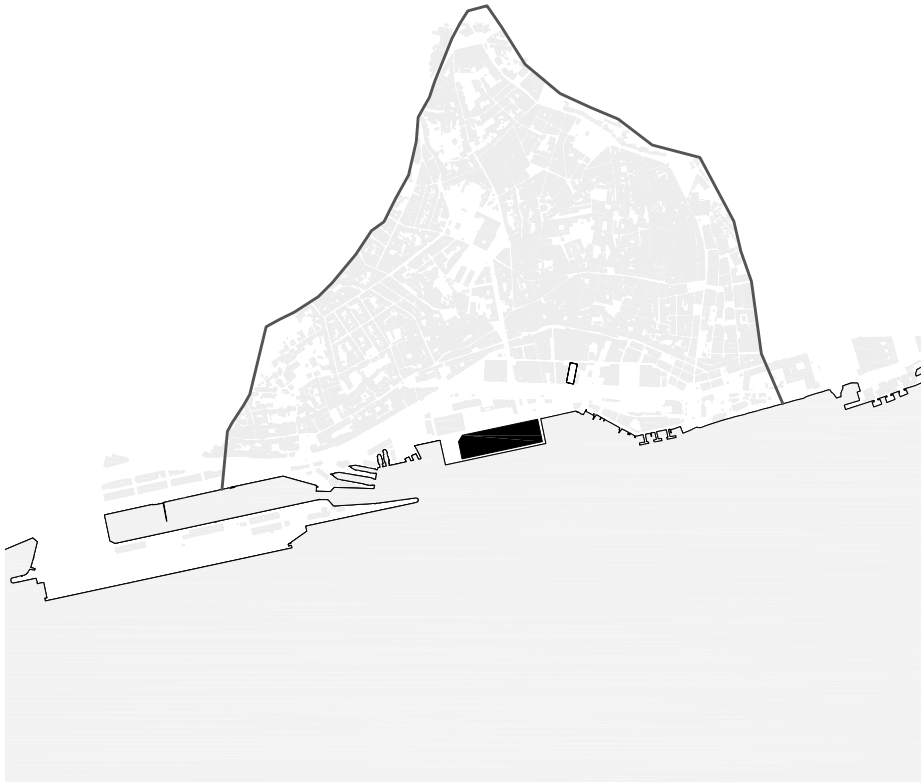
EDIFICADO

PROPOSTA

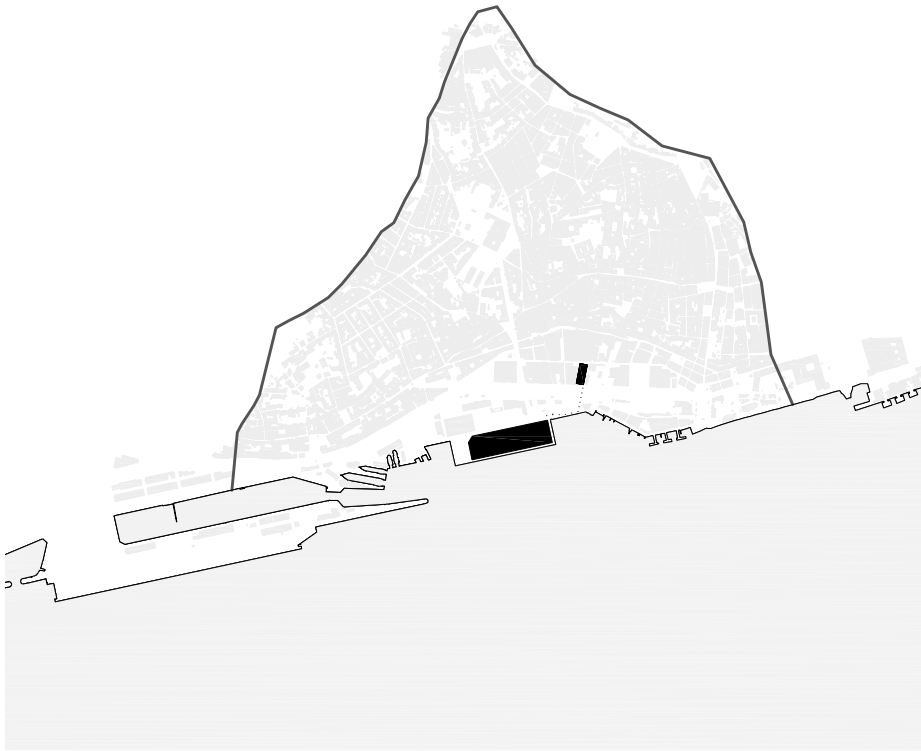




1. espaço de água para a Cidade.banhos



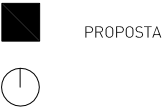
2. espaço de água no rio.piscinas fluviais



3. um percurso entre a cidade e o rio



Evolução diagramática da proposta

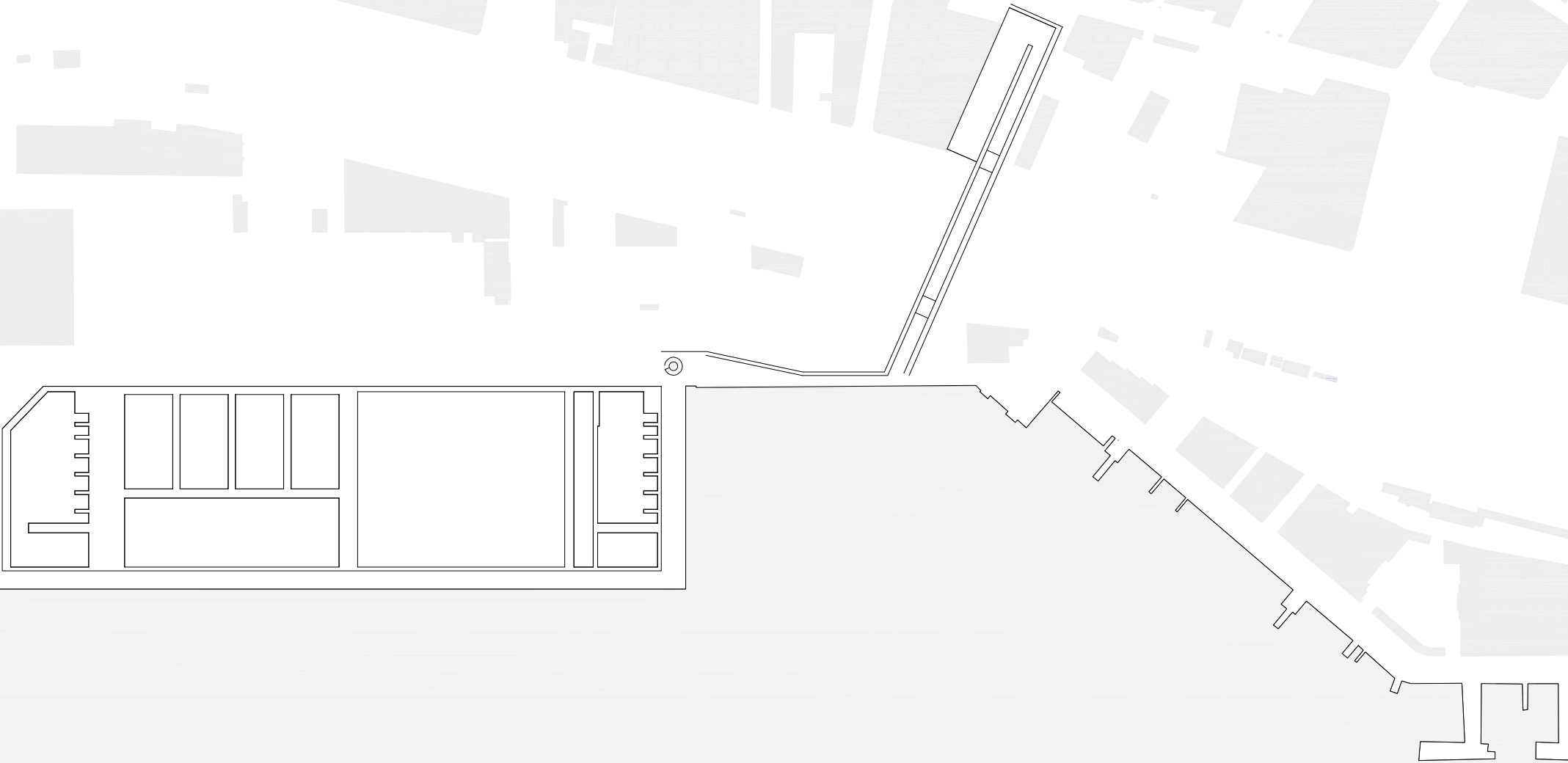


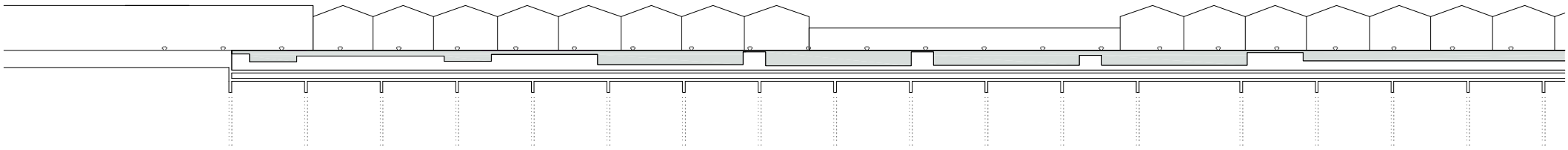
PLANTA DE IMPLANTAÇÃO esc.1:3000

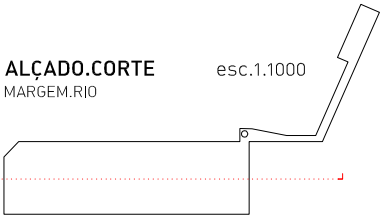
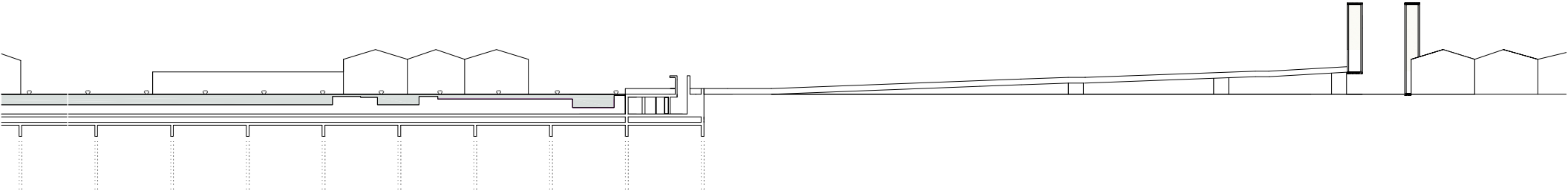
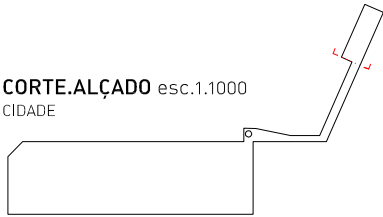
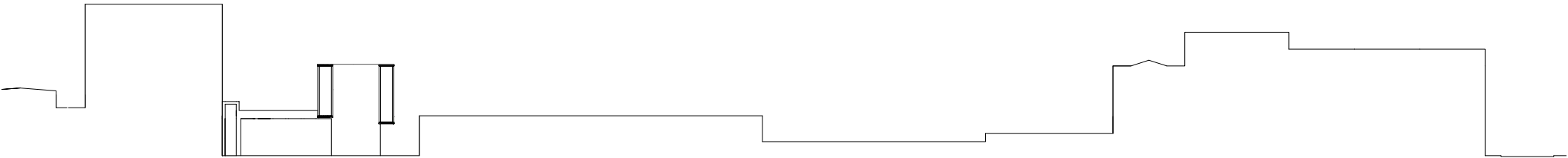
Aterro da Boavista

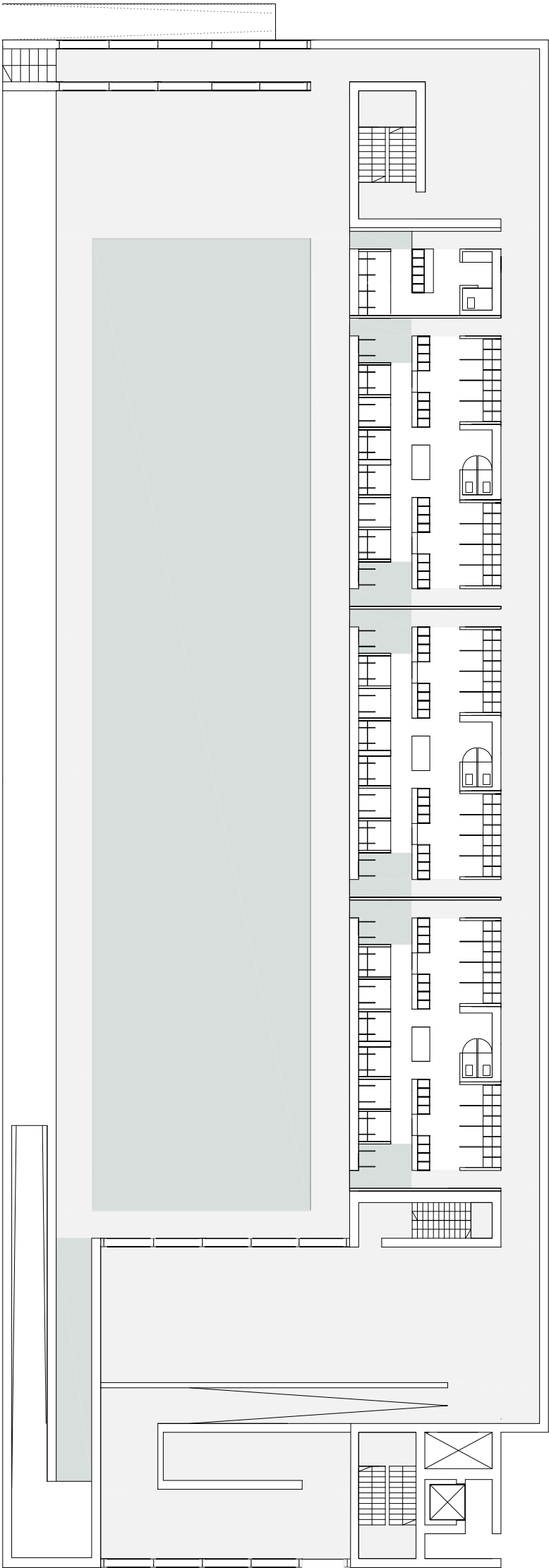


PROPOSTA

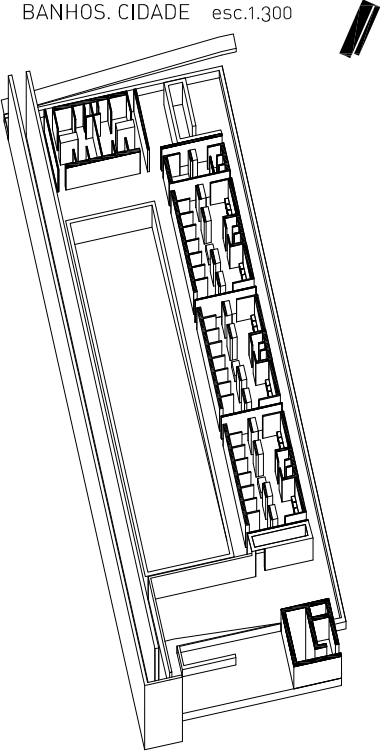




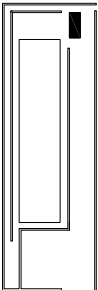




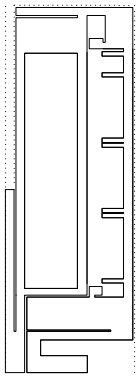
PLANTA LAJE1 COTA3
BANHOS. CIDADE esc.1.300



NÚCLEOS ESTRUTURAIS



ESQUEMA DE ÁREAS

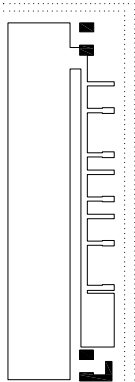


ESPAÇOS DE CIRCULAÇÃO 1102M2
670M2 .TANQUE

33M2 . BALNEÁRIO TIPO 2 .	33M2
120M2 . BALNEÁRIO TIPO 1 .	360M2
30M2. RECEPÇÃO	30M2
ÁREA TOTAL	1525 M2

PLANTA DE CIRCULAÇÕES

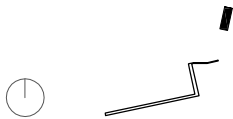
CIRCULAÇÃO
ACESSOS VERTICAIS

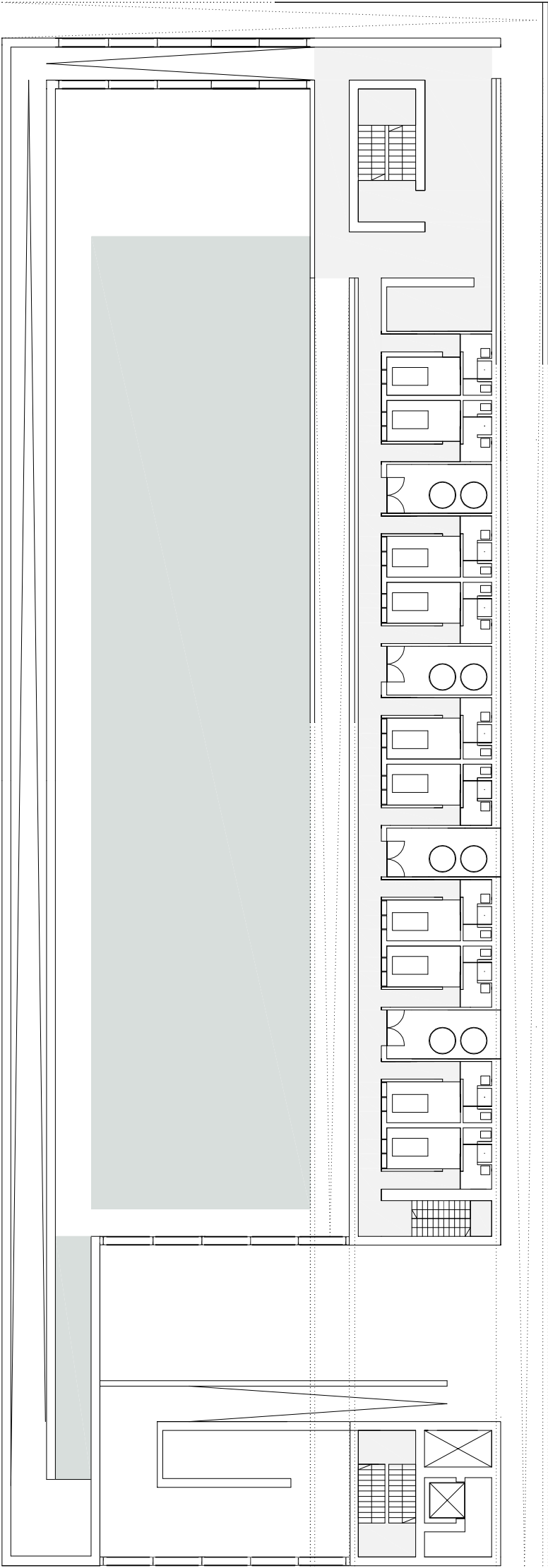


PROGRAMA

RECEPÇÃO
FOIER
BALNEÁRIOS
CABINE DE CHUVEIRO +I.S.+CACIFOS
LAVA PÉS
TANQUE DE BANHOS
ACESSOS

H2O.ÁGUA





PLANTA LAJE 2

BANHOS. CIDADE

COTA 6.5

esc.1:300

NÚCLEOS ESTRUTURAIS

ESQUEMA DE ÁREAS

ESPAÇOS DE CIRCULAÇÃO

422M2

10M2 .ESPAÇOS DE MASSAGEM

100M2

18M2 .ÁREA TÉCNICA

72 M2

ÁREA TOTAL

594M2

PLANTA DE CIRCULAÇÕES

CIRCULAÇÃO

ACESSOS VERTICAIS

PROGRAMA

APOIO DE RECEPÇÃO

CAMARAS DE MASSAGEM

TERAPÉUTICAS

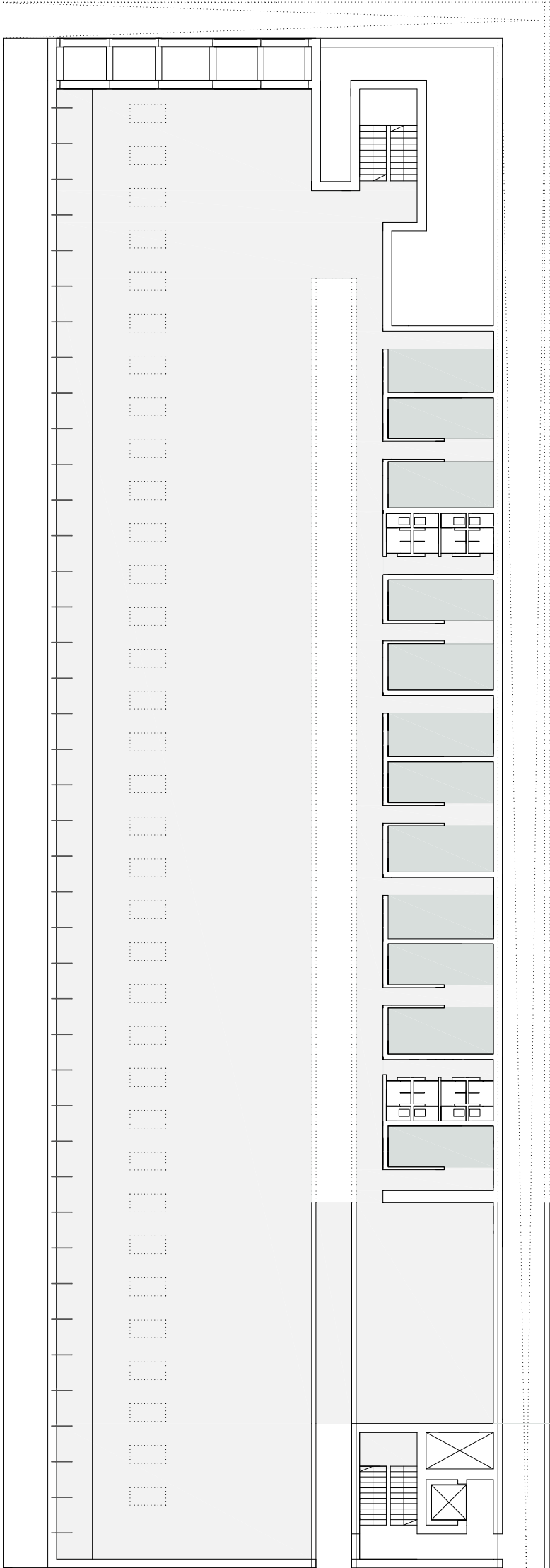
CABINE DE CHUVEIRO +I.S.+ CAMARA DE

VESTIÁRIO

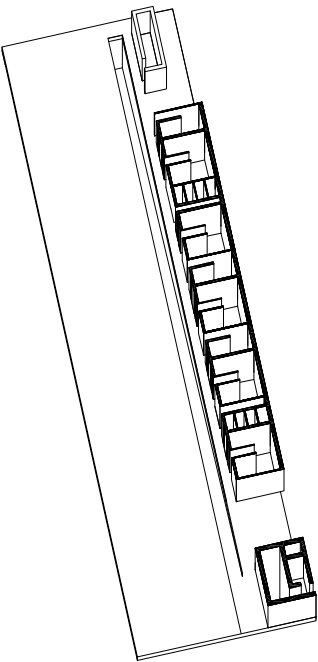
ZONAS TÉCNICAS

ACESSOS

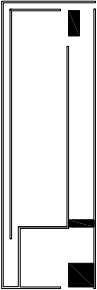
H2O.ÁGUA



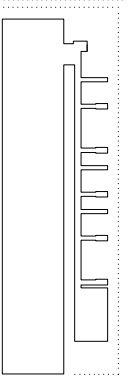
PLANTA LAJE3 COTA 10.5
BANHOS. CIDADE . esc 1,300



NÚCLEOS ESTRUTURAIS

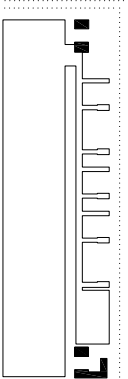
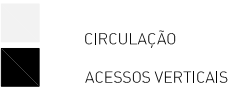


ESQUEMA DE ÁREAS



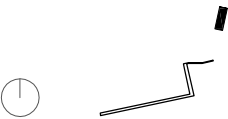
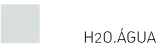
ESPAÇOS DE CIRCULAÇÃO	1431M2
1179M2 .SOLÁRIO	
13M2 .CÁPSULA DE BANHO TIPO 1 .104M2	
15M2 .CÁPSULA DE BANHO TIPO 2 . 60M2	
16M2. I.S.+ CHUVEIROS	32M2
ÁREA TOTAL	1627 M2

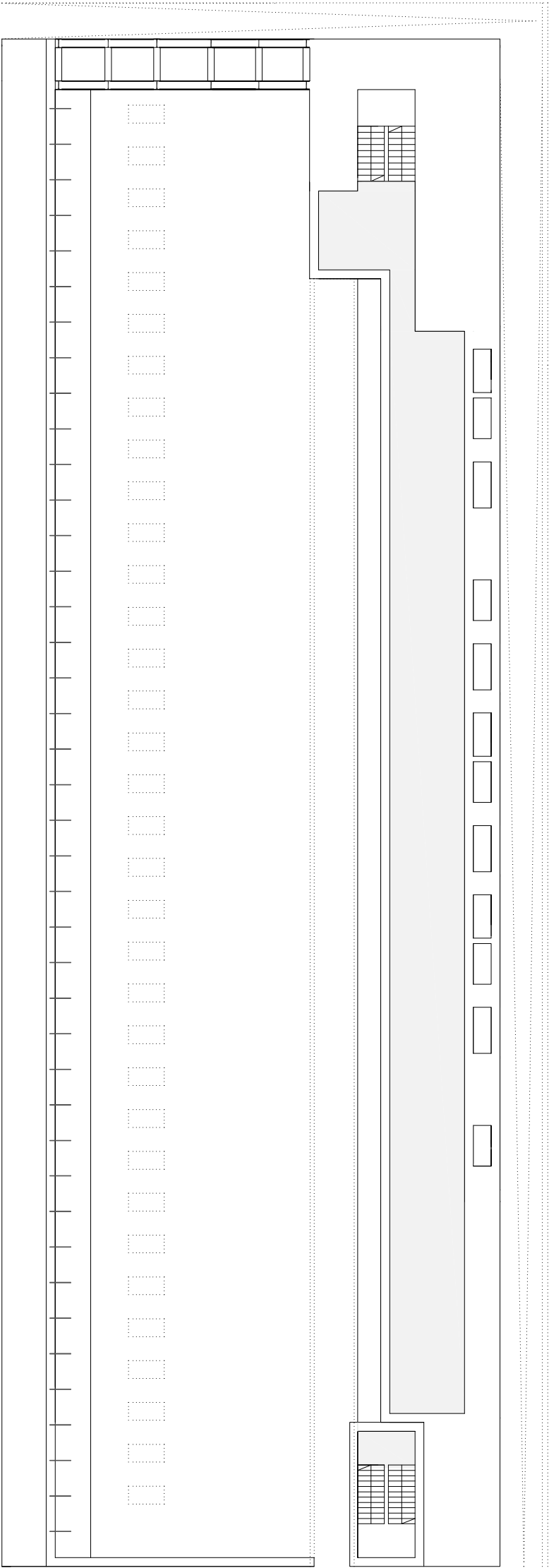
PLANTA DE CIRCULAÇÕES



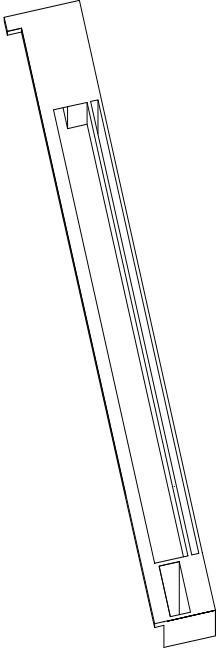
PROGRAMA

CAMARAS DE BANHOS QUENTE,TÉPIDO E FRIO
CABINE DE CHUVEIRO +I.S.ZONAS
SOLÁRIO
ACESSOS

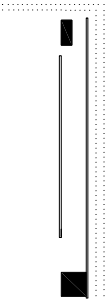




PLANTA LAJE4 COTA15.5
BANHOS. CIDADE esc.1.300



NÚCLEOS ESTRUTURAIS



ESQUEMA DE ÁREAS



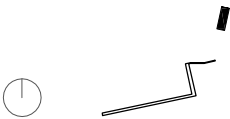
ESPAÇOS DE CIRCULAÇÃO 322M2
ÁREA TOTAL 322M2

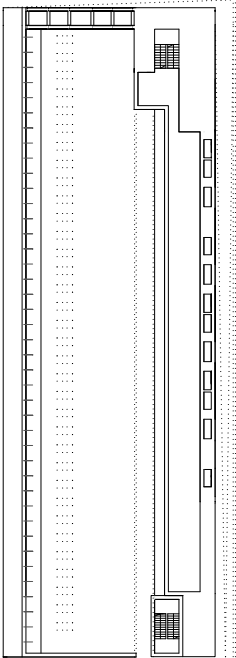
PLANTA DE CIRCULAÇÕES

CIRCULAÇÃO
ACESSOS VERTICAIS

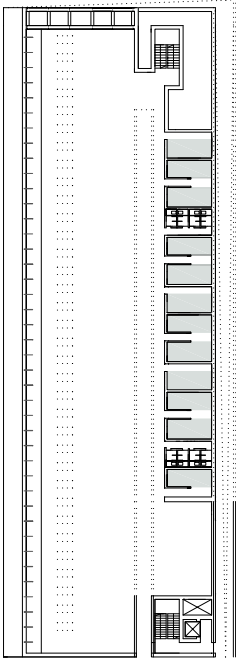
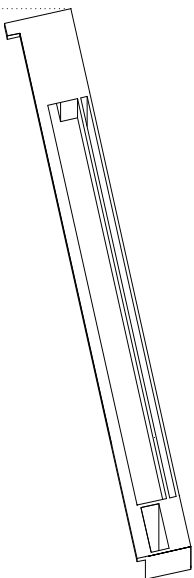


PROGRAMA
ZONA TÉCNICA
FOSSOS DE ILUMINAÇÃO CÁPSULAS DE
BANHOS
ACESSOS

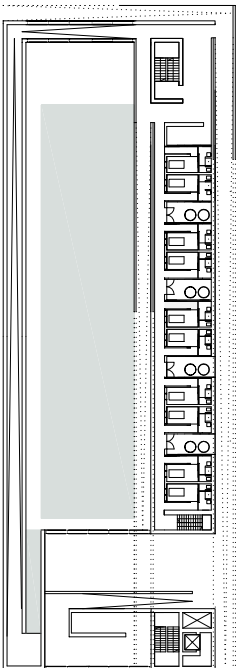
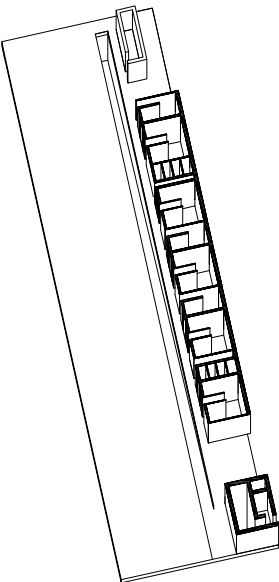




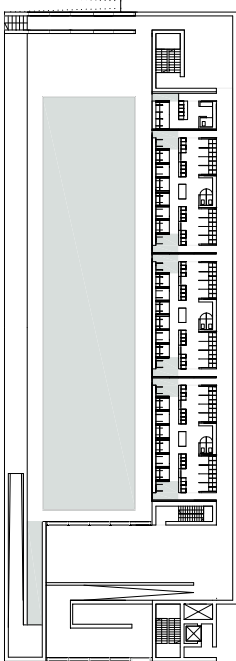
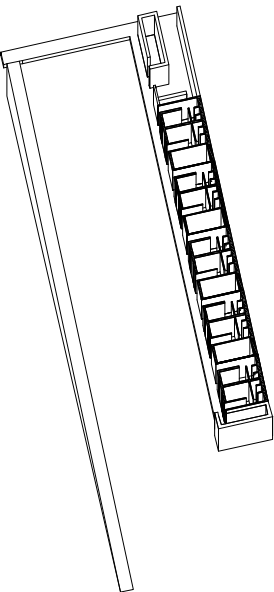
ÁREA TOTAL COBERTURA
322M2



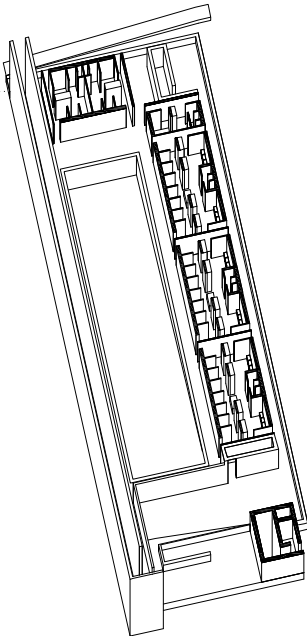
ÁREA TOTAL LAJE3
1627 M2



ÁREA TOTAL LAJE 2
594M2



ÁREA TOTAL LAJE1
1525 M2

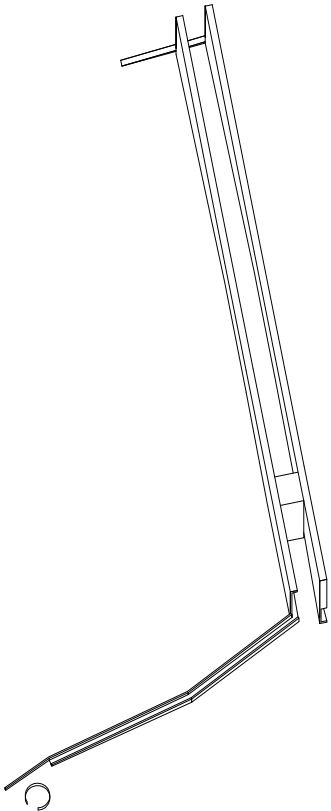


ÁREA TOTAL PISO TÉCNICO
1525 M2
ÁREA TOTAL IMPLANTAÇÃO
5593M2



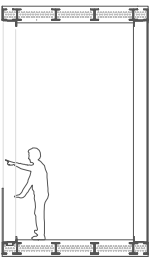
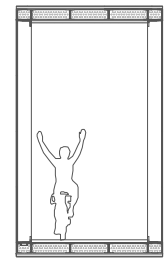
PLANTA PERCURSO
PERCURSO ENTRE A CIDADE E O RIO

0 2



PROGRAMA
2 TIPOLOGIAS DE PERCURSO
PÉ-MOLHADO-PERCURSO PROGRAMÁTICO VIGA A

PÉ SECO-PERCURSO PÚBLICO VIGA B



DIMENSÃO VIGA A
cota 6 a cota 4
14 metros de pé direito
2.60 largura
197 m de comprimento

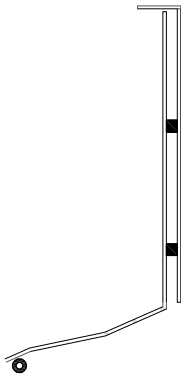
DIMENSÃO VIGA B
cota 4 acota 4
14 metros de pé direito
2.60 largura
207 m de comprimento



MÓDULO 3M .2.60M
TRELIÇAS 1.5M M 1.5M

PLANTA DE CIRCULAÇÕES

- ACESSOS VERTICAIS
- PILARES ESTRUTURAIS

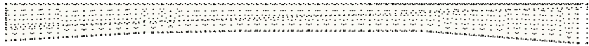
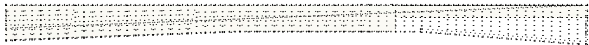


VIGA A. 197 metros 75 de vão
simplesmente apoiados

LAJES EM BETÃO PRÉ-ESFORÇADAS
POR CABOS DE AÇO
TRELIÇAS METÁLICAS COM MÉTRICA
DE 3 EM 3 METROS
90 METROS EM CONTACTO COM O
EXTERIOR
TECTO FALSO (VIROC ACÚSTICO)
REVESTIDA A PAINÉIS AQUAPANEL

VIGA B. 207 metros 75 metros de vão
simplesmente apoiados

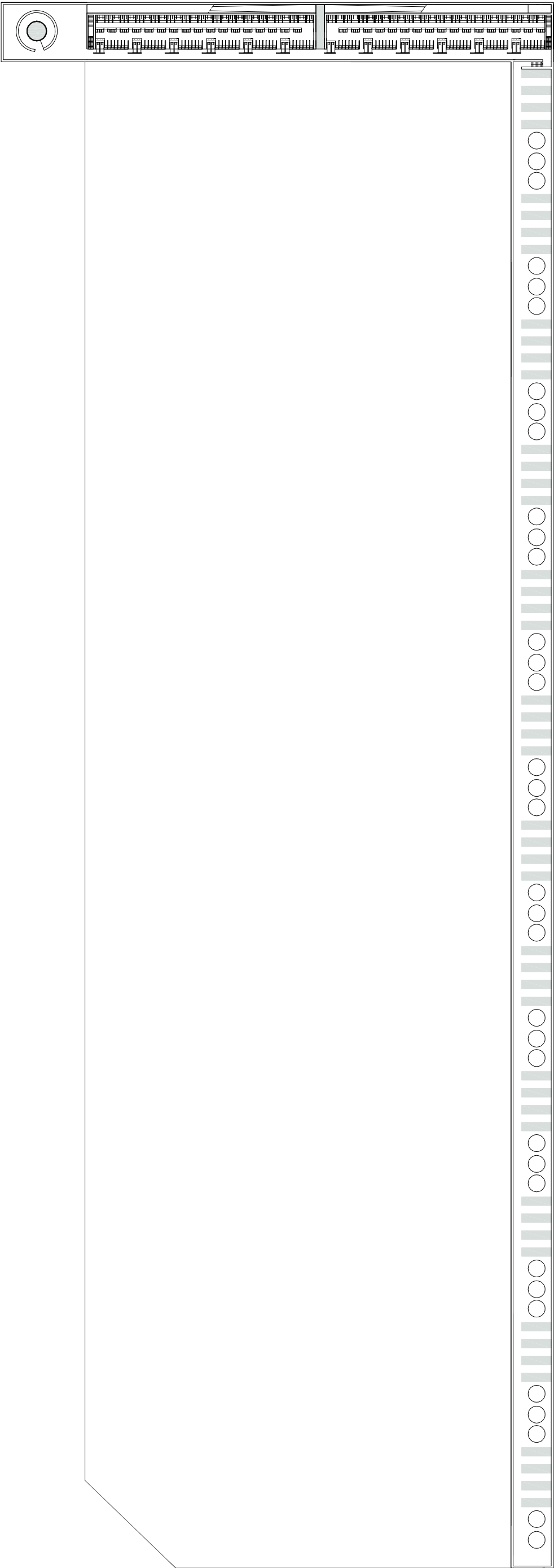
LAJES EM BETÃO PRÉ-ESFORÇADAS
POR CABOS DE AÇO
TRELIÇAS METÁLICAS COM MÉTRICA
DE 3 EM 3 METROS
ESTRUTURA METÁLICA EM
GAIOLA(NASCENTE) PARA PERMITIR A
CONTINUIDADE DA ABERTURA
REVESTIDA A PAINÉIS AQUAPANEL
90 METROS EM CONTACTO COM O
EXTERIOR
TECTO FALSO (VIROC ACÚSTICO)



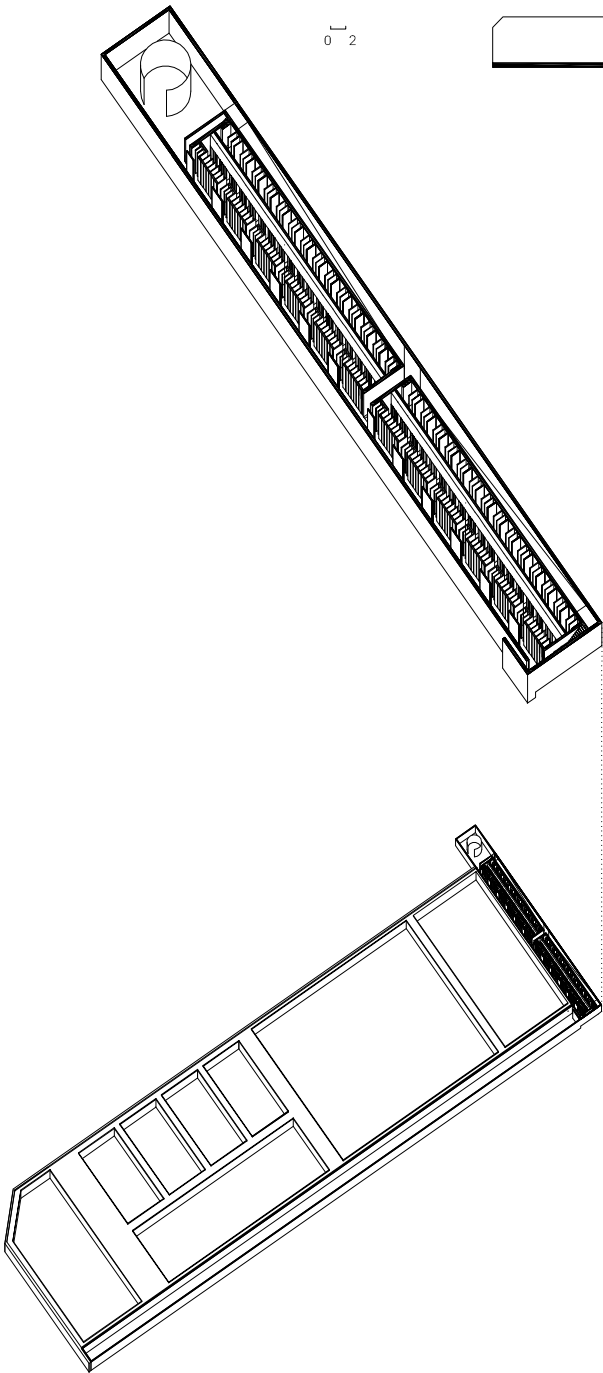
VIGA A.01. ponte 02. nascente



VIGA B 01.ponte 02.nascente



PLANTA LAJE 1 COTA 0
PISCINAS FLUVIAIS.RIO



ESQUEMA DE ÁREAS

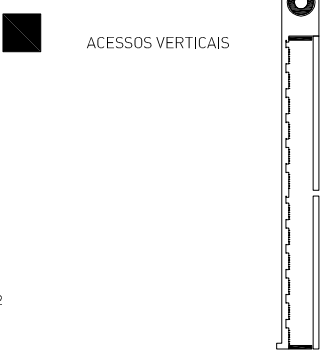


ESPAÇOS DE CIRCULAÇÃO 644M2

411M2 BALNEÁRIOS
FEMININOS
MASCULINOS 822M2

ÁREA TOTAL 1266M2
ÁREA TOTAL ZONA TÉCNICA 3177M2

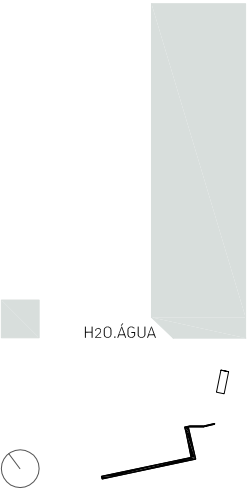
PLANTA DE CIRCULAÇÕES

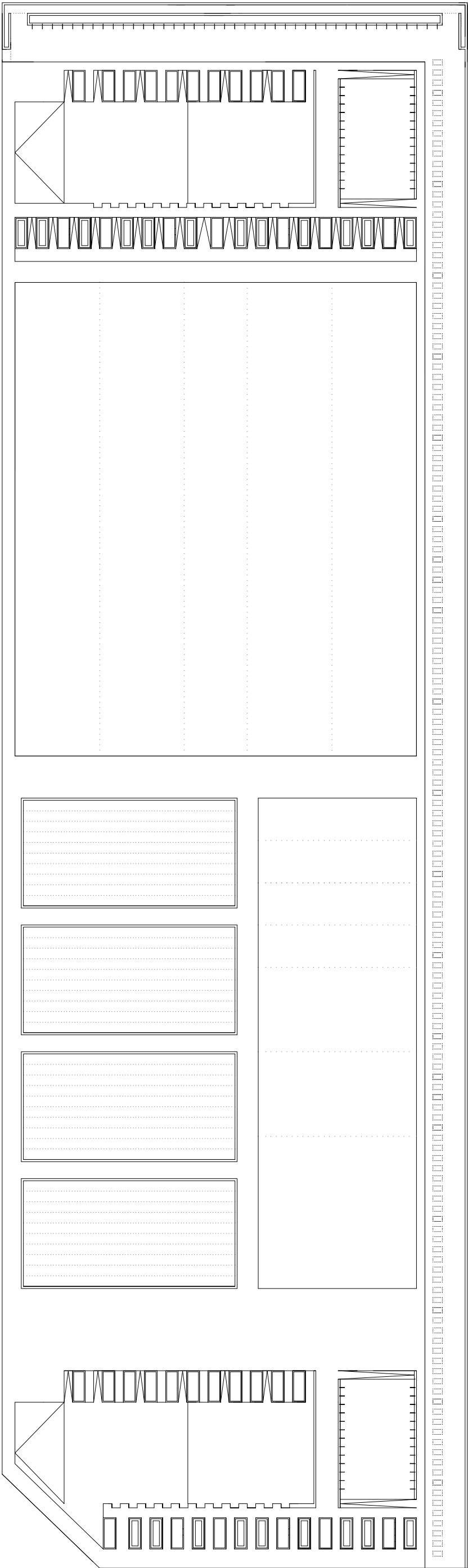


Instalação Bob Wilson imagem 043

PROGRAMA

- RAMPA DE ACESSO
- RECEPÇÃO
- BALNEÁRIOS:
 - .CHUVEIROS INDIVIDUAIS (56 uni.)
 - .CHUVEIRO COMUNS (28 uni.)
 - .I.S (12 uni.)
 - .CACIFOS (288 uni.)
 - .CÁPSULAS DE VESTIÁRIO (84 uni.)
- ACESSOS VERTICAIS E RAMPEADO
- ACESSO ÁREA TÉCNICA
- ÁREA TÉCNICA

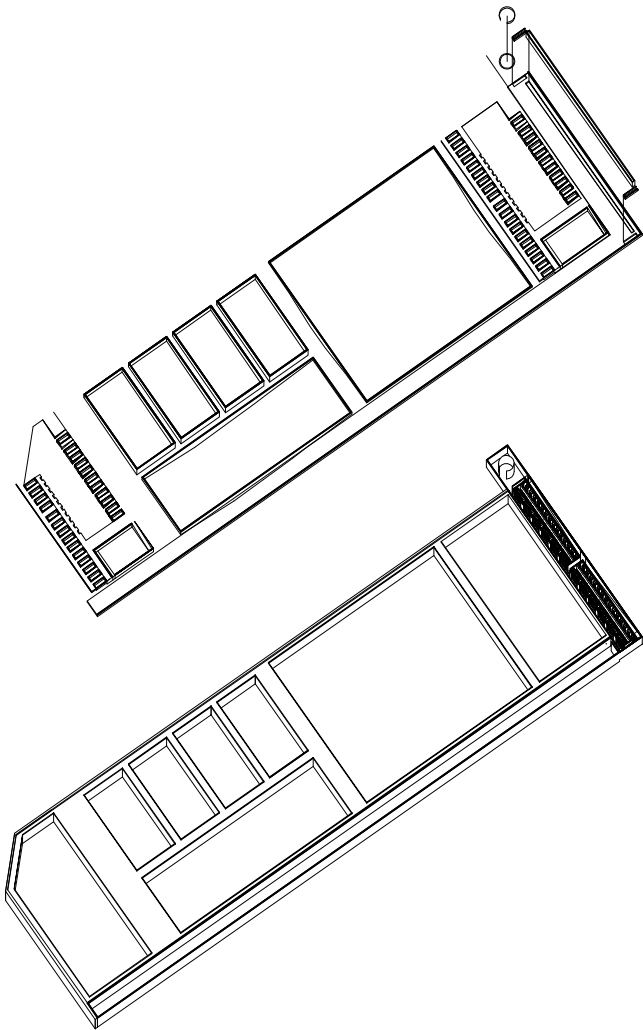




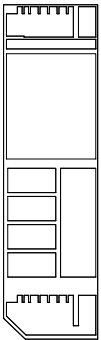
PLANTA LAJE 2
PISCINAS FLUVIAIS.RIO

COTA 3

0 2



ESQUEMA DE ÁREAS



ZONA DE SOLÁRIO .	4287M2
1325 M2.PISCINAS OLÍMPICAS	5300M2
600M2. TANQUES DE BICAS	1200M2
1411M2.PEQUENOS TANQUES INDIVIDUAIS DE PRESSÃO	2822M2
TANQUE ESTILO LIVRE1	10625M2
TANQUE ESTILO LIVRE2	306M2
1694M2 PISCINAS DE CRIANÇAS	3388M2
ÁREA DE CIRCULAÇÃO	9292M2
ÁREA TOTAL PISCINA	35333M2
ÁREA TOTAL SOLÁRIO	4827M2

PLANTA DE CIRCULAÇÕES



ACESSOS VERTICAIS



CIRCULAÇÕES TRANSVERSAIS



PROGRAMA

RAMPA DE ACESSO

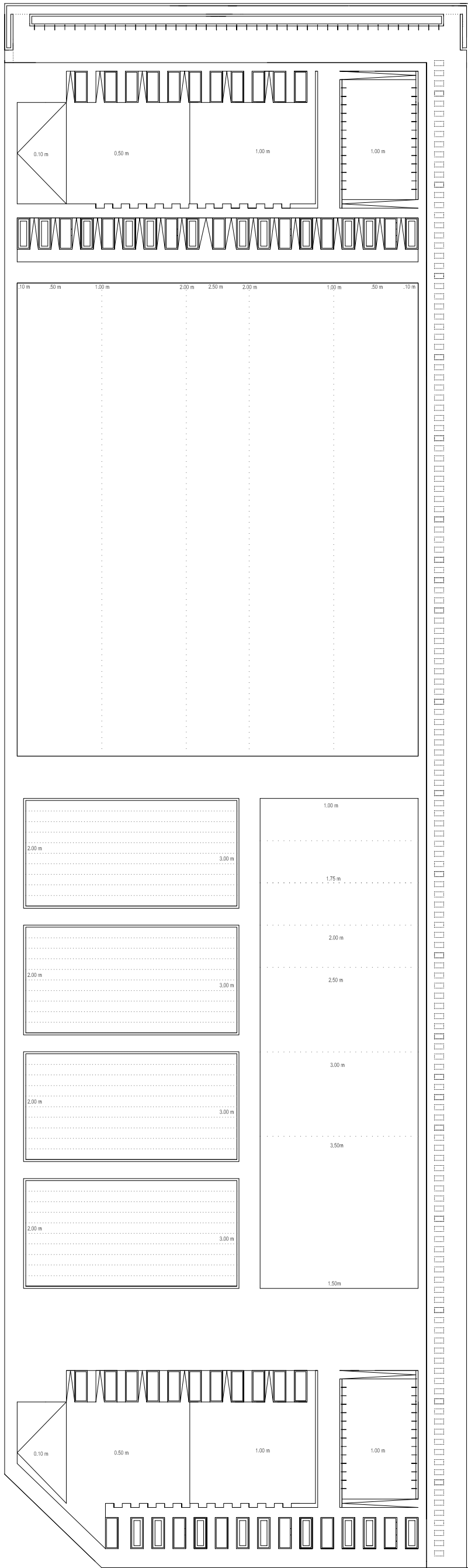


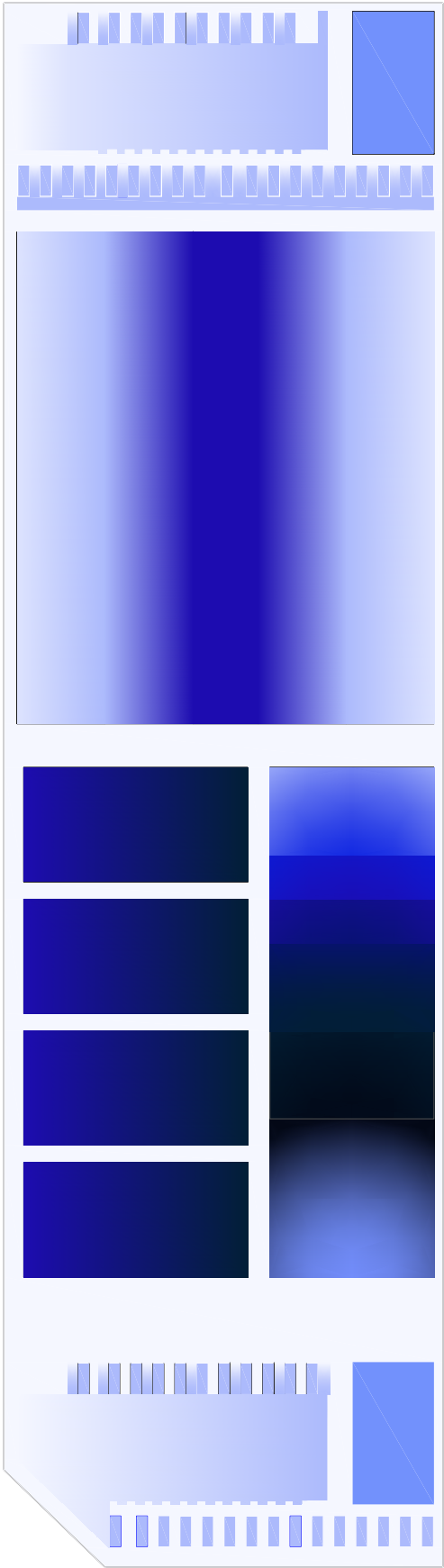
- ZONA DE CHUVEIROSEXTERIORES
- ZONA DE SOLÁRIO
- ACESSOS VERTICAIS E RAMPEADO
- BALNEÁRIOS
- 4PISCINAS OLÍMPICAS
- 2 TANQUES DE BICAS
- PEQUENOS TANQUES INDIVIDUAIS DE PRESSÃO
- 2 TANQUES ESTILO LIVRE
- 2 PISCINAS DE CRIANÇAS
- ZONAS DE DESCANSO
- ATRAVSSAMENTOS TRANSVERSAIS



H2O.ÁGUA







ESQUEMA PROFUNDIDADE
COTA 3 PISCINAS FLUVIAIS.RIO

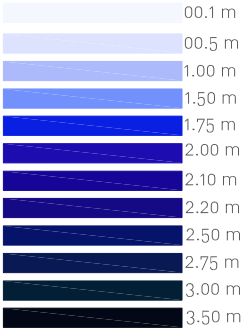
0 2



Instalação Anthony Gormley Crosby
Beach Imagem 041

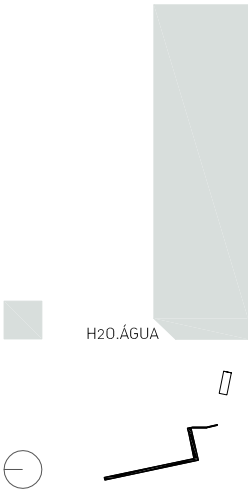


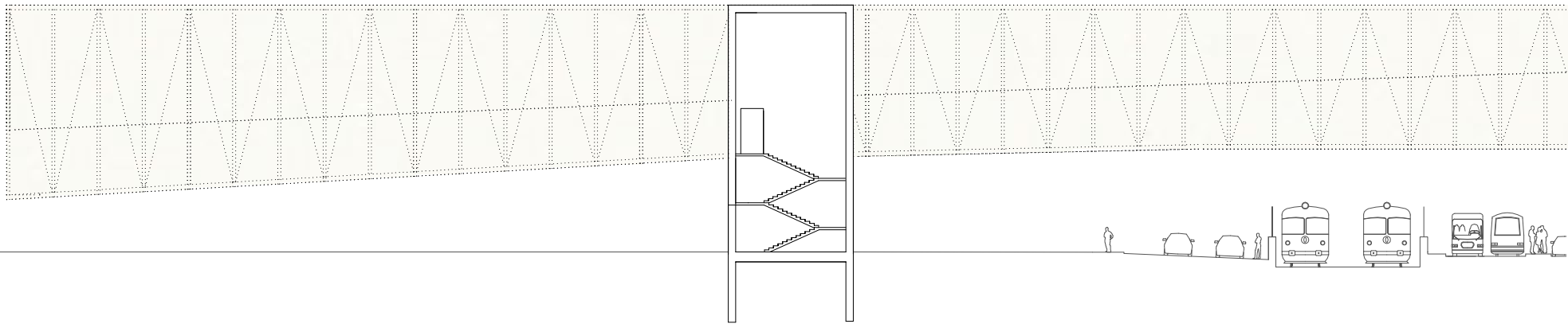
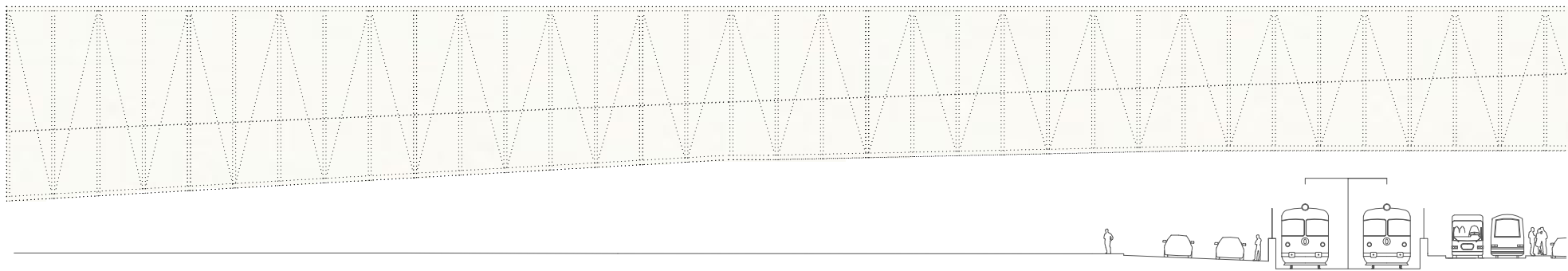
Instalação Anthony Gormley Crosby
Beach Imagem 042



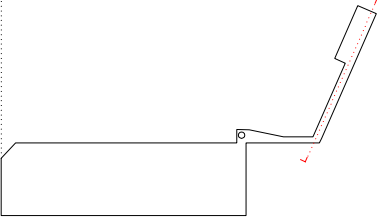
PROGRAMA

- RAMPA DE ACESSO
- ZONA DE CHUVEIROS EXTERIORES
- ZONA DE SOLÁRIO
- ACESSOS VERTICAIS E RAMPEADO
- BALNEÁRIOS
- 4PISCINAS OLÍMPICAS
- 2 TANQUES DE BICAS
- PEQUENOS TANQUES INDIVIDUAIS DE PRESSÃO
- 2 TANQUES ESTILO LIVRE
- 2 PISCINAS DE CRIANÇAS
- ZONAS DE DESCANSO
- ATRAVSSAMENTOS TRANSVERSAIS

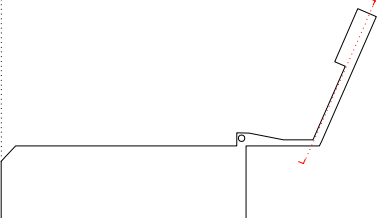




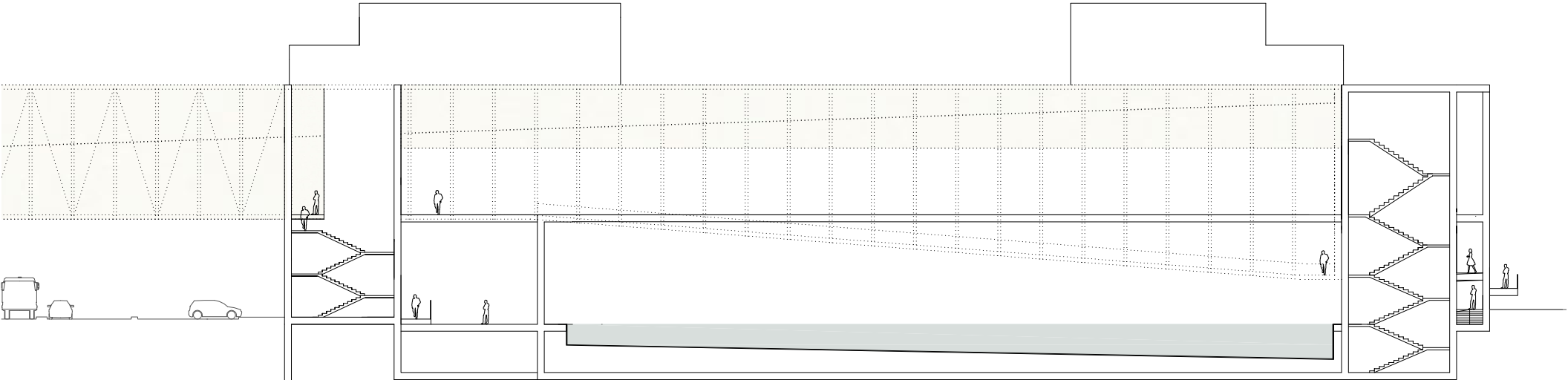
VIGA A. PERCURSO PRIVADO
PÉ.MOLHADO
CORTE LONGITUDINAL AIA´
BANHOS .CIDADE



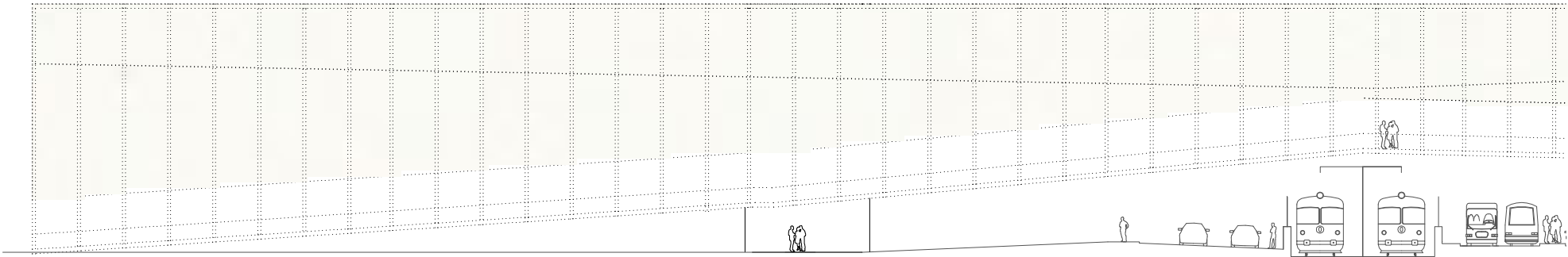
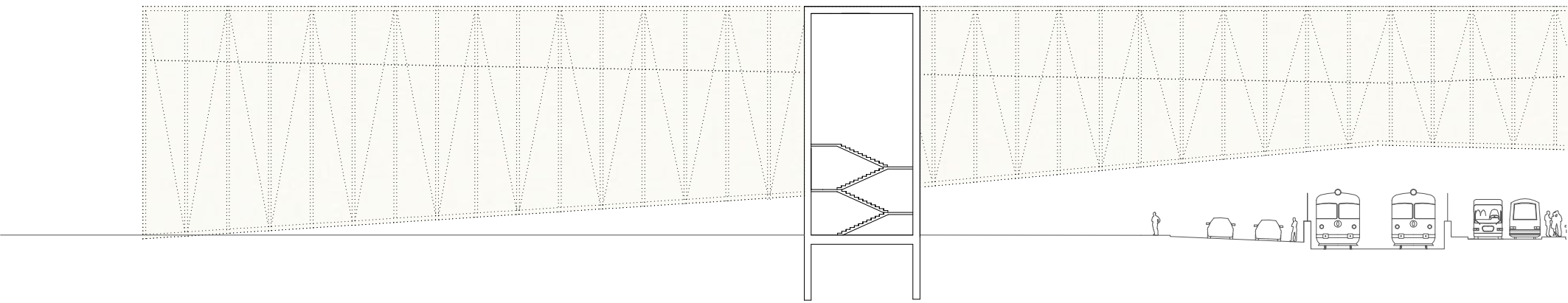
CORTE LONGITUDINAL BIB´
BANHOS .CIDADE



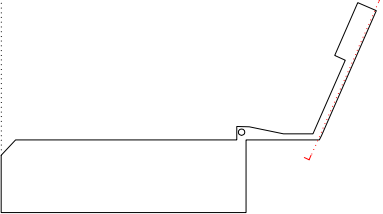
CORTE A.A´



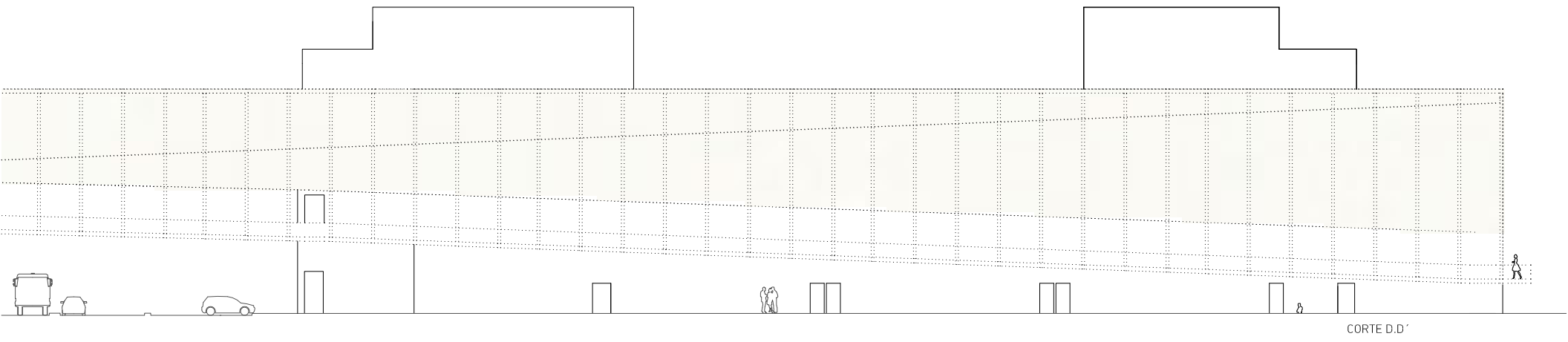
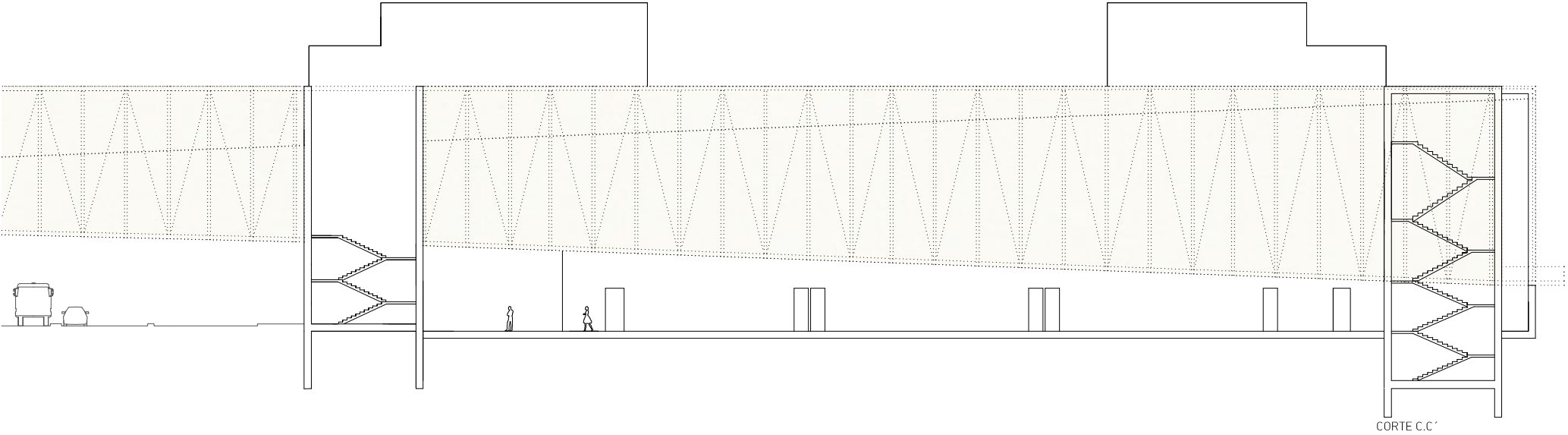
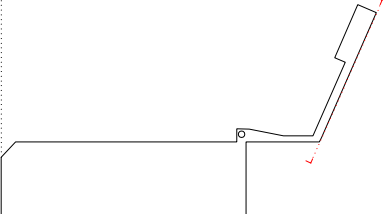
CORTE B.B´

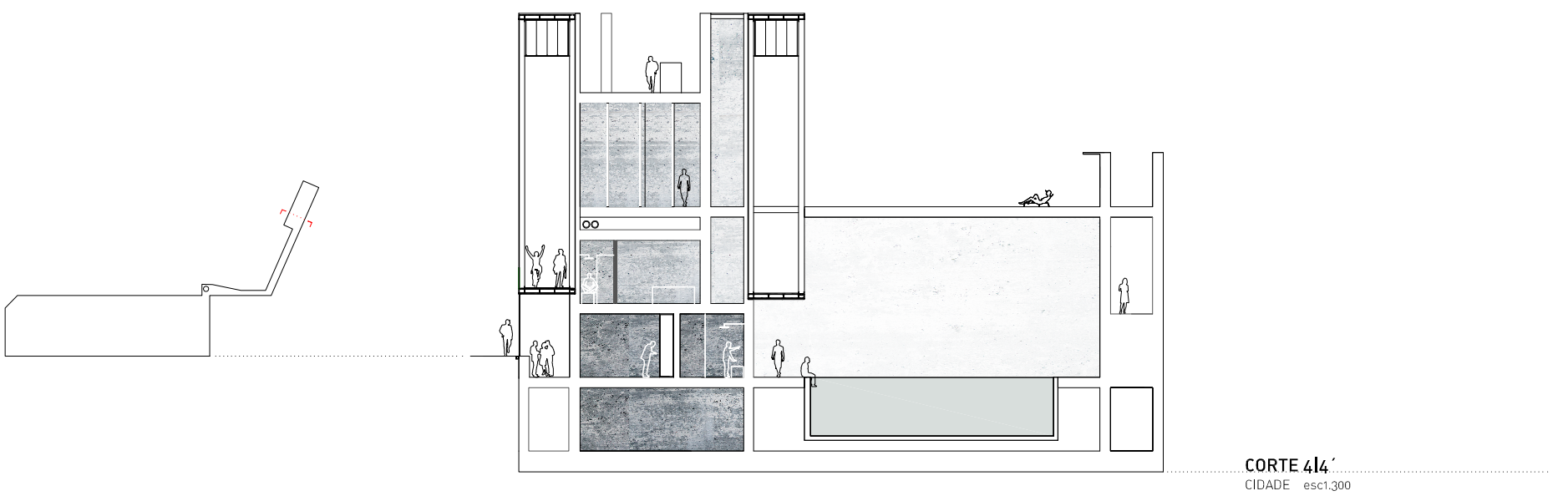
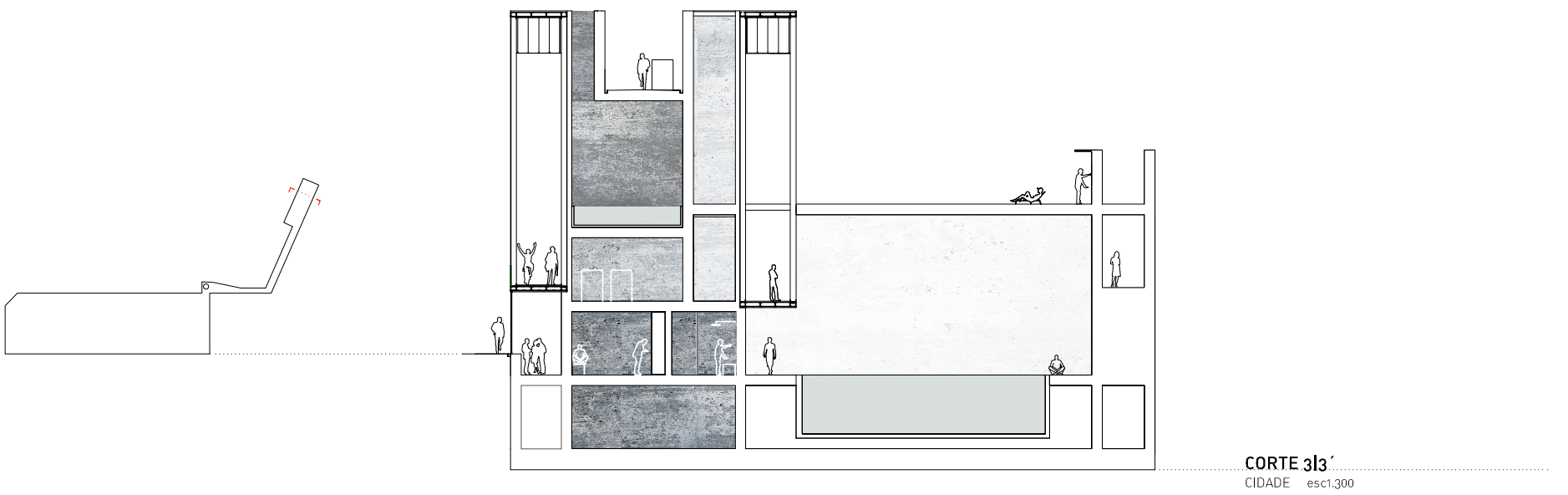
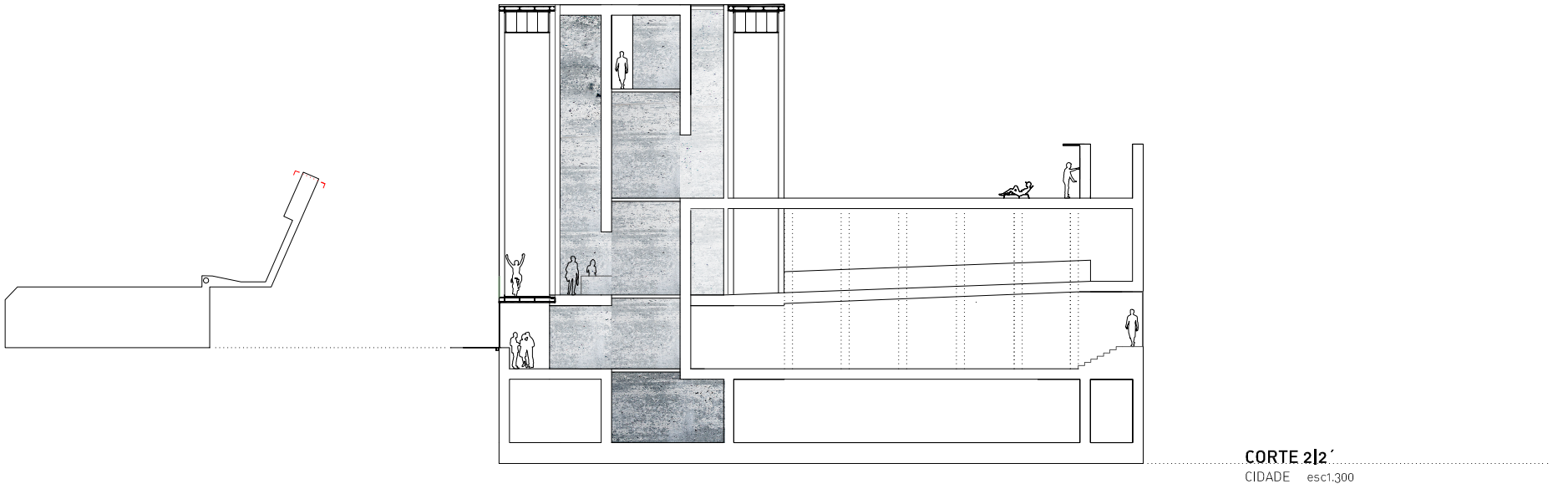
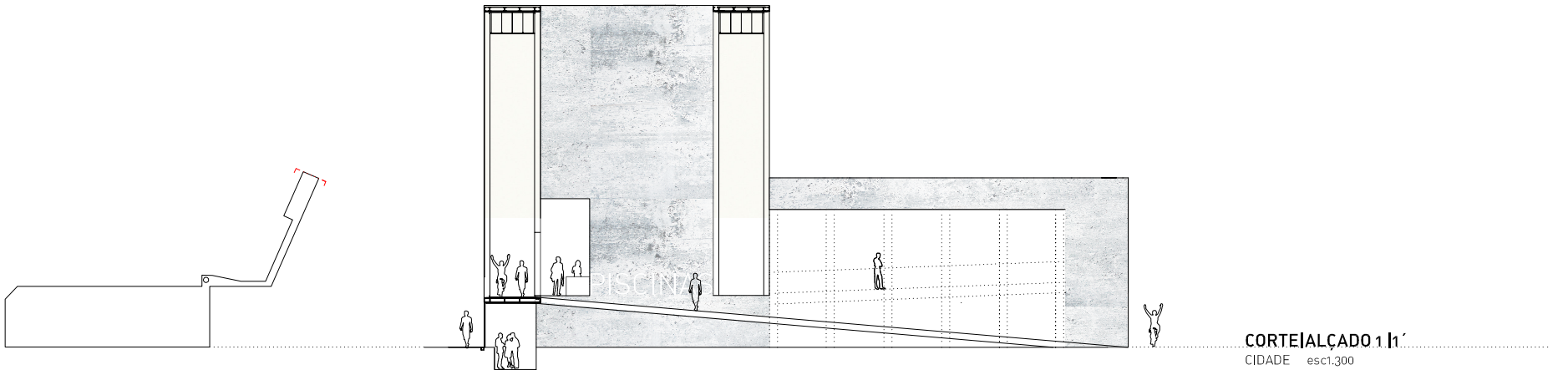


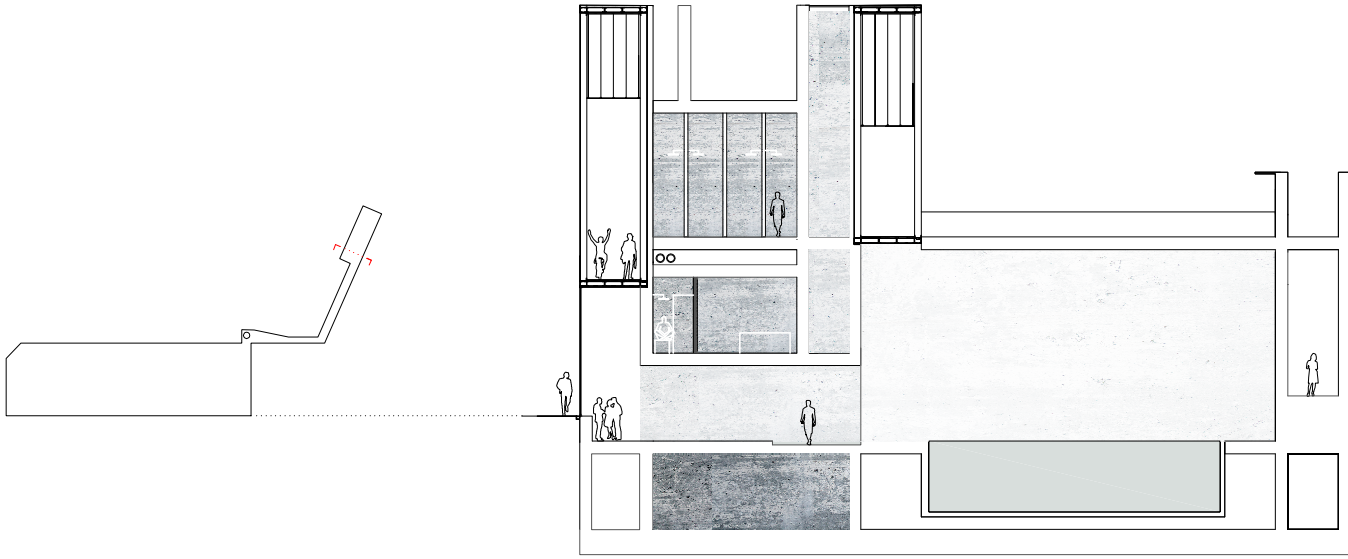
VIGA B. PERCURSO PÚBLICO
PÉ.SECO
CORTE LONGITUDINAL C1C'
BANHOS .CIDADE



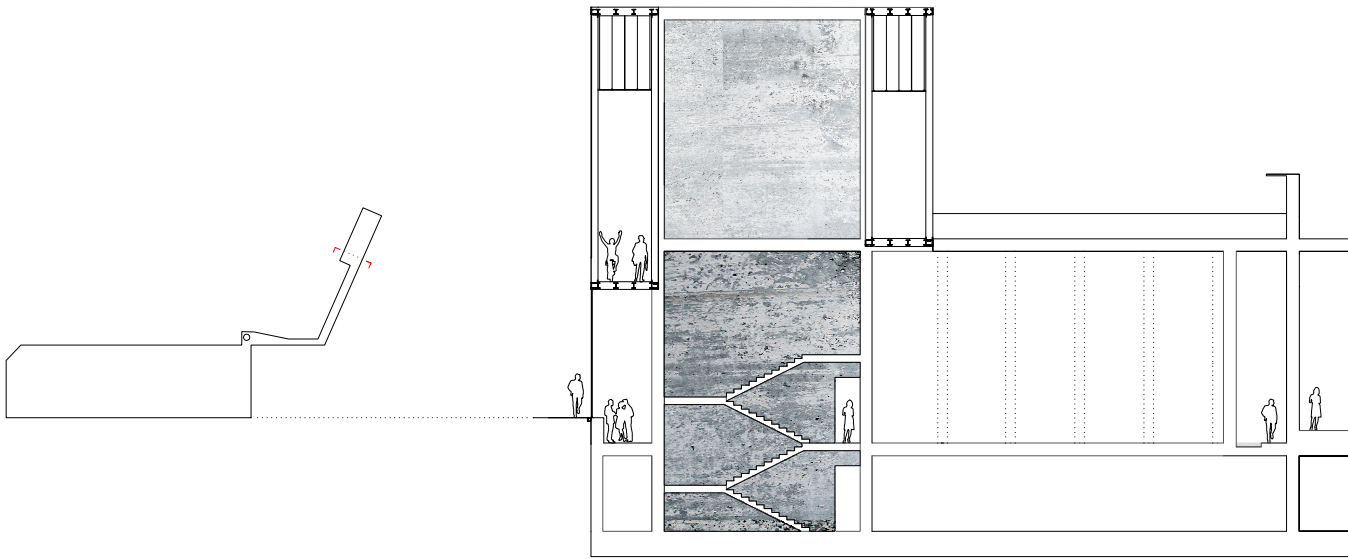
CORTE LONGITUDINAL D1D'
BANHOS .CIDADE







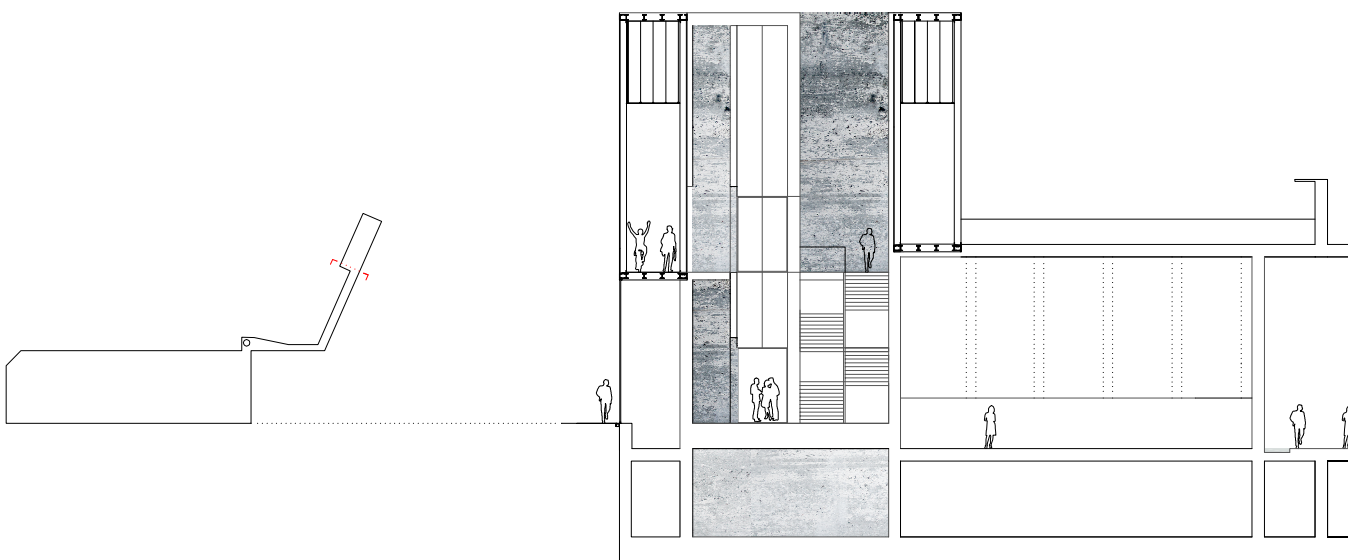
CORTE 515'
CIDADE esc1,300



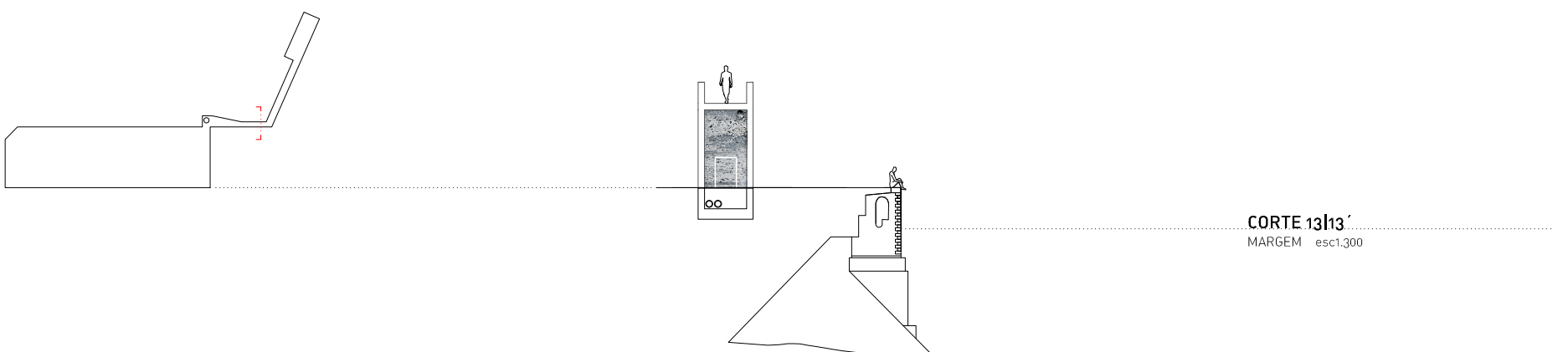
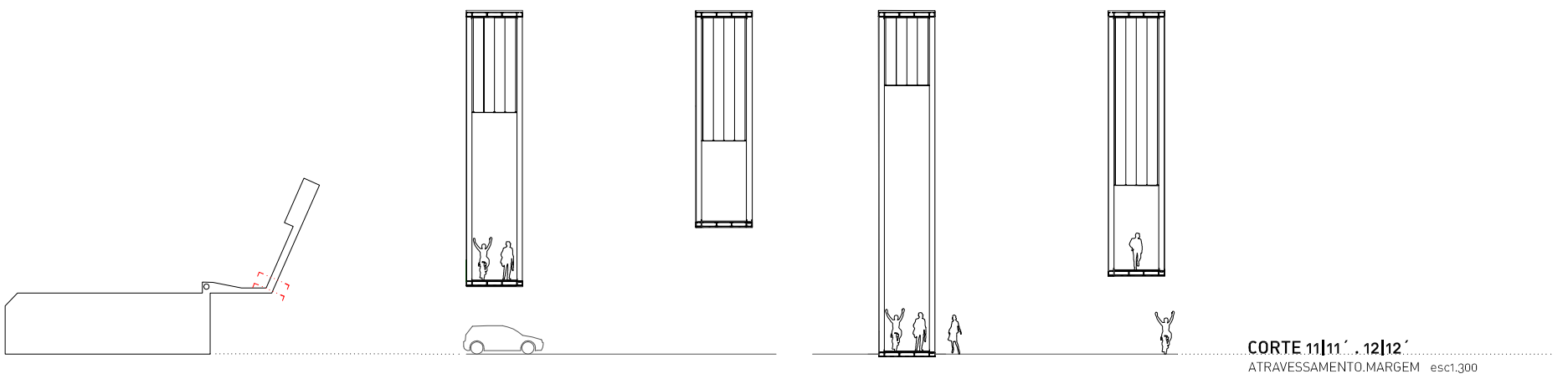
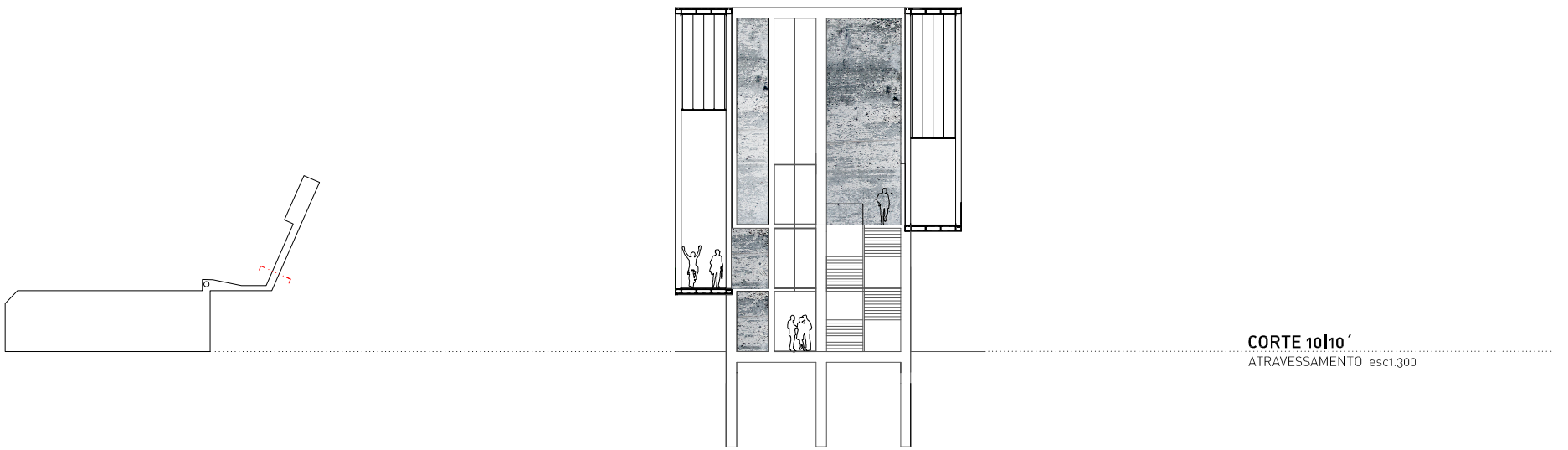
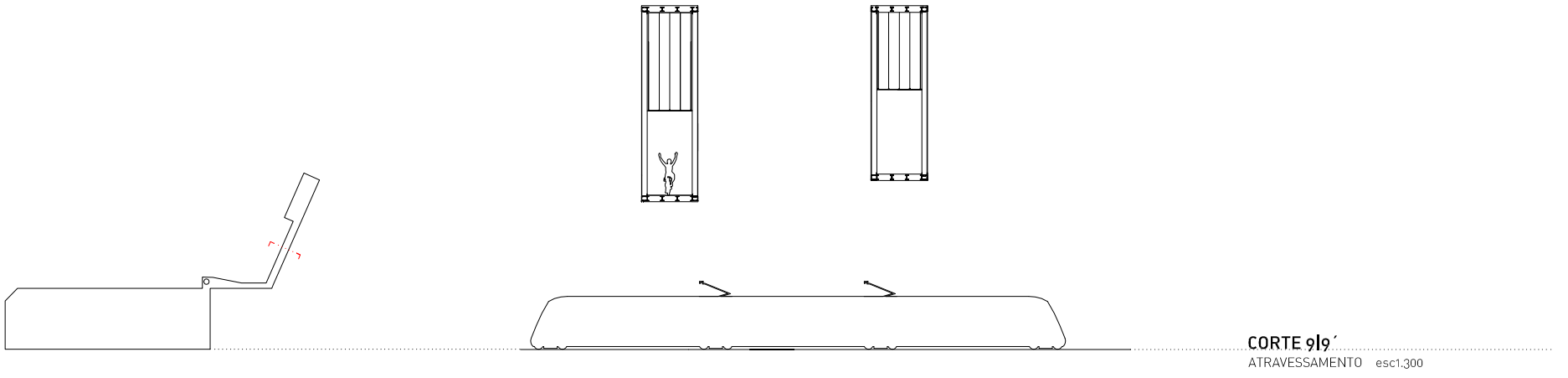
CORTE 616'
CIDADE esc1,300

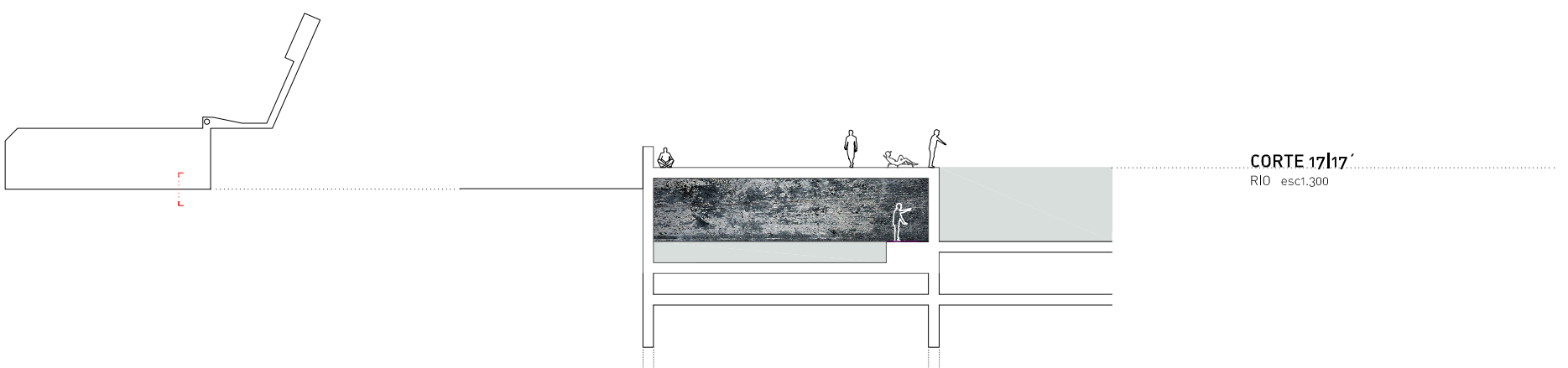
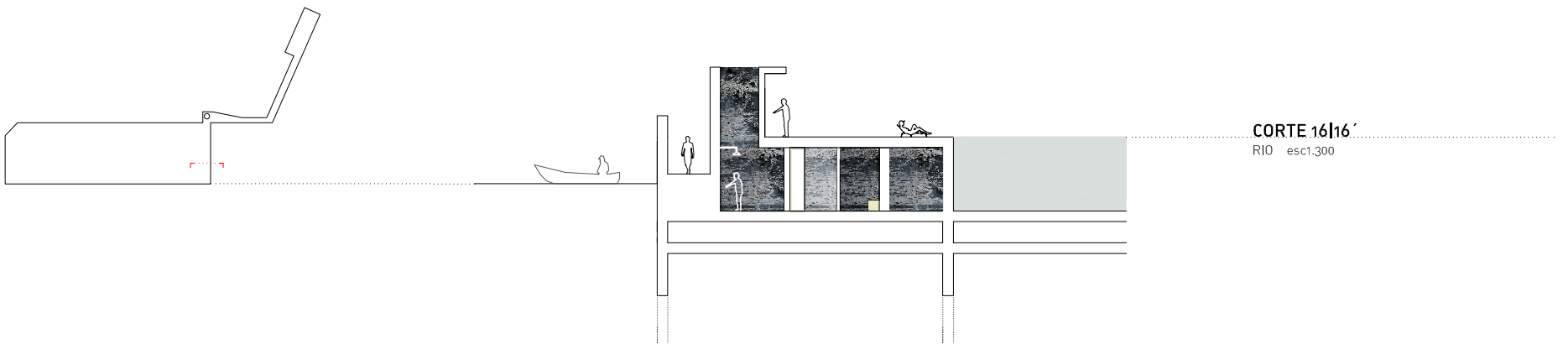
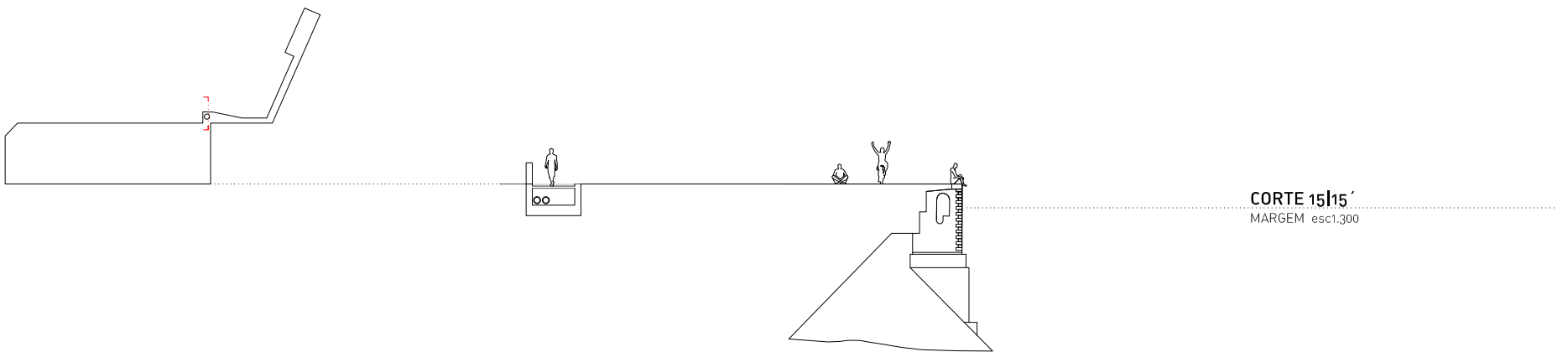
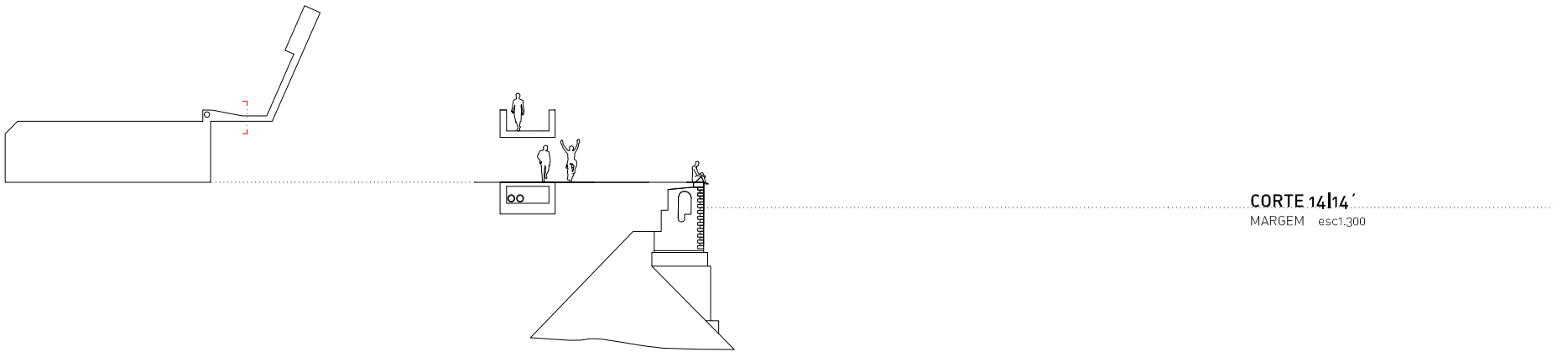


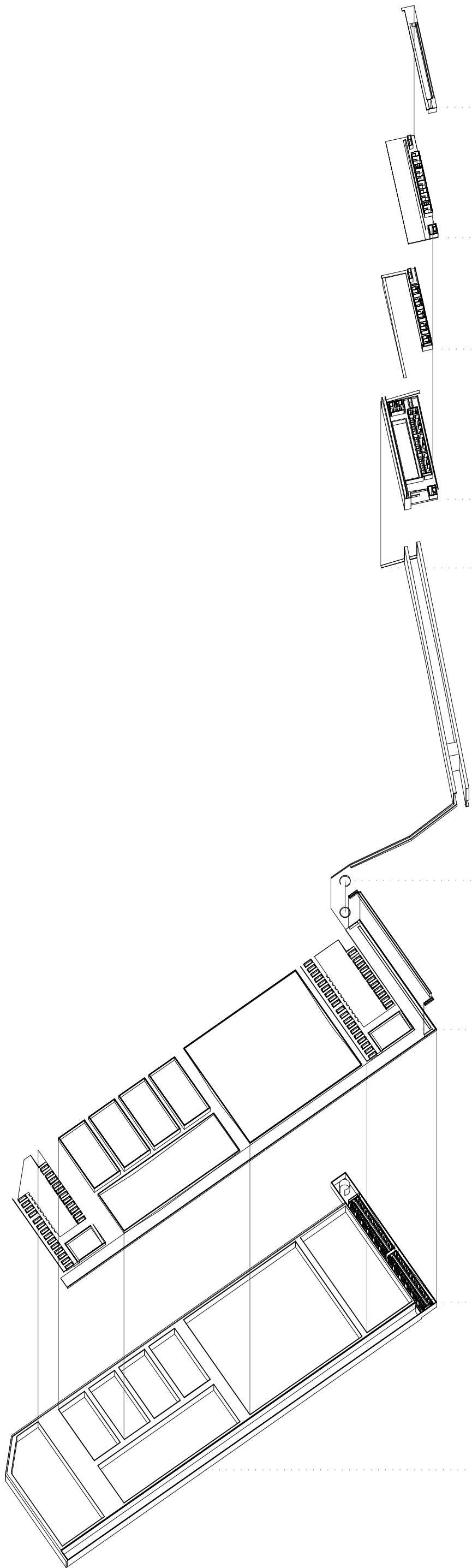
CORTE 717'
CIDADE esc1,300



CORTE 818'
CIDADE esc1,300







Axonometria da Proposta

PLANTA LAJE 4COTA 15
PISO TÉCNICO
ABERTURAS DOS BANHOS
ACESSOS

PLANTA LAJE 3 COTA 10
CAMARAS DE BANHOS QUENTE, TÉPIDO E FRIO
CAMARAS DE CHUVEIRO
I.S
SOLÁRIO
ACESSOS

PLANTA LAJE 2 COTA 6
APOIO DE RECEPÇÃO
CAMARAS DE MASSAGEM TERAPEUTICAS
CABINE DE CHUVEIRO ,I.S, CAMARA DE VESTIÁRIO
ZONAS TÉCNICAS
ACESSOS

PLANTA LAJE 2 COTA 3
RECEPÇÃO
FOIER
BALNEÁRIOS
PISCINA TANQUE DE BANHOS

VIGAS DE ATRAVESSAMENTO. PÉ MOLHADO
VIGA PÉ MOLHADO (ATRAVESSAMENTO PRIVADO AO
PROGRAMA) COTA 6 A COTA 4
ACESSOS VERTICAIS

VIGAS DE ATRAVESSAMENTO. PÉ SECO
VIGA PÉ SECO (ATRAVESSAMENTO PÚBLICO)
COTA 4 A COTA 4 (RUA SUSPENSA)

ACESSO BALNEÁRIOS PISCINA PÚBLICA
ACESSO RAMPEADO PÚBLICO
ACESSO VERTICAL(PÉ MOLHADO)
ACESSO RAMPEADO (PÉ MOLHADO)

PISCINA FLUVIAL REDEFINIÇÃO DE MARGEM COTA 4
4 PISCINAS OLIMPICAS
2 TANQUES DE BICAS
PEQUENOS TANQUES INDIVIDUAIS DE PRESSÃO E
VAPORIZAÇÃO DE ÁGUA
2 TANQUES DE ESTILO LIVRE
2 PISCINAS DE CRIANÇAS
ZONAS DE DESCANÇO
ATRAVESSAMENTOS TRANSVERSAIS
ZONA DE SOLÁRIO
CHUVEIROS EXTERIORES

BALNEÁRIOS COTA 1
CÁPSULAS DE VESTIÁRIO
CHUVEIROS
CAÇIFOS
I.S
ZONA RECEPÇÃO

BALNEÁRIOS COTA 0
ÁREA TÉCNICA TRATAMENTO DE ÁGUAS| DEPÓSITOS

CORTE CONSTRUTIVO ESC.1.50
banhos.cidade



LEGENDA:

Paredes

parede dupla de betão armado 0,5m
isolamento térmico-wallmate 0.05m

Lajes

laje em betão 0.5m
wallmate 0.05m

área técnica tanques interiores

parede de betão armado 0.2m
isolamento térmico interior -wallmate0.05m
painel de viroc acústico 0.22m
parede em betão armado 0.5m
isolamento térmico interior -wallmate 0.05m
tanques de tratamento de água
caldeiras de aquecimento

área de tanques (cápsulas de água)

tanque desligado da estrutura 1.2m de profundidade
abertura ao céu de 1m

piso de área técnica

laje em betão armado 0.5m
isolamento térmico roofmate 0.05m
imermeabilização -pintura betuminosa 0.01m
caleira de zinco
platibanda de zinco

Balneários

paredes em betão armado estruturais de 0.5m
paredes interiores em betão de 0.3m
estruturas de cacifo em madeira de bétula com tratamento anti fúngico

Piscina interior

Laje betão armado 0.5m
laje do tanque desligada 0.3m
Caleira Filandesa

Estruturas das Vigas

14 m de pé direito
2.60 de largura

207 m 197 m de comprimento
viga A e Viga B
75 m simplesmente apoiados

Lajes em betão pré esforçadas por cabos de aço 0.30m
Vigas de aço 3m soldadas entre si
travamentos transversais de 3 e em 3m
estrutura treliçada em aço 1.5m em1.5m
revestida por paineis aquapanel de 0.02m
betonado in situ
Tecto falso em Viroc Acústico 0.08m
suportes de tecto falso de aço
anilha de suporte dos cabo à Laje

Laje de assentamento 0.5m
betonilha de assentamento 0.04m
Cupolex
areia compactada

Parede exterior

caleira de zinco
grelha metálica
tela de impermeablização 0.01m
dreno

estrutura de suporte grelha metálica
vidro fixo -u.glass transparente

SISTEMAS CONSTRUTIVOS

Água

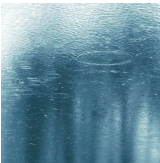


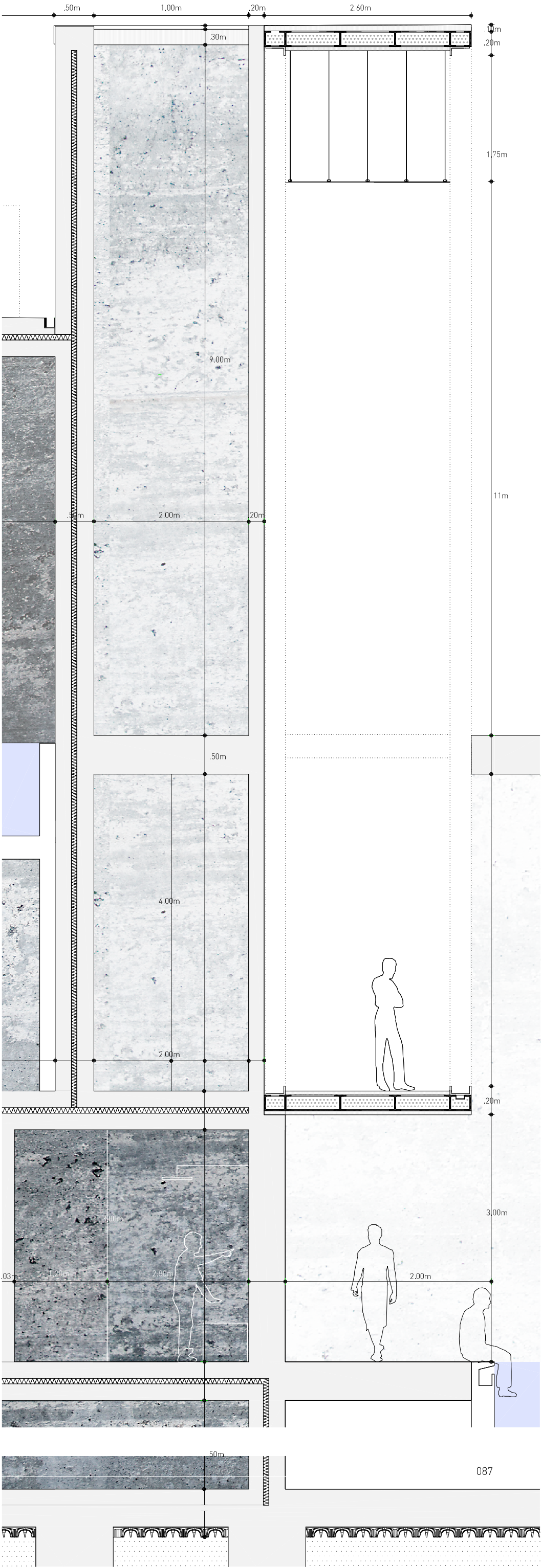
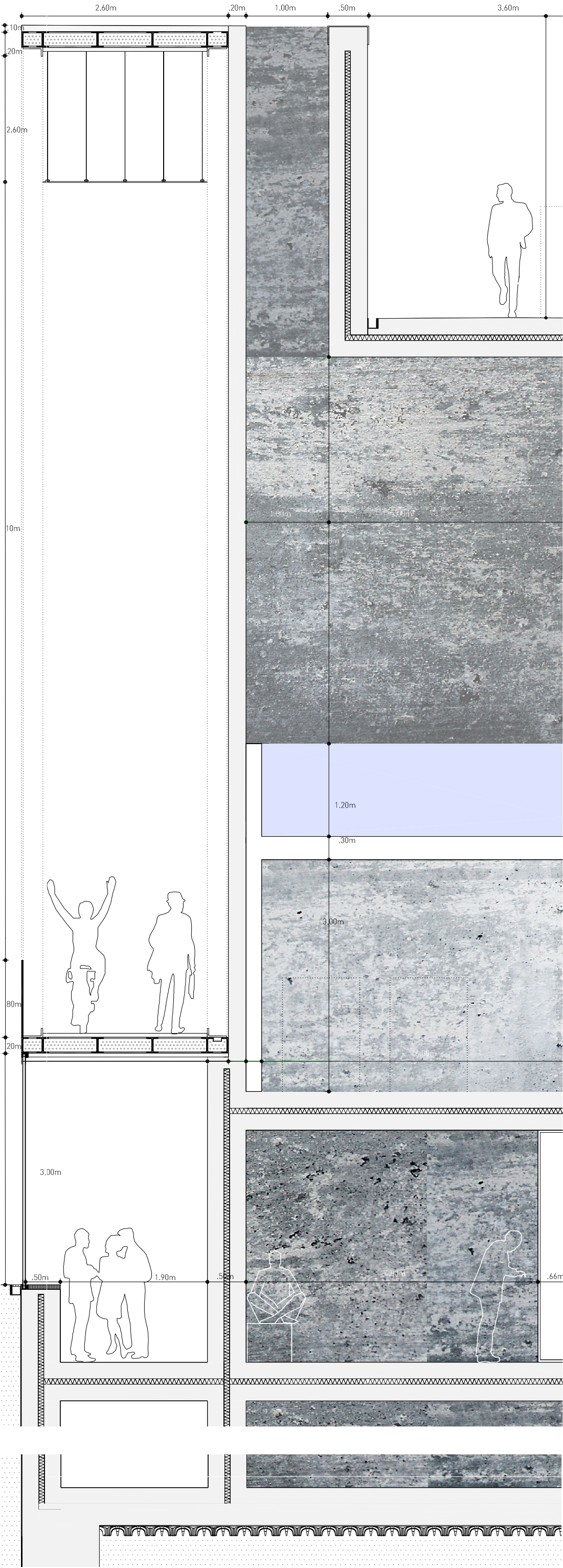
imagem 044

O tema piscinas, assume a utilização de água num sentido bastante específico e em grandes quantidades . Para suportar o consumo dos tanques e evitar o uso de água da rede tornando o edifício mais sustentável ,em grande parte esta água provem do rio Tejo , justificando a utilização de um sistema de tratamento tecnologicamente mais avançado .

A captação de água será feita numa plataforma técnica , muro de contenção das piscinas, passando por um tratamento de filtros de areia ,infra-vermelhos e depósitos de reagentes ,um sistema fechado que controla o nível de ph ,antes de entrar no sistema dos tanques de compensação. A necessidade deste tratamento feito á priori justifica-se pelo o nível de poluição actual das águas do rio Tejo, que se prevê que tenda a melhorar com o investimento na ETAR de Alcântara e com a Intervenção da Ribeira das Naus que prevê um melhoramento significativo da qualidade das águas do rio.

O aproveitamento de águas pluviais através do sistema de recolha de águas é utilizado nas descargas sanitárias, que prevêm a utilização de sistemas de menor consumo, as águas para consumo dos balneários e chuveiros é aquecida numa caldeira que se encontra no piso técnico e provém dos tanques de compensação.

O piso técnico situado á cota do tanque prevê a localização dos vários tanques de compensação ,do sistema de filtragem e das bombas de injeccção da água nos tanques , a importância deste circuito ser fechado justifica-se pelo o grande volume de água que é necessário para alimentar estes tanques, controlando e renovando á agua, evitando perdas mesmo apesar da água provir do rio.



Entre a Terra e o Mar em 75 "frames"

o percurso

Cortes de 3 em 3 metros transversais pelo percurso





O MERGULHO ... NO RIO

